



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

Mestrado em Ciências Militares – Especialidade Segurança

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

Missões Internacionais da GNR e as Implicações para as famílias dos militares

ALUNO: Aspirante Andreia Sofia Amaral Lopes

ORIENTADOR: Prof./Doutora Ana Romão

CO-ORIENTADOR: Capitão Pedro Nogueira

Lisboa, Agosto de 2011



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

Mestrado em Ciências Militares – Especialidade Segurança

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

Missões Internacionais da GNR e as Implicações para as famílias dos militares

ALUNO: Aspirante Andreia Sofia Amaral Lopes

ORIENTADOR: Prof./Doutora Ana Romão

CO-ORIENTADOR: Capitão Pedro Nogueira

Lisboa, Agosto de 2011

DEDICATÓRIA

*À minha família ao meu namorado;
e em especial a minha parceira.*

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é o resultado do empenho, dedicação, disponibilidade, compreensão e do sentido crítico de pessoas que merecem o meu mais sincero agradecimento.

Agradeço em primeiro lugar à Professora Doutora Ana Romão, pelo excelente desempenho do cargo de orientadora. Pela sua disponibilidade, entrega, dedicação e pelo espírito crítico e perfeccionista. Sem si este trabalho não teria, com certeza a mesma clareza e o rigor quer na escrita quer na forma.

Agradeço ao Capitão Pedro Nogueira, pela entrega, dedicação e pelos conhecimentos práticos sobre o tema. Desde logo disponibilizou todos meios humanos e materiais para pesquisa e posterior realização do trabalho.

Agradeço ao Major Oliveira, Comandante do Grupo de Intervenção de Ordem Pública pela disponibilidade, preocupação e pela colaboração na escolha dos indivíduos a entrevistar.

Agradeço a todos os que se disponibilizaram a conceder a entrevista, nomeadamente, aos Oficiais, Sargentos e Guardas da Unidade de Intervenção.

Agradeço às famílias dos militares pelas entrevistas generosamente concedidas.

Agradeço ao Major Silvério colocado actualmente no Instituto Superior de Estudos Militares, pela forma como me recebeu, pela disponibilidade em ajudar e por todos os contributos para o trabalho.

Agradeço à Secção de Transmissões da Unidade de Intervenção, nomeadamente ao Sargento Pinto por todas as informações concedidas e pelo tempo dispendido.

Agradeço ao Professor Ricardo pela ajuda na tradução do resumo e por todos os momentos de descontração proporcionados nas suas aulas de Inglês.

Agradeço ao Tenente-Coronel Canas Director do Centro de Psicologia e Intervenção Social da *GNR*, pela disponibilidade, simpatia e por toda a informação cedida.

Agradeço a todos os que, mesmo não sabendo, ao longo desta caminhada que é a vida, me ajudaram à transposição de obstáculos e à realização de sonhos. Não sou mais do que uma parte vossa em mim.

A todos, o meu sincero Obrigado.

RESUMO

Actualmente a Unidade de Intervenção é a unidade directamente responsável por projectar militares para Missões Internacionais, enviando para Timor, de seis em seis meses, um contingente constituído em média por 130 militares. Este tipo de empenhamento com esta rotatividade tem implicações para os militares e suas famílias. Importa compreender de que modo as dificuldades de comunicação interferem nas relações familiares e no equilíbrio mental do militar, verificando ao mesmo tempo quais são os factores associados a essas dificuldades.

O principal objectivo deste trabalho é pois identificar quais os problemas relacionados com a comunicação entre os militares deslocados e suas famílias.

Este trabalho assume características exploratórias, estabelece-se um conjunto de perguntas, definem-se hipóteses e procuram-se pistas de respostas através do trabalho de campo. O trabalho de campo teve por base o método de inquérito por entrevista. Realizaram-se quinze entrevistas semi-estruturadas aos vários comandantes dos contingentes, a sargentos, guardas do 10º Contingente e a esposas de militares que se disponibilizaram.

A maioria dos entrevistados considera que os meios de comunicação que estão à disposição são suficientes. O meio de comunicação mais utilizado é o telefone fixo, este é utilizado diariamente pela maioria dos entrevistados. Verifica-se que existe mais dificuldade em comunicar através da Internet e menos dificuldade utilizando o telefone. As principais dificuldades em manter contactos através da Internet prendem-se com o facto de esta estar constantemente a falhar.

Uma das sugestões apontadas por vários entrevistados é aumentar a capacidade da Internet, eventualmente adquirir Internet de Banda larga.

PALAVRAS - CHAVE: MILITARES, FAMÍLIA, MEIOS DE COMUNICAÇÃO, IMPLICAÇÕES.

ABSTRACT

The Intervention Unit is currently the unit directly responsible for organizing troops for International Missions, sending to East Timor, on average, a contingent of 130 soldiers every six months. This kind of commitment with this turnover has implications both for the soldiers and their families. It is important to understand how difficulties in communication interfere with family relationships and mental balance in the troops, while trying, at the same time, to determine the factors associated with these difficulties. The main objective of this paper is therefore to identify the problems related to communication between the soldiers detached and their respective families. This work is essentially exploratory, and we established a set of questions, defined hypotheses and attempted to find out clues to answers through the field work. The field work was based on the method of interview survey. There were fifteen semi-structured interviews to various contingent commanders, sergeants, officers of the 10th Contingent and their respective spouses. The majority of respondents believes that the media available are sufficient. The most widely used means of communication is the telephone; it is used daily by most respondents. It appears that there is more difficulty in communicating over the Internet, and less difficulty using the telephone. The main difficulties in maintaining contact through the Internet relate to the fact that it is constantly failing. One of the suggestions made by several interviewees is to increase the capacity of the Internet, namely by acquiring broadband Internet.

KEY - WORDS: TROOPS, FAMILY, MEANS OF COMMUNICATION, IMPLICATIONS.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE QUADROS.....	viii
LISTA DE SIGLAS.....	ix
INTRODUÇÃO	1
I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
CAPÍTULO 1- COMUNICAÇÃO E FAMÍLIA	4
1.1 - IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA.....	4
1.2 - A PROBLEMÁTICA DA DISTÂNCIA.....	6
1.3 - COMUNICAÇÃO	6
1.4 - STRESS	8
CAPÍTULO 2- CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO.....	10
2.1 - CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE INTERVENÇÃO	10
2.2 - OPERAÇÕES DE APOIO À PAZ	10
2.3 - MISSÕES INTERNACIONAIS DA GNR EM TIMOR-LESTE	13
2.4 - MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	14
2.5 - CENTRO DE PSICOLOGIA E INTERVENÇÃO SOCIAL	15
II - PARTE PRÁTICA	16
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	16
3.1 - MÉTODO DE ABORDAGEM	16
3.2 - HIPÓTESES PRÁTICAS.....	16
3.3 - METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	17
3.4 - EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO.....	17
3.5 - CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ANÁLISE.....	18
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	19
4.1 - CARACTERIZAÇÃO DOS MILITARES ENTREVISTADOS	19
4.2 - ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
4.2.1 - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO II	20
4.2.2 - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO III.....	26

4.3 - CARACTERIZAÇÃO DAS ESPOSAS ENTREVISTADAS.....	33
4.4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
4.4.1 - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO II	33
4.4.2 – ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO III.....	35
CAPÍTULO 5 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	39
5.1 - VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES INICIALMENTE FORMULADAS	39
5.2 - REFLEXÕES FINAIS	40
5.3 - LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO	43
5.4 - INVESTIGAÇÕES FUTURAS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
APÊNDICES.....	46
APÊNDICE A - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS MILITARES.....	46
APÊNDICE B - ENTREVISTA UM.....	51
APÊNDICE C - ENTREVISTA DOIS	57
APÊNDICE D - ENTREVISTA TRÊS	64
APÊNDICE E - ENTREVISTA QUATRO	70
APÊNDICE F - ENTREVISTA CINCO	75
APÊNDICE G - ENTREVISTA SEIS.....	80
APÊNDICE H - ENTREVISTA SETE.....	84
APÊNDICE I - ENTREVISTA OITO.....	90
APÊNDICE J - ENTREVISTA NOVE.....	94
APÊNDICE K - ENTREVISTA DEZ.....	98
APÊNDICE L - ENTREVISTA ONZE.....	102
APÊNDICE M - ENTREVISTA DOZE.....	105
APÊNDICE N - ENTREVISTA TREZE	109
APÊNDICE O - GUIÃO DA ENTREVISTA ÀS FAMÍLIAS.....	114
APÊNDICE P- ENTREVISTA UM À FAMÍLIA	119
APÊNDICE Q - ENTREVISTA DOIS À FAMÍLIA	123
ANEXOS	127

ANEXO A- MISSÕES REALIZADAS	127
ANEXO B - ORGANOGRAMA DO SUBAGRUPAMENTO BRAVO.....	129
ANEXO C - EFECTIVO DO 10º CONTINGENTE	130
ANEXO D - MEIOS DE COMUNICAÇÃO DÍSPONIVEIS EM TIMOR	131
ANEXO E - CHAMADAS REALIZADAS PELO10º CONTINGENTE.....	138
ANEXO F - HORÁRIO DAS CHAMADAS TELEFÓNICAS.....	139
ANEXO G - MODELO PSICOSSOCIAL DA GNR.....	140

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 4.1.1 - Caracterização sociográfica dos entrevistados	19
Quadro 4.2.1.1 - Análise dos resultados da questão nº1, do grupo II.....	20
Quadro 4.2.1.2 - Análise dos resultados da questão nº2 do grupo II.....	21
Quadro 4.2.1.3 - Análise dos resultados da questão nº3 do grupo II.....	21
Quadro 4.2.1.4 - Análise dos resultados da questão nº4 do grupo II.....	22
Quadro 4.2.1.5 - Análise dos resultados da questão nº 5 do grupo II.....	23
Quadro 4.2.1.6 - Análise dos resultados da questão nº6 do grupo II.....	24
Quadro 4.2.1.7 - Análise dos resultados da questão nº 7 do grupo II.....	25
Quadro 4.2.2.1 - Análise dos resultados da questão nº1 do grupo III.....	26
Quadro 4.2.2.2 - Análise dos resultados da questão nº2 do grupo III.....	27
Quadro 4.2.2.3 - Análise dos resultados da questão nº3 do grupo III.....	28
Quadro 4.2.2.4 - Análise dos resultados da questão nº4 do grupo III.....	29
Quadro 4.2.2.5 - Análise dos resultados da questão nº5 do grupo III.....	30
Quadro 4.2.2.6 - Análise dos resultados da questão nº 6 do grupo III.....	31
Quadro 4.2.2.7 - Análise dos resultados da questão nº 7 do grupo III.....	32
Quadro 4.3.1 - Caracterização sociográfica dos entrevistados	33
Quadro 4.4.1.1 - Análise dos resultados na questão nº1, do grupo II.....	33
Quadro 4.4.1.2 - Análise dos resultados na questão 2, do grupo II	34
Quadro 4.4.1.3 - Análise dos resultados obtidos na questão nº 3, do grupo II ...	34
Quadro 4.4.1.4 - Análise dos resultados obtidos na questão nº4, do grupo II	34
Quadro 4.4.1.5 - Análise dos resultados obtidos na questão nº5, do grupo II	34
Quadro 4.4.1.6 - Análise dos resultados obtidos na questão nº6, do grupo II	35
Quadro 4.4.1.7 - Análise dos resultados obtidos na questão nº 7, do grupo II ...	35
Quadro 4.4.2.1 - Análise dos resultados obtidos na questão nº1, do grupo III ...	35
Quadro 4.4.2.2 - Análise dos resultados obtidos na questão nº2, do grupo III ...	36
Quadro 4.4.2.3 - Análise dos resultados obtidos na questão nº 3, do grupo III ..	36
Quadro 4.4.2.4 - Análise dos resultados obtidos na questão nº4, do grupo III ...	36
Quadro 4.4.2.5 - Análise dos resultados obtidos na questão nº5, do grupo III ...	37
Quadro 4.4.2.6 - Análise dos resultados obtidos na questão nº6, do grupo III ...	37
Quadro 4.4.2.7 - Análise dos resultados obtidos no grupo III	38
Quadro 4.4.2.8 - Análise dos resultados obtidos na questão nº8, do grupo III ...	38

LISTA DE SIGLAS

CCOM	Centro de Comando de Operações Militares
GCG	General Comandante Geral
CIESS	Centro de Inactivação de Explosivos e Segurança em Subsolo
CIVPOL	Civil e Policial
CO	Comando Operacional
CPIS	Centro de Psicologia e Intervenção Social
CTAFMI	Centro de Treino e Aprontamento de Forças para Missões Internacionais
DO	Direcção de Operações
DRH	Direcção de Recursos Humanos
DCPF	Divisão de Cooperação e Projecção de Forças
E	Entrevista
FPU	Formed Police Unit
GIC	Grupo de Intervenção Cinotécnico
GIOE	Grupo de Intervenção de Operações Especiais
GIOP	Grupo de Intervenção de Ordem Pública
GIPS	Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro
GNR	Guarda Nacional Republicana
IC	Ideias Centrais
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPU	Integratde Police Unit
MI	Missões Internacionais
MSU	Multinational Specialized Units
OAP	Operações de Apoio à Paz
ORC	Operações de Resposta a Crises
SPU	Stability Police Units
TN	Território Nacional
UE	União Europeia
UNMIT	United Nations Integrated Mission in Timor-Leste
UI	Unidade de Intervenção

INTRODUÇÃO

De acordo com o plano de actividades curriculares dos cursos da Academia Militar, coube-me elaborar o presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) subordinado ao tema “missões internacionais da GNR e as implicações para as famílias dos militares”. Este trabalho tratará em particular dos problemas que se colocam à comunicação entre o militar e respectiva família durante a realização de uma missão internacional.

A UI tem sido consecutivamente solicitada para participar em missões Internacionais. Em Timor-leste encontra-se neste momento destacado o 11º contingente. Estas missões têm usualmente a duração de 6 meses, acrescentando que a grande maioria dos militares participa em mais do que uma missão. O facto dos militares se encontrarem algum tempo fora de Território Nacional, associado ao facto de terem em média uma missão por ano, trás consequências ao relacionamento familiar, podendo-se vir a reflectir num desequilíbrio emocional. Deduz-se que uma boa e regular comunicação entre ambas as partes se torna vantajoso tanto para o militar que se sente motivado como para a sua família que encontra uma espécie de equilíbrio na construção de uma nova rotina diária.

Consideramos a elaboração deste trabalho importante, uma vez que ainda não se realizou um estudo sobre os problemas de comunicação aquando do desempenho de Missões Internacionais. Tendo apenas sido estudado a parte operacional e logística das mesmas. Não podemos descurar as relações familiares, pois estas contribuem para manter o equilíbrio emocional dos militares, repercutindo-se este, inevitavelmente, no desempenho das suas tarefas diárias.

O problema de investigação deste trabalho incide sobre a comunicação à distância entre os militares destacados em Timor e suas famílias. Pretende-se saber quais são as modalidades de comunicação adoptadas nesse contexto e identificar eventuais problemas quanto à diversidade, qualidade e adequabilidade dos meios de comunicação a que os militares podem aceder durante a sua permanência em Timor-Leste.

Importa compreender de que modo as dificuldades de comunicação interferem nas relações familiares e no equilíbrio mental do militar, verificando ao mesmo tempo quais são os factores associados a essas dificuldades.

O principal objectivo deste trabalho é identificar quais os problemas relacionados com a comunicação entre os militares deslocados e suas famílias. Tal implicará a caracterização dos meios de comunicação à disposição dos militares, bem como a averiguação das condições de acesso a esses meios, a sua suficiência e a sua adequação à manutenção de contactos regulares com as famílias.

Face ao objectivo mencionado, surgem questões cuja resposta é fundamental para perceber e solucionar a problemática levantada.

Questão central:

Quais são as dificuldades comunicacionais sentidas pelos militares e respectivas famílias no decorrer de uma missão internacional?

Questões derivadas:

Quais os meios de comunicação mais utilizados? E porquê?

Que tipo de apoio disponibiliza a *GNR* às famílias dos militares destacados em missão?

Face a essas questões foram levantadas oito hipóteses práticas para a resolução das mesmas:

H1 - As dificuldades comunicacionais são sobretudo de ordem técnica (má qualidade das ligações, quebra constante do sinal, etc.).

H2 - As diferenças de fuso horário entre Portugal e Timor limitam a possibilidade de contacto regular entre famílias e militares.

H3 - Os custos inerentes, designadamente das chamadas telefónicas, limitam a frequência dos contactos.

H4 - As funcionalidades e facilidades associadas ao telefone fazem com que seja o meio de comunicação mais vulgarizado e mais frequente.

H5 - A Internet e os recursos comunicacionais que esta proporciona (correio electrónico, redes sociais, estilo *facebook* e outras) não adquirem grande presença na comunicação entre militares e família.

H6 - As famílias não se sentem suficientemente informadas sobre as funções desempenhadas pelos militares destacados.

H7 - O apoio dado a militares e respectiva família é escasso, só sendo possível obtê-lo em situações extremas.

H8 - As famílias não solicitam o apoio da estrutura da *GNR*, mesmo em caso de necessidade.

O presente trabalho encontra-se redigido de acordo com as orientações para a elaboração de trabalhos escritos da Academia Militar (ACADEMIA MILITAR, 2008). Obedecendo à metodologia empregue em ciências sociais.

O trabalho encontra-se dividido em duas partes fundamentais: a Parte Teórica e uma Parte Prática.

A Parte teórica onde se realizou a revisão da literatura existente, nomeadamente, livros, publicações periódicas e diplomas legais. Esta é constituída por dois capítulos, no primeiro capítulo é abordada a família, a comunicação e o stress por vezes sentido pelos militares nestas missões. Segue-se um segundo capítulo que se debruçará sobre a Unidade que está directamente ligada à projecção e aprontamento dos militares para estas missões. Falaremos especificamente do tipo de missões que se desempenha em Timor (missões de apoio à paz), aborda-se os meios de comunicação existente e os apoios que os militares e respectivas famílias têm à disposição.

Relativamente à Parte Prática, esta é constituída por dois capítulos. No terceiro capítulo é apresentada a metodologia que foi utilizada para a realização do trabalho de campo. O trabalho de campo teve por base o método de inquérito por entrevista. Realizaram-se quinze entrevistas semi-estruturadas aos vários comandantes dos contingentes, a sargentos, guardas do 10º Contingente e a esposas de militares que se disponibilizaram.

No quarto capítulo são apresentados e analisados os resultados que se obtiveram nas entrevistas.

Por último apresentam-se a conclusões, procede-se à validação ou não das hipóteses práticas anteriormente levantadas. Apresentam-se as limitações sentidas na realização do trabalho, e uma proposta de uma possível investigação futura e uma sugestão para melhorar o apoio aos militares e respectivas famílias.

I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1- COMUNICAÇÃO E FAMÍLIA

1.1 - IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA

A família é fundamental, é a base para o equilíbrio de qualquer ser humano. É na família que reside, na maioria das vezes, a solução dos nossos problemas. Para HIRONAKA “ela é uma entidade histórica, ancestral como a História, interligada com os rumos e desvios da História ela mesma, mutável na exacta medida em que mudam as estruturas e a arquitectura da própria História através dos tempos” (2001:16).

Neste trabalho a família assume um papel primordial, na medida em que interfere directamente no dia-a-dia dos militares que estão destacados em Timor-Leste.

De acordo com o *INE* a família é o “conjunto de indivíduos que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento, considera-se também família clássica qualquer pessoa independente que ocupa uma parte ou totalidade de uma unidade de alojamento. Os empregados domésticos residentes no alojamento onde prestam serviço são integrados na respectiva família” (*INE*, 2003). Reflectindo sobre o conceito de alojamento, este não pode ser interpretado como um critério absoluto para a qualificação da família, uma vez que não tem em conta, por exemplo, situações de pais idosos que durante o dia estão em casa dos filhos, mas à noite preferem ir dormir à própria casa. Embora pertençam à mesma família com um grau de parentesco consanguíneo, não partilham o mesmo alojamento, não sendo considerados, por isso, membros da mesma família para o *INE*.

Como referido anteriormente, o conceito de família é mutável ao longo dos tempos, sendo divergente de cultura para cultura. Na diversidade cultural nascem famílias com características distintas. Os países Orientais possuem uma cultura familiar bastante diferente da cultura familiar do Ocidente. No primeiro caso são usuais as famílias com casamentos poligâmicos sendo a prática mais usual “o casamento celebrado entre um homem e várias mulheres” (AMARO, 2006:16), enquanto no segundo se pratica o casamento monogâmico “o qual pode ser definido como união exclusiva de um homem e de uma mulher, com uma relação sexual socialmente aceite” (AMARO, 2006:15). Esta versão de casamento monogâmico não se encontra de acordo com a realidade actual, uma vez que não contempla os casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Em alguns países como Espanha, Bélgica, Holanda, Reino Unido e Portugal o casamento deixa de ser um acto celebrado apenas por pessoas de sexos diferentes para passar a ser

celebrado entre pessoas do mesmo sexo. A partir do ano de 2010 foi possível realizar em Portugal este tipo de casamentos. A Lei nº9/2010, de 31 de Maio, no seu artigo 1º, permite “o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo”, obrigando a uma redacção dos artigos 1577º, 1591º e 1690º do Código Civil. Esta lei entrou em vigor no dia cinco de Junho do mesmo ano, sendo que no dia sete, desse mesmo mês, ocorreram os primeiros casamentos homossexuais em Portugal.

Na perspectiva de AMARO (2006:71), as famílias contemporâneas podem dividir-se em diferentes tipos: a família nuclear que é constituída por pais e filhos; a família extensa, isto é, para além dos pais e dos filhos estende-se a tios, avós; existem ainda famílias unipessoais formadas por exemplo por pessoas solteiras ou viúvas; famílias reconstruídas, resultando da junção de filhos de um dos cônjuges; e o tipo de família mais recente que são as famílias homossexuais formadas por pessoas do mesmo sexo, com ou sem filhos. Relativamente às famílias monoparentais, a definição das mesmas está longe de um consenso, apesar da heterogeneidade de situações que abarca, ser mãe ou pai sozinho não é uma situação actual de acordo com CORREIA (2010:131). “Este tipo de famílias sempre existiu, embora estivesse essencialmente ligada a situações relacionadas com ausência/ emigração masculina, falecimento de um dos cônjuges, ou o celibato feminino associado ao nascimento de filhos fora do casamento. As famílias monoparentais, decorrentes de uma separação ou de um divórcio, num passado mais ou menos recente, eram praticamente ausentes” (CORREIA, 2010:131).

Actualmente é extremamente importante conciliar a vida profissional com a vida familiar, as alterações da vida profissional conduziram a alterações profundas na articulação entre estas duas esferas. Este facto deve-se a vários factores como “o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, a rejeição de um modelo de família assente no provedor masculino, a flexibilidade e intensificação dos tempos de trabalho, a persistente desigualdade de género face ao emprego e ao trabalho doméstico” (WALL, 2010:97).

De acordo com WALL (2010:97), um estudo realizado sobre o modo de articular a vida profissional e familiar, revelou índices de stress provocados pelas influências recíprocas destas duas esferas, mas também as tensões vividas em cada uma delas. De seguida são enumerados algumas das variáveis que criam stress ao conciliar-se a profissão com a família, nomeadamente: “o tipo de profissão, o número de horas de trabalho, o sexo (dada a existência de expectativas diferentes a nível dos papéis de género), a presença de crianças pequenas e divisão de tarefas nos cuidados com os filhos e tarefas domésticas” (WALL, 2010:98). Por outro lado, segundo a mesma autora, longos horários de trabalho e a ausência de entajuda conjugal nos cuidados às crianças pequenas, podem ser geradores de conflito entre as duas esferas, pela ansiedade e cansaço causados no cônjuge sobrecarregado e nos comportamentos e responsabilidades da vida profissional (2010:99).

1.2 - A PROBLEMÁTICA DA DISTÂNCIA

Presentemente, a distância deixou de ser um factor de preocupação. Hoje em dia, temos ao nosso dispor vários meios de transporte que permitem percorrer grandes distâncias em pouco tempo. Na época medieval a distância era encarada de maneira diferente, não existia unidade de medida, sendo a distância da viagem contada em dias.

Agora temos à nossa disposição diferentes meios de transporte, o avião permite-nos fazer, por exemplo, a ligação Lisboa-Londres em pouco mais de duas horas.

As sociedades revolucionaram o modo como encaramos a distância, criaram mecanismos e meios que nos permitem comunicar em tempo real, criando a sensação de se estar mais perto de quem está longe. “A sociedade em rede, derrubou fronteiras e gerou uma nova economia, afirmando-se simultaneamente como um meio de comunicação global,” (MARTINS, 2008:135), ainda na opinião do mesmo autor, “ a Internet é um novo *media* complexo, que contribui para a comunicação e integração de vários canais de comunicação convencionais, incluindo a rádio e a televisão, numa rede interactiva e global” (MARTINS, 2008:155).

“As tecnologias de informação e da comunicação, bem como a revolução digital, fizeram entrar a sociedade numa nova era, cujas principais características são o transporte instantâneo de dados e a proliferação de redes electrónicas” (MARTINS, 2008:150).

1.3 - COMUNICAÇÃO

A comunicação existe desde os tempos primordiais, o Homem das cavernas já comunicava embora, a designação não fosse equacionada como a actual. Desde sempre houve a necessidade de comunicar e de transmitir algo aos outros, nesse tempo, a comunicação, estava inteiramente ligada ao instinto de sobrevivência.

A comunicação é uma experiência pela qual todos passamos, “à escala individual a comunicação é coextensiva a toda a experiência humana, no sentido em que funda a relação de cada um com o mundo e com o outro. Partindo deste pressuposto, ela é simplesmente vital, embora seja uma experiência feita, desde muito cedo, antes mesmo da linguagem, e de grandes decepções” (WOLTON, 1999:35). Existem várias definições de comunicação, entendidas por vários autores e de acordo com determinada temática/área científica, centremo-nos na de LECLERC “à noção de comunicação significa portanto aqui a transmissão das informações, das mensagens que se referem a acontecimentos ou a estados de coisas provenientes de locais mais ou menos afastados, pelos meios de transporte existentes numa dada época: mensageiro a pé, mensageiro a cavalo, barco, caminhos-de-ferro, *media* eléctricos e electrónicos” (2000:40)

A comunicação sofreu uma enorme transformação acompanhando a evolução das civilizações e as diversas revoluções ao nível da indústria que, embora parecendo não ter

grande influência revolucionaram, nomeadamente, o meio de comunicação tornando-a mais rápida e eficiente.

A comunicação, ou a forma como comunicamos, sofreu várias transformações e passou por vários estados como é descrito por LECLERC “ A história da comunicação conheceu várias etapas importantes. Primeiro o estado de oralidade, que supõe a comunicação contínua entre emissor e receptor, no espaço e no tempo para que se possa fazer a transmissão da mensagem. Vem depois o estado da escrita que permite uma comunicação descontínua entre emissores e receptores afastados no espaço e no tempo. Independentemente dos progressos consideráveis que foram tornados possíveis pela escrita, a velocidade da comunicação dependeu durante grande parte da História (na realidade até ao século XIX) do deslocamento do mensageiro e portanto do estado das técnicas de transporte dos Homens” (LECLERC, 2000:40). A comunicação, de acordo com LECLERC (2000:45), era entendida como a transmissão de mensagens ou informações, implicava dois grandes modos operatórios: por um lado o deslocamento de homens (os mensageiros); outro modo era a transmissão directa das mensagens por meios técnicos que não implicassem o deslocamento de pessoas. O aparecimento das telecomunicações revolucionou a forma e a velocidade de transmissão de informação, “significam a instantaneidade da transmissão das mensagens e uma exactidão total na reprodução do conteúdo dos enunciados (conversas, textos, imagens)” (LECLERC, 2000:46).

“As tecnologias de informação e da comunicação, bem como a revolução digital, fizeram entrar a sociedade numa nova era, cujas principais características são o transporte instantâneo de dados e a proliferação de redes electrónicas” (MARTINS, 2008:150) este tipo de funcionalidade digital veio permitir comunicar com maior rapidez e contribuiu para a “(...) diminuição do custo de comunicações” (MARTINS, 2008:150). Esta nova sociedade denominada em rede veio derrubar fronteiras e gerar uma nova economia, funcionando simultaneamente como um meio de comunicação à escala global.

A comunicação não atinge todas as pessoas da mesma forma, daí resulta um divergência na forma de comunicar, as gerações mais recentes comunicam e partilham mais informação através das redes sociais e através do email do que os seus pais. Daí que ela “(...) não atinge todos da mesma maneira, pois o público é diferente” (MARTINS, 2008:138), no entanto “a utilização desses meios modernos de difusão está a ser generalizada em todas as camadas sociais da população” (BRETON, 1997:174)

A internet é o meio de comunicação mais completo, possui imensa informação sobre os mais variados temas, através dela consegue-se comunicar com o outro lado do mundo a partir de um simples “*clique*”. A internet consegue “cobrir todo o espectro da comunicação humana, da política à religião, do sexo à investigação, é o comércio electrónico que materializa actualmente um dos aspectos nucleares da Internet” (MARTINS, 2008:144).

A internet como meio de comunicação de massas causa efeitos na sociedade, funciona como um factor de transformação social e das relações de poder, no entanto ela também é modificada quer pelas sociedades, quer pelas diversas organizações e a uma escala menor pode ser modificada pelo indivíduo. “Um dos melhores exemplos do impacto social associado à Internet, foi o papel por ela desempenhado no conflito de Timor, ao estabelecer redes de apoio internacional que permitiram pressionar directamente e de várias formas os principais intervenientes no conflito: Indonésia, Conselho de Segurança das Nações Unidas e Estados Unidos da América” (MARTINS, 2008:148).

1.4 - STRESS

A participação em missões internacionais está associada a determinados problemas que estão relacionados com situações de expatriação. FINURAS (1999 pp. 155 a 158) aponta alguns deles, nomeadamente, ao nível familiar, é o caso de problemas entre o casal e a escolaridade dos filhos. Por outro lado existem dificuldades de adaptação que se prendem com a língua, adaptação a uma nova cultura. Este tipo de constrangimentos, em concreto, pode levar a sentimentos de angústia, impotência ou até de hostilidade face a esse novo ambiente; conseqüentemente pode levar a um desequilíbrio físico sendo necessário nesta altura um maior acompanhamento médico.

Uma forma de prevenção dos riscos associados à expatriação é a preparação prévia, desenvolver mecanismos de conhecimento e adaptação ao novo local. Existem temas que devem ser obrigatoriamente transmitidos de forma a reduzir os problemas de adaptação, nomeadamente: “Orientação social do país estrangeiro; estilos cognitivos e aspectos psicossociológicos do novo país; sistema de valores dominante; padrões de comunicação; *locus* de decisão nos negócios e na gestão; fontes de redução da ansiedade; atitudes face ao poder, à autoridade, às regras e ao desconhecido” (FINURAS, 1999:158).

Um factor que pode interferir, directa ou indirectamente, aquando de uma expatriação é o stress “A participação dos militares em Missões de Paz é considerada um factor potenciador do desenvolvimento de desordens psiquiátricas, com particular relevância para a Perturbação de Stress Pós-traumático (PSPT), visto (...) poderem ser expostos a stressores similares aos da situação de guerra convencional” (GREENBERG et al (2008, citado por FERRAJÃO, 2010:182). “A participação no cenário duma Missão de Paz constitui uma experiência adversa sobre o funcionamento psicológico dos militares participantes nas mesmas, com efeitos sobre o bem-estar psicológico” (FERRAJÃO, 2010:194).

De seguida o nosso enfoque vai para os indutores de stress, existem indutores de stress psicológico anteriores e posteriores ao deslocamento. Segundo SURRADOR (2002 pp. 155 a 159), pode subdividir-se, em três áreas: o stress pré deslocamento, a primeira ligada aos indutores de natureza individual, a segunda encontra-se ligada a situações associadas com a separação familiar e a terceira ligada a factores ligados ao deslocamento.

Como indutores de natureza individual considerados mais importantes os seguintes:

- “- Atitude perante a nomeação para a missão, (...) no caso do militar não ser voluntário;
- Confiança em si, confiança na Unidade, especialmente quando os militares que a constituem é desconhecida entre si, facto que poderá ocasionar relações de desconfiança;
- Experiência de anteriores deslocamentos, negativas;
- Instabilidade e insegurança relativamente às relações familiares e preocupação com a saúde (doenças locais) ” (SURREADOR, 2002:155).

Relativamente às situações associadas com a separação familiar o autor destaca as seguintes:

- Apreensão relativamente a acontecimentos familiares que possam ocorrer durante a separação, nomeadamente a ausência em situações críticas;
- Atitude de pressão da família perante a nomeação para a missão, casamentos, nascimentos e noivados recentes;
- Confiança no apoio social que a família poderá receber durante a sua ausência, particularmente o medo que ela possa ser esquecida se acontecer algo de anormal ao militar; e experiências anteriores de separação;
- Tempo de separação da família, de acordo com SURREADOR (2002:155).

Falta falar sobre os factores que estão associados ao deslocamento estes prendem-se com:

- Aspectos de natureza logística, ausência de informação ou ambiguidade sobre a natureza, objectivos e tarefas da missão;
- Condições de vida e de trabalho, confiança na preparação recebida e no comando;
- Dificuldades de comunicação com o território nacional (e.g., correio, telefone);
- Incerteza quanto à duração da missão, localização geográfica (e.g., terreno, meteorologia);
- Medos relacionados com o desconhecimento da cultura local, aborrecimento;
- Comunicação, dificuldades de comunicar com: o comando, a família (dificuldades em telefonar para casa e para amigos, atrasos no correio, falta de privacidade durante o contacto telefónico);
- Isolamento, resulta da: separação da família (estar longe de casa, distanciamento físico da família e dos amigos, notícias desagradáveis sobre a mesma, doenças, infidelidade conjugal, mortes, problemas graves, inquietação crescente quanto à segurança e ao bem-estar da família, capacidade de resposta às crises familiares, lutos, divórcios, rompimentos de noivado, etc, estes fenómenos poderão ser incrementados se houver dificuldades de comunicação); problemas de relacionamento (má relação inter-escalões) ” (SURREADOR, 2002 pp.155 a 158).

Passando aos factores de stress psicológico após o deslocamento este resume-se, a uma adaptação ao estilo de vida anterior à partida, de acordo com (SURREADOR, 2002:16).

CAPÍTULO 2- CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

2.1 - CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE INTERVENÇÃO

A UI foi criada com a Lei nº 63/2007, de 6 de Novembro, a qual aprova a orgânica da *GNR*. O artigo 44º da referida Lei menciona a UI como uma unidade especialmente vocacionada para as missões de restabelecimento da ordem pública; resolução e gestão de incidentes críticos; intervenção táctica em situações de violência concertada e de elevada perigosidade, complexidade e risco; segurança de instalações sensíveis de grandes eventos; inactivação de engenhos explosivos; protecção e socorro e aprontamento e projecção de forças para missões internacionais. Da missão da supracitada unidade resulta a criação de várias subunidades em áreas distintas, nomeadamente, GIOP, o GIOE, o GIPS, o GIC, integrando a mesma o CIESS e o CTAFMI.

O GIOP tem como missão a manutenção e restabelecimento da Ordem Pública bem como garantir a segurança de instalações sensíveis e grandes eventos, a resolução de incidentes críticos, a participação em MI com forças constituídas e ainda apoiar as demais Unidades da Guarda. O GIOE tem por missão realizar operações especiais em situações de violência concertada e de elevada perigosidade, complexidade e risco; garantir a segurança de pessoas, bens e infra-estruturas alvo de especial ameaça; compete-lhes a resolução de incidentes táctico-policiais e intervenção em acções de contra-terrorismo. O GIPS visa a execução de acções de prevenção e de intervenção de primeira linha, em todo o TN, em situações de emergência de protecção e socorro especificamente em matéria de incêndios florestais, matérias perigosas, catástrofes e acidentes graves. Ao GIC compete gerir o emprego operacional dos meios Cinotécnicos bem como a remonta de canídeos a formação, actualização, inspecção técnica e uniformização de procedimentos em toda a Guarda. O CIESS tem por competência a inactivação de engenhos explosivos improvisados. Por último o CTAFMI é a subunidade responsável pela preparação e aprontamento de forças para missões internacionais.

2.2 - OPERAÇÕES DE APOIO À PAZ

A *GNR* devido ao seu estatuto militar e civil, encontra-se na dependência funcional do Ministério da Defesa Nacional e do Ministério da Administração Interna, sendo semelhante às forças denominadas de cariz Gendármico, distingue-se de outras forças policiais com estatuto civil como é o caso da Polícia de Segurança Pública. Este tipo de força traz vantagens, contrariamente às Forças Armadas ou das Forças Policiais Civis cuja área de interesse é limitada apenas a um plano, pela sua polivalência e capacidade de actuação, quer no plano estritamente militar quer no plano estritamente policial ou em ambos o

planos simultaneamente. Em consonância com esta definição, é perceptível que seja vulgarmente designada como força de charneira, terceira força ou mesmo de corpo intermédio.

Relativamente ao suporte legal para a participação da *GNR* neste tipo de operações, na Lei de Segurança Interna (Lei n.º 53/2008 de 29 de Agosto) surge no Art.º4, ponto n.º2, a referência que as Forças e os Serviços de Seguranças podem actuar fora do território nacional em cooperação com organismos internacionais de que Portugal faça parte integrante.

Na lei orgânica da *GNR* (Lei 63/2007 de 6 de Novembro) no seu artigo primeiro, a *GNR* tem como uma das missões “ (...) colaborar na execução da política de defesa Nacional, nos termos da Constituição e da lei.” Decorrente da mesma lei, no artigo 3º, são enumeradas as atribuições da Guarda entre outras interessa salientar, ao nível das operações internacionais, a alínea “o) Participar, nos termos da lei e dos compromissos decorrentes de acordos, designadamente em operações internacionais de gestão civil de crises, de paz e humanitárias, no âmbito policial internacional e no âmbito da UE e na representação do País em organismos e instituições Internacionais” e ainda a alínea “i) cumprir, no âmbito da execução da política de defesa nacional em cooperação com as Forças Armadas, as missões militares que lhe forem cometidas.” No artigo 5º da lei orgânica no seu número 5 diz que a Guarda “(...) pode prosseguir a sua missão fora do território nacional, desde que legalmente mandatada para esse efeito.”

No seguimento das suas atribuições, é criada a DCPF, integrada na DO do CO, (ponto i) da alínea a), do art. n.º1, do Despacho n.º 4501/2010, de 15 de Março, do Exmo. Comandante-Geral da Guarda). As competências da DCPF encontram-se explanadas no art.º n.º 11 do mesmo Despacho. Para além das estruturas já referidas existe ainda, directamente ligada à projecção de forças para missões Internacionais, o Centro de Treino e Aprontamento de Forças, para as Missões Internacionais dentro da U I (Ordem à Guarda – N.º5 – 1ª Série, de 15 de Março de 2010). Estas estruturas permitem que a Guarda desempenhe missões em várias regiões do mundo ao serviço de diversas Organizações Internacionais (CRUZ, 2010). As operações de Apoio à Paz inserem-se nas Operações Resposta a Crises; as ORC são operações multifuncionais que abrangem um leque de actividades políticas, militares e civis, executadas de acordo com a lei internacional, incluindo assim o Direito Internacional Humanitário, contribuindo para a prevenção e resolução de conflitos e gestão de crises (ACADEMIA MILITAR, 2008:65).

As OAP são operações multifuncionais conduzidas imparcialmente, normalmente têm o apoio de organizações internacionais como é o caso da ONU ou a OSCE, envolvendo forças militares, agências diplomáticas e humanitárias. “O que as distingue das restantes operações militares, é facto das forças militares empenhadas, ao invés de desenvolverem acções de combate, são chamadas a cumprir outro tipo de tarefas para as quais é requerida

uma postura imparcial da força supervisora.” (ACADEMIA MILITAR, 2008:69) A finalidade destas operações é proporcionar/criar um ambiente seguro, em que as agências civis possam reedificar as estruturas necessárias para assegurar uma paz auto sustentada.

As OAP dividem-se em seis tipos de operações: Manutenção de Paz (PK – *Peacekeeping*), Imposição de Paz (PE – *Peace Enforcement*), Prevenção de Conflitos (CP – *Conflict Prevention*), Restabelecimento da Paz (PM – *Peacemaking*), Consolidação de Paz (PB – *Peace Building*) e por último as Operações Humanitárias (HO – *Humanitarian Operations*). (ACADEMIA MILITAR, 2008:68).

As operações de Manutenção de Paz são acções levadas a cabo, com o consentimento das partes envolvidas em conflito, por uma terceira parte imparcial, sob a égide de um organismo internacional, utilizando forças militares, de polícia e civis para a contenção, moderação e fim das hostilidades em complemento dos esforços levados a cabo para a resolução do conflito entre estados ou no interior de um estado. De acordo com o manual de táctica da ACADEMIA MILITAR (2008:72).

Um agente de paz tem de reunir três pressupostos básicos: ser uma força imparcial, recorrer ao uso mínimo da força armada, ter o consentimento da sua presença na missão de paz por parte das facções em conflito.

As operações de imposição da paz são conduzidas quando o consentimento das partes envolvidas, em conflito, não foi alcançado ou é incerto. A sua finalidade é manter, restabelecer a paz ou impor os termos específicos num mandato (ACADEMIA MILITAR, 2008:72).

As operações de prevenção de conflitos, abrangem desde iniciativas diplomáticas ao empenhamento de forças, caso seja necessário prevenir ou conter disputas.

As operações de restabelecimento da Paz englobam todas as actividades diplomáticas conduzidas após o início de um conflito, têm por finalidade alcançar um cessar-fogo ou um rápido acordo de paz (ACADEMIA MILITAR, 2008:73).

As operações de consolidação da paz, englobam acções que apoiam medidas políticas, económicas, sociais e militares com a finalidade de fortalecer os acordos políticos e diminuir as causas de conflito (ACADEMIA MILITAR, 2008:73).

As operações humanitárias, destinam-se a aliviar o sofrimento humano das populações, em locais onde as autoridades responsáveis não têm capacidade ou não demonstram vontade de o fazer (ACADEMIA MILITAR, 2008:73).

“A GNR começou em 1995 a participar em operações de paz. (...) Desde então já participou em missões em quatro continentes (Europa, África, Ásia e América) sob o auspício de várias organizações internacionais (UEO, ONU, EU) ” (BRANCO, 2010:99). Por esta altura não participava como unidade devidamente constituída, o ano de 2000 representa uma evolução neste aspecto uma vez que, “ a participação da GNR em missões de paz conhece uma nova

realidade (...), altura em que se constitui a primeira força da Guarda como *Stability Police Unit*” (CRUZ, 2010:339).

“As *Stability Police Unit* (SPU) são forças simultaneamente policiais e militares com uma capacidade de intervenção robusta, capazes de usar a força, sobretudo durante as operações de reposição de ordem pública. As características híbridas das SPU permitem-lhes preencher um espaço operacional que dificilmente poderá ser preenchido por forças militares ou de polícia” (BRANCO, 2010:100). Estas forças possuem designações diferentes, dependendo da organização que as está a desempenhar, nomeadamente se for pela OTAN chamam-se *Multinational Specialized Units*, se for pela ONU chamam-se *Formed Police Units* e se for pela UE chamam-se *Integrated Police Unit*.

As principais tarefas da MSU são: o patrulhamento, a recolha de informações, realização de operações de investigação criminal, a procura de criminosos de guerra, a imposição da Lei e da Ordem, apoio ou substituição das forças de polícia locais, o impedimento de desordens civis ou restabelecimento da ordem pública, contribuição para o retorno e reinstalação de refugiados, realizar treinos de segurança às forças policiais locais, desenvolver actividades humanitárias e de Cooperação Civil – Militar e fornecer oficiais de ligação a cada Grande Unidade e ao Quadro Geral da Força, em conformidade com o manual de táctica (ACADEMIA MILITAR, 2008:232).

“Ao longo dos últimos nove anos, a GNR esteve empenhada em quatro missões internacionais enquanto FPU, MSU, IPU, do Iraque a Timor-Leste e, mais recentemente na Bósnia e Herzegovina, foram destacados num total de 1548 militares, entre eles 84 oficiais, 176 Sargentos, 1288 Praças” (CRUZ, 2010:340)

2.3 - MISSÕES INTERNACIONAIS DA GNR EM TIMOR-LESTE

As OAP que têm vindo a realizar-se em território Timorense incluem-se na classificação de Operações de Manutenção de Paz, anteriormente explanadas. Em anexo¹ encontram-se retratadas as várias missões efectuadas pela Guarda em vários territórios.

Portugal tem participado em missões internacionais, em Timor Leste, desde o ano de 2000, no entanto, só a partir de 2006 passou a desempenhar essas mesmas missões com a designação de contingente no escalão de SubAgrupamento.

“O 1º contingente da GNR, SubAgrupamento Bravo², constituído por 126 militares, (...) chega a Timor-Leste a 4 de Junho de 2006, permanecendo no território em *Acordo Bilateral*” (HERMENEGILDO, 2010:204), para o desempenho da missão com a designação “LAFAEK”.

¹ c.f. Anexo A - Missões realizadas pela GNR, p. 127

² c.f. Anexo B - organigrama actual do sub-agrupamento Bravo, p. 129

³ c.f. Anexo C - Especialidades do 10º Contingente, p. 130

⁴ c.f. Anexo D - Missões realizadas pelo sub-agrupamento Bravo, p. 129

⁵ c.f. Anexo E - Chamadas realizadas pelo 10º contingente, p. 138

No decorrer do mesmo ano, meses depois, passa a constituir uma FPU, o aspecto inovatório é que passa a ter uma componente civil, “só a 4 de Dezembro de 2006 é estabelecido e assinado o *Memorando de Entendimento* entre as NU e o Governo de Portugal para constituição da FPU, no âmbito da UNMIT” (HERMENEGILDO, 2010:205). “A FPU tinha por missões principais: o controlo de distúrbios civis, a segurança de áreas sensíveis, a realização de escoltas e segurança a altas entidades, busca e salvamento e a execução de Honras de Estado.” (BRANCO, 2010:100)

Ao longo desta década já foram projectados dez contingentes, encontrando-se actualmente o décimo primeiro destacado em Timor. Cada missão tem a duração de seis meses, sendo constituído o contingente em média por 130 e 140 militares, incluindo Oficiais, Sargentos e Guardas de várias especialidades³.

“A participação dos militares da *GNR* neste tipo de missões tem seguido, ao longo de todos os contingentes, um regime de voluntariado. Até agora, o número de voluntários para cada missão tem superado o número total de vagas” (CRUZ, 2010:359).

O sucesso da experiência em Timor evidenciou as extraordinárias potencialidades do conceito da terceira força, afirmando novas perspectivas doutrinárias quanto ao decisivo papel das forças de segurança de natureza militar, no âmbito das missões de paz e na gestão de crises. (ACADEMIA MILITAR, 2008:227)

2.4 - MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Como referido anteriormente a *GNR* tem participado em variadíssimas missões. Em Timor-Leste os militares têm ao dispor vários meios de comunicação, nomeadamente: telefone, internet, Fax, telefone por satélite, GPS e rádios. Meios rádio com a Banda VHF e HF. No subAgrupamento Bravo existem a funcionar⁴ 53 telefones, 124 rádios portáteis, 16 telemóveis, 70 rádios móveis e 38 computadores (18 portáteis e 20 desktops). Em anexo encontra-se um quadro com número de chamadas realizadas, o número de impulsos e o custo das chamadas realizadas durante o 10º Contingente⁵

Quanto aos meios rádio com banda VHF, existem ao dispor repetidores fixos e móveis, emissores receptores nas bases, móveis e portáteis; com a banda HF existem apenas emissores receptores nas bases, móveis e portáteis. Estes rádios funcionam com três canais de repetidor (rede de comando e Operações CIVPOL, repetidor móvel e a reserva) e três canais directos (rede de Comando e Operações, missões de Segurança e a reserva).

Relativamente aos meios telefónicos, existe uma central analógica 4510AS, Fax, Telefones digitais e telefones analógicos.

³ c.f. Anexo C - Especialidades do 10º Contingente, p. 130

⁴ c.f. Anexo D - Meios de comunicação disponíveis em Timor, p. 131

⁵ c.f. Anexo E - Chamadas realizadas pelo 10º contingente, p. 138

Quanto aos meios de Satélite, existem quatro telefones fornecidos pela *GNR*; dois estão instalados no CCOM, e dois são utilizados nas Operações.

Apesar de estarem ao dispor esta panóplia de meios, existe um condicionamento na utilização dos mesmos, especificamente no horário⁶ em que é possível efectuar chamadas. Existe um período para a realização das chamadas, entre as 06H00 e a 01H00, hora de Portugal, correspondendo ao período entre as 15H00 e as 10H00 ou em caso de mudança da hora, entre as 14h00 e as 09H00, em Timor caso se verifique oito horas de diferença entre os dois países. Este facto prende-se, essencialmente, com uma questão de serviço interno, fora deste período a central de transmissões da UI não tem capacidade para dar resposta a um fluxo acrescido de chamadas.

2.5 - CENTRO DE PSICOLOGIA E INTERVENÇÃO SOCIAL

Os militares da *GNR* tem ao seu dispor um centro de psicologia ao qual podem solicitar apoio. O CPIS é uma unidade flexível que faz parte de uma unidade orgânica nuclear, a Direcção de Recursos Humanos. No Decreto Regulamentar da Lei orgânica da *GNR* (D. R. nº 19/2008 de 27 de Novembro), especificamente no artigo 11º, encontram-se enumeradas as competências da DRH, na alínea h) enuncia a sua competência para coordenar o apoio psicossocial. Em 2010 foi publicado o Despacho nº 4501/2010 que vem regular e discriminar as competências de cada unidade orgânica flexível, como é o caso do CPIS. Nesse despacho, no artigo 26º, vêm enunciadas as competências do CPIS, entre outras enuncio as seguintes: alínea d) promover o bem-estar psicológico dos alunos quer de forma directa (acompanhamento individual) quer indirecta (formação), procurando a melhoria dos processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento pessoal, e no auxílio de adaptação à Guarda; na alínea h) assegurar o apoio psicológico e de Serviço Social aos militares e civis da Guarda e respectivos familiares.

De acordo com o CPIS as equipas são constituídas por: um coordenador, um psicólogo, um assistente social, médico da Unidade, padres, outros. Estas equipas têm como função: assessorar os Comandos na sua missão (Gestão de Incidentes críticos), facilitar o acesso de ajuda especializada, facilitar a referência/acompanhamento durante todo o processo. Procuram dar respostas internas, por solicitação das unidades, ordem do GCG e por solicitação dos próprios militares (ex: linha de apoio). Em anexo encontra-se um esquema ilustrativo do modelo psicossocial em vigor⁷ desencadeado a partir de um incidente crítico.

⁶ c.f. Anexo F - Horário das chamadas telefónicas para o sub-agrupamento Bravo, p. 139

⁷ c.f. Anexo G - Modelo Psicossocial da *GNR*, p. 140

II - PARTE PRÁTICA

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

3.1 - MÉTODO DE ABORDAGEM

O trabalho de campo teve por base o método de investigação: inquérito por entrevista. Tendo sido realizadas num total de quinze entrevistas.

3.2 - HIPÓTESES PRÁTICAS

De acordo com as perguntas de investigação, colocadas na introdução, foram elaboradas oito hipóteses práticas. Estas hipóteses têm como finalidade demonstrar a sua importância para a compreensão e resolução da problemática objecto deste estudo e são as seguintes:

H1- As dificuldades comunicacionais são sobretudo de ordem técnica (má qualidade das ligações, quebra constante do sinal, etc.);

H2- As diferenças de fuso horário entre Portugal e Timor limitam a possibilidade de contacto regular entre famílias e militares;

H3- Os custos inerentes, designadamente das chamadas telefónicas, limitam a frequência dos contactos,

H4- As funcionalidades e facilidades associadas ao telefone fazem com que seja o meio de comunicação mais vulgarizado e mais frequente;

H5- A Internet e os recursos comunicacionais que esta proporciona (correio electrónico, redes sociais, estilo *facebook* e outras) não adquirem grande presença na comunicação entre militares e família;

H6- As famílias não se sentem suficientemente informadas sobre as funções desempenhadas pelos militares destacados;

H7- O apoio dado a militares e respectiva família é escasso, só sendo possível obtê-lo em situações extremas;

H8- As famílias não solicitam o apoio da estrutura da *GNR*, mesmo em caso de necessidade.

3.3 - METODOLOGIA DE ANÁLISE

Relativamente à temática em questão, primeiro houve a necessidade de identificar o problema, posteriormente procedeu-se a um enquadramento teórico que permitisse sustentar o tema de estudo. Em seguida optou-se pelos instrumentos de colheita mais adequados, para a verificação das hipóteses formuladas, tendo em conta o grau de dificuldade técnica e de tratamento dos dados.

Neste estudo abordou-se as missões internacionais dos militares e as consequentes implicações para as respectivas famílias. Pretende-se descobrir se os meios de comunicação, disponíveis, são suficientes e adequados para a manutenção de contactos regulares entre as famílias.

O estudo presente neste trabalho assume características exploratórias na medida em que estabelece um conjunto de perguntas, define hipóteses e procura pistas de respostas no trabalho de campo. Neste tipo de estudo pretende-se elaborar um modelo explicativo da realidade analisada, isto é, hipóteses explicativas, de acordo com Guerra (2010:38).

3.4 - EXECUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

Na execução da parte prática do trabalho, procedeu-se à realização de várias entrevistas: a militares e à sua família.

Numa primeira fase realizaram-se, entre o dia 17 de Junho e o dia 30 de Junho, as entrevistas aos militares. Estas entrevistas foram gravadas utilizando o gravador Philips modelo Digital Voice Tracer 7655.

Numa segunda fase e apenas nos casos em que o militar disponibilizou o contacto com algum elemento da família, realizaram-se entrevistas às famílias, entre o dia 4 de Julho e o dia 15 de Julho. Atendendo à distância estas entrevistas realizaram-se por correio electrónico.

Para cada entrevistado foi distribuído o Guião da entrevista, contendo os objectivos do estudo e a finalidade da entrevista. Existiam dois Guiões distintos, um para os militares⁸ e outro para as famílias⁹.

Após a transcrição das entrevistas, foi efectuada a análise dos resultados obtidos, tornando-se assim possível através dessa análise, verificar a validação das hipóteses e tirar as devidas conclusões. Sempre que solicitado pelo entrevistado foi disponibilizada a totalidade da entrevista transcrita.

⁸ c.f. Apêndice A - Guião da Entrevista aos militares, p. 46

⁹ c.f. Apêndice O - Guião da Entrevista à Família, p. 114

3.5 - CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ANÁLISE

Neste tipo de estudo exploratório, com recurso a entrevistas semi-estruturadas, não se procura uma representatividade estatística, mas sim uma “representatividade social, não se designando por isso de “amostra”, mas sim de um universo de análise qualitativa” de acordo com Guerra (2010:40). Na escolha desse universo, ainda segundo a mesma autora, procurou-se “garantir a diversidade de interlocutores” (GUERRA, 2010:33). A entrevista foi dividida em três grupos: o primeiro grupo diz respeito à caracterização sociográfica dos inquiridos; o segundo grupo diz respeito às Missões Internacionais e o terceiro grupo diz respeito aos meios de comunicação utilizados.

O universo de análise deste trabalho é assim composto por militares que estão ou estiveram colocados na UI e que participaram em missões internacionais. Por um lado foram entrevistados os comandantes dos vários contingentes projectados para Timor, mais concretamente, dez contingentes desde 2000, na medida em que permite perceber as evoluções em termos de meios e comunicação desde então até agora. Por outro lado foram entrevistados três Guardas, três Sargentos e o Oficial comandante do décimo contingente. Desses três Guardas, um era do género feminino, apenas duas militares integraram o 10º Contingente.

Posteriormente foram entrevistadas duas esposas ou similar, dos militares que mostraram disponibilidade para a realização de entrevistas à família.

A escolha dos entrevistados teve por metodologia a amostra típica de voluntários ou bola de neve. Foi abordado inicialmente o patamar mais elevado da UI responsável pelas missões, que é o Comandante do GIOP, este por sua vez indicou possíveis alvos de interesse a inquirir, nomeadamente os comandantes dos vários contingentes em Timor. Ainda que, como se disse (segundo Guerra, 2010:33) não seja pacífico falar de amostra em estudos como este, atendendo às classificações de amostragem disponíveis, os critérios usados seguem de perto a amostragem por casos múltiplos, concretamente, amostragem por contraste, na medida em que, como se referiu, a escolha dos participantes teve em conta a preocupação de garantir a respectiva diversidade.

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 - CARACTERIZAÇÃO DOS MILITARES ENTREVISTADOS

Quadro 4.1.1 - Caracterização sociográfica dos entrevistados

Entrevistado	Função	Idade	Género	Habilitações literárias	Estado Civil	Composição do Agregado familiar			
						Cônjuge	Filhos	Idade	Progenitores
01	Cmdt Comp	31	M	Mestrado	UF	S	N		N
02	2º Cmdt GIOP	40	M	Licenciatura	Cas	S	S	6	N
03	Cmdt GIOP	42	M	Mestrado	Cas	S	S	3 e 7	N
04	Cmdt Comp	35	M	Licenciatura	Div.	N	S	7	N
05	Cmdt Comp	38	M	Licenciatura	Cas	S	S	7 e 8	N
06	Adj Gabinete do Cmdt geral	37	M	Pós-graduação	Div.	N	N	N	N
07	IESM, docente	41	M	Mestrado	Cas	S	S	8	N
08	<i>Chef. Centro Comunicações.</i>	40	M	12º	Cas	S	S	3	N
09	Elemento OP	28	M	9º	Solt	S	N		N
10	Elemento OP	28	F	12º	Solt	S	N		Próprios
11	Elemento OP	28	M	9º	Solt	S	S	18 m	N
12	Instrutor	33	M	12º	Cas	S	S	16 m	N
13	Cmdt secção GIOE	35	M	11º	UF	S	S	14 m	N

(CHAVE: **M** (Masculino); **F** (Feminino); **Solt.** (Solteiro); **Cas** (Casado); **Div** (Divorciado); **S** (Sim); **N** (Não); **UF** (União de Facto); **m** (meses)).

Pela análise desta tabela verifica-se que, a maioria são do género masculino, apenas um é do género feminino, e as suas idades encontram-se compreendidas entre a faixa etária dos 28 aos 42 anos; 11 dos inquiridos vivem em conjugalidade. Destes, a maioria (oito) tem filhos, correspondendo assim à família nuclear típica de casal com filhos. Registam-se dois outros tipos de enquadramento familiar: dois inquiridos com um filho que não vivem em conjugalidade, que pode ser aproximado a uma situação de família monoparental, e um outro caso em que o inquirido reside com os respectivos progenitores.

4.2 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

De seguida, procede-se à apresentação e análise de cada uma das perguntas que constituem a entrevista, tendo como base uma sinopse de todas as respostas dos entrevistados.

Este método de análise vai permitir a comparação de respostas e à posteriori a validação, ou não, das hipóteses práticas.

4.2.1 - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO II

No segundo grupo do guião da entrevista, abordam-se as missões internacionais em Timor, e às implicações que delas podem advir.

Questão nº 1- Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Quadro 4.2.1.1 - Análise dos resultados da questão nº1, do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Três missões internacionais, 2006, 2009 e 2010 e todas em Timor.</i>	3
02	<i>Se considerares como missão regra geral de seis meses fiz três, uma em 2001 na UNTAET nas Nações Unidas, outra em 2006 onde fui comandante de contingente na UNMIT e outra em 2009 na EUROGENFOR na Bósnia Herzegovina.</i>	3
03	<i>Em duas directamente as outras como comandante.</i>	2
04	<i>Em três</i>	3
05	<i>Uma em Timor, onde fui comandante do 9º contingente.</i>	1
06	<i>Três missões de operações de apoio à paz e um cargo internacional de apoio a uma missão internacional.</i>	3
07	<i>Em 2000 na missão UNTAET Timor Leste, na qualidade de comandante de pelotão da Rapid Response Unit; e em 2004 no teatro de operações do Iraque</i>	2
08	<i>Em duas</i>	2
09	<i>Duas em Timor</i>	2
10	<i>Uma em Timor</i>	1
11	<i>Duas em Timor, em 2009 e 2010.</i>	2
12	<i>Duas.</i>	2
13	<i>Duas missões em Timor Leste 8º Contingente e 10º Contingente</i>	2

Da análise deste quadro podemos concluir que a grande maioria dos entrevistados já participou em duas missões Internacionais , existindo apenas dois entrevistados que só participaram uma vez. Os restantes participaram em três missões deste tipo.

Questão nº 2 - Nas missões que participou, foi sempre voluntário/a?

Quadro 4.2.1.2 - Análise dos resultados da questão nº2 do grupo II.

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Sempre voluntário, naturalmente sendo que para nós ser voluntário é estar aqui.</i>	Sim
02	<i>Sempre</i>	Sim
03	<i>Fui sempre voluntário.</i>	Sim
04	<i>Sim</i>	Sim
05	<i>Sim</i>	Sim
06	<i>Sempre.</i>	Sim
07	<i>Sim.</i>	Sim
08	<i>Sim</i>	Sim
09	<i>Sim</i>	Sim
10	<i>Sim</i>	Sim
11	<i>Sempre</i>	Sim
12	<i>Sim.</i>	Sim
13	<i>Sim</i>	Sim

Pela análise deste quadro é facilmente perceptível que todos os entrevistados foram voluntários para participar em missões internacionais.

Questão nº3 - As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões Internacionais? Por favor diga que aspectos da sua vida familiar influenciaram a sua decisão?

Quadro 4.2.1.3 - Análise dos resultados da questão nº3 do grupo II.

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Não, influenciou positivamente, mas também não influenciou negativamente, ou seja, não é por causa da minha vida familiar que eu vou para a missão mas também não há nada felizmente na minha vida familiar que me condicione a não ir para a missão, (...)a vida familiar pode (...)condicionar a ir só por motivos econômicos. (...) no meu caso não, não houve nenhum condicionamento para não ir.</i>	- Não influenciou - Condicionar a ir por motivos econômicos
02	<i>... falei primeiro com a minha esposa na altura ainda não tinha o filho mas expus a situação e foi com o "agrement" dela. Ela percebe a necessidade de voluntariedade para este tipo de serviço pela rotatividade que exige (...) e tive mesmo que avançar até para dar o exemplo aos restantes militares.</i>	-Sim - Consentimento da mulher
03	<i>Sim, há sempre que conjugar certos interesses seja o dos filhos da mulher e os nossos (...) há alturas da vida em que isso não é possível e já tive uma vez que adiar pelo menos uma missão porque a minha mulher estava grávida e ia ter o miúdo durante o período em que estava mesmo para partir e preferi adiar um contingente (...) Mas influência sempre temos que pesar duas coisas temos que organizar a vida verificar como é que a nossa mulher fica cá com os filhos (...) se não organizarmos as coisas não é possível.</i>	- Sim -Conjugar interesse -Organizar as coisas
04	<i>Sim, claro. Tem que haver um suporte familiar grande para se ir para missões, se não houver vamos ter uma pressão extra para a missão, não quer dizer que não se faça, a maior parte dos militares fazem-no</i>	- Sim -Suporte familiar
05	<i>Influenciaram, porque por muito boas razões e aspirações profissionais que tenhamos, a vida familiar é um peso crucial numa decisão de ir para uma missão, e quando se tem duas filhas (...) é complicado (...) ponderei entre os prós e os contra.</i>	- Sim -Filhas
06	<i>A minha decisão de participar em cada missão, mereceu sempre a aprovação da minha família. Não participei nalgumas missões por não ter esse apoio.</i>	-Sim -Aprovação da família -Apoio
07	<i>Em todas as missões em que participou ouvi e tive sempre em consideração a opinião da minha mulher. A restante família, também, foi informada e esclarecida. Aquando na missão no Iraque tinha a minha filha um ano. Com filhos este tipo de assuntos tem de ser mais discutido.</i>	- Sim - Aprovação da família - Filha

	<i>Que as missões internacionais trazem sempre repercussões na vida familiar.</i>	
08	<i>O aspecto salarial e o actual ambiente socioeconómico português.</i>	- Salário
09	<i>Não, não influenciou. Foi uma opção minha, pela realização pessoal e depois também pelo dinheiro.</i>	- Não influenciou - Dinheiro
10	<i>Influência sempre, porque a nível monetário fica se com mais capacidade para as contas. Depois também conta a minha mãe, também pensei nisso.</i>	-Sim -Nível monetário
11	<i>Influência no apoio em que dão, dão opinião de qual é a melhor altura ou não.</i>	Sim
12	<i>Sim, na medida em que foi a necessidade de concretizar alguns projectos.</i>	Sim
13	<i>Influenciaram a minha decisão de modo positivo pois tendo todo o apoio por parte da minha família, a missão é encarada com maior suporte emocional o que ajuda a ausência dos seis meses em missão.</i>	- Apoio da família importante.

A análise das respostas a esta pergunta leva-nos a concluir que, na grande maioria, a vida familiar influencia na decisão de participar nas missões. Os motivos apontados para esse facto são as razões monetárias, por outro lado ter o consentimento e apoio da família tem peso na decisão. Apenas dois dos entrevistados referem que a vida familiar não interfere na decisão de participar neste tipo de missão.

Questão nº4 - Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões Internacionais?

Quadro 4.2.1.4 - Análise dos resultados da questão nº4 do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Compreende e apoia</i>	Sim
02	<i>Incondicionalmente.</i>	Sim
03	<i>Sim sem dúvida. Essas contingências são só de organização da vida do quotidiano cá, para nós não andarmos lá muito preocupados com aquilo que se está a passar cá.</i>	Sim
04	<i>Diria que compreende, não faz nada para o contrariar mas se pudessem escolher eu não iria para missões.</i>	Sim
05	<i>Compreende, não apoia. E muito menos a minhas filhas, as minhas filhas não compreendem nem apoiam.</i>	-Compreende - Não apoia
06	<i>Sim. É fundamental que assim seja.</i>	Sim
07	<i>Sim, compreende e apoia na íntegra.</i>	Sim
08	<i>Sim</i>	Sim
09	<i>Sim</i>	Sim
10	<i>Sim</i>	Sim
11	<i>Sim, sem dúvida</i>	Sim
12	<i>Sim.</i>	Sim
13	<i>Sim, tenho recebido todo o apoio por parte da minha família.</i>	Sim

Pela análise deste quadro percebemos que a grande maioria das famílias compreende e apoia a participação dos militares em missões internacionais. Existindo apenas um caso em que o entrevistado admite que a família compreende, mas não apoia.

Questão nº5 - Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

Quadro 4.2.1.5 - Análise dos resultados da questão nº 5 do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>As implicações é sempre há o afastamento não é, e se a coisa não for bem gerida familiarmente, especialmente em casa na vida a dois as coisas depois não correm bem porque não é a mesma coisa. Na nossa ausência as coisas evoluem, quer dizer as rotinas mudam-se e a pessoa quando chega sente um bocadinho isso (...) é muito mais fácil para quem vai, para os militares do que para quem fica, porque quem vai, vai encontrar novas rotinas, novos desafios, dias preenchidos e quem fica continua com a mesma rotina com os mesmos horários,</i>	<p>- Afastamento</p> <p>- As rotinas mudam-se</p>
02	<i>Bom é a partilha das responsabilidades ou seja essencialmente a partir do momento em que tive o filho (...) portanto cada vez que havia um problema com o filho, desde o ponto de vista médico (saúde) seja para ir buscar mais cedo à escola, responsabilidades que normalmente são partilhadas neste caso em concreto com a minha esposa ou com ela ou a com a minha sogra ou a minha mãe, teriam que “repartilhar” digamos assim a responsabilidade.</i>	<p>- Responsabilidades de educação do filho</p>
03	<i>As implicações podem ser positivas ou negativas (...) a quebra da rotina também é importante para a nossa própria família aprender a dar respostas (...) com frequência não podemos fazer-lo, podemos fazer uma gestão.</i>	<p>- Rotina</p> <p>- Podem ser positivas ou negativas</p>
04	<i>Ao nível de filhos estes precisam da presença do pai e da mãe para crescerem para serem educados (...). A família obviamente em geral a mulher no caso dos casados em especial são extremamente sobrecarregadas com a ida para a missão e os filhos também, nota-se imenso a instabilidade emocional.</i>	<p>- Educação dos filhos</p> <p>- Sobrecarga das mães</p>
05	<i>Desde logo no acompanhamento afectivo (...) outro aspecto é no acompanhamento escolar (...) quando estou fora trás reflexos negativos para elas</i>	<p>-Acompanhamento afectivo</p> <p>- Acompanhamento escolar</p> <p>-Reflexos negativos</p>
06	<i>A ausência de apoio nos problemas que surgem no dia-a-dia, principalmente em situações de doença e morte. Perturbações no desenvolvimento dos projectos em comum.</i>	<p>-Ausência de apoio</p> <p>- Perturbações nos projectos comuns</p>
07	<i>Para quem tem filhos, naturalmente, as implicações são ao nível da educação das crianças. (...) Ao nível dos cônjuges ao nos afastarmos quer se queira quer não, acaba sempre por se esfriar um pouco as relações. (...) As crianças não percebem o afastamento do pai ou da mãe e tornam se às vezes um pouco rebeldes</i>	<p>- Educação dos filhos</p> <p>- Relação com o cônjuge</p> <p>- Filhos tornam-se rebeldes</p>
08	<i>Quando se tem filhos menores, as implicações podem ser negativas, visto uma criança não ter a sensibilidade de compreensão de certo tipo de assuntos, como é a ausência de um dos progenitores por um longo período de tempo.</i>	<p>-Implicações negativas</p> <p>-As crianças não compreendem a ausência</p>
09	<i>É mais as saudades,</i>	<p>-Saudades</p>
10	<i>Acho que não há muitas alterações, porque o meu namorado é militar e também foi, se eu fosse casada e com filhos era mais complicado.</i>	<p>-Não há muitas alterações</p>
11	<i>No acompanhamento do crescimento da minha filha. De resto penso que tenho todo o apoio da minha família cá.</i>	<p>Acompanhamento da filha</p>
12	<i>A solidão eventualmente criada pelo vazio físico e a necessidade de apoio a vários níveis.</i>	<p>- Solidão</p> <p>- Apoio</p>
13	<i>A minha ausência impossibilita o acompanhamento no crescimento da minha filha e o apoio directo na resolução de algumas dificuldades</i>	<p>- Crescimento da filha</p> <p>- Resolução de dificuldades</p>

Pela análise das respostas a esta pergunta podemos tirar as seguintes conclusões: a principal implicação da ausência é não poder acompanhar a educação dos filhos, referido por sete dos entrevistados, com filhos. Outras implicações referidas são a sobrecarga para as mulheres/mães, referido por um entrevistado; a quebra da rotina, positiva ou negativa, foi referida por dois dos entrevistados; o sentimento de solidão, saudade e falta de apoio, foi referido por três dos entrevistados. Em apenas um dos entrevistados foi referido não trazer

alterações o facto de estar ausente, curiosamente é do género feminino e na altura que participou na missão o namorado também participou.

Questão nº6 - Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância?

Quadro 4.2.1.6 - Análise dos resultados da questão nº6 do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Não senti, eu acho que custa sempre o dia em que vamos embora. (...) Torna-se difícil haver dificuldade a não ser que haja problemas familiares.</i>	- Partida
02	<i>(...) tinha às vezes a ver com um problema pontual que necessita-se da minha presença em Portugal, este problema colocava-se ou no início, meio ou no fim da missão, (...), mas não tem tanto a ver com o timing no meu caso concreto mas com o problema em si específico.</i>	- Em nenhuma fase - Depende do problema em específico
03	<i>(...) a própria missão foi num período bastante sensível apanhou o Natal E a passagem de Ano, para já era o primeiro Natal com o meu filho e nós como comandantes não podemos demonstrar desânimo e então temos que criar várias maneiras de motivar os outros com a nossa desmotivação. (...) Isto das missões também depende dos períodos que se está a passar dos problemas que acontecem cá e dos problemas que acontecem lá</i>	- Natal - Passagem de Ano - Depende dos problemas que acontecem
04	<i>As fases mais complicadas são quando as pessoas que estão cá começam a acusar a nossa ausência, acusar no sentido de começam a ficar destabilizados emocionalmente</i>	- Depende dos problemas que surgem
05	<i>o período de Natal considero, um período crítico (...) Passei foi o aniversário da minha filha mais nova (...) foi complicado.</i>	- Natal - Aniversário filha
06	<i>Sempre que existe um problema grave na família e falta muito tempo para o período de férias ou final da missão</i>	- Existe um problema e falta muito tempo para o fim
07	<i>(...) em Timor (...). A preocupação existia no seio das famílias em relação aos seus familiares em missão, mas como os problemas não foram significativos e como a proficiência operacional foi uma realidade, não houve grande dificuldade em gerir à distância o sentimento das famílias (...) A dificuldade reside em gerir a necessidade de cento e tal militares querem ligar às famílias, quase em simultâneo.</i>	- Nenhuma fase - Dificuldade de gerir os militares que querem ligar, em simultâneo
08	<i>No Natal e aniversários</i>	- Natal - Aniversários
09	<i>Nos momentos festivos é sempre mais complicado, sabemos que essas pessoas gostavam que estivéssemos presente e não estamos.</i>	- Momentos festivos
10	<i>O Natal é sempre mais complicado (...) E foi uma fase em que estávamos a um mês de estar a meio da missão. A fase do meio acha que é mais complicada.</i>	- Meio - Natal
11	<i>Acho que não tive assim nenhum período crítico (...) foi a primeira vez que passei o natal fora. É um período mais sensível.</i>	- Nenhuma fase em concreto - Natal
12	<i>(...) quando se começou a especular quanto á data de regresso, tive de adiar o casamento.</i>	- Adiar o casamento
13	<i>(...) o ultimo mês de missão é aquele em que posso ter sentido mais saudades e necessidade de voltar a estar perto da minha família.</i>	- Ultimo mês

Pela análise das respostas a esta questão, podemos concluir que não existe uma fase, em concreto, na qual os militares sintam mais dificuldades. As dificuldades começam a surgir quando existe um problema e os militares não conseguem ajudar a família a superá-lo. Outro factor que tem peso na gestão da distância familiar é a comemoração dos dias

festivos, aniversários, Natal, Ano Novo (...) este facto sobressaiu porque o 10º Contingente iniciou em Outubro e terminou em Abril, período assinalado por algumas festividades.

Questão nº7 - Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Quadro 4.2.1.7 - Análise dos resultados da questão nº 7 do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Nunca tive muito contacto (...) penso que funcionaram o apoio psicológico à família para saber se era preciso alguma coisa se não é (...)</i>	- Não teve contacto - Funcionam - Apoio psicológico
02	<i>(...) existe e sempre existiu uma estrutura de apoio mas que não é suficiente, com responsabilidade dos dois lados(...)das próprias famílias que só recorriam quando disso tinham necessidade (...)da GNR não senti necessidade de se aproximar das famílias a não ser quando havia problemas me concreto.</i>	- Existem - Não é suficiente
03	<i>(...) as estruturas de apoios têm sido boas, criámos uma comissão de apoio às famílias, já funcionou com mais efectividade (...) Actualmente só se verifica quando há necessidade, o militar tem um problema e reage em função da resolução desse que for necessário daqui damos a resposta que achamos que é necessária naquele momento. (...) se fizeres um trabalho muito efectivo os militares podem pensar que andamos aqui segundas intenções (...).</i>	- Boas - Já funcionou com mais efectividade - Actualmente só quando há necessidade actua
04	<i>Existe (...) julgo estar muito dependente da pessoa que está a frente dessa estrutura, ou seja, isto quer dizer que não há doutrina não há procedimentos escritos não há alertas, está muito dependente do factor humano.</i>	- Existe - Não há doutrina sobre o assunto
05	<i>Pouco, nenhuns, escassos, vagos sem reflexo, não existe, não conheço, não tive. Se existe não tive por mim não passaram. Considero uma grande lacuna da Guarda (...) nós temos algumas possibilidades de estabelecer contacto via telefone, temos a internet chamadas por telefone são a preços como se fossem chamadas locais aqui, mas tirando isso (...) tirando isso não conheço outro tipo de apoio. (...) Poderia-se explorar mais essa área.</i>	- Escassos - Poucos, vagos - Não conheço - Apoio só a nível de comunicações - Poderia se explorar mais
06	<i>Adequada e eficaz.</i>	- Adequada -Eficaz
07	<i>Em Timor houve a ideia de criar equipas para darem apoio social. Nem sempre os resultados são os melhores (...) Há pessoas que aceitam bem outras não (...) O comando da guarda nunca esqueceu a importância daquele apoio (...) Desde pormenores, como linhas telefónicas, computadores ligados à Internet, etc. A Guarda tem desenvolvido alguma doutrina que não tem sido plasmada em documentos escritos.</i>	- Nem sempre os resultados são os melhores - Há pessoas que aceitam bem outras não
08	<i>(...) nunca tive de recorrer a essas estruturas, mas também posso aferir que da parte dessas estruturas nunca houve qualquer iniciativa para com os familiares dos militares da Instituição.</i>	- Nunca houve qualquer iniciativa para com os familiares
09	<i>Sei que existe mas nunca precisei.</i>	- Nunca precisei
10	<i>As estruturas de apoio só existem se as famílias também as pedirem. Sei que existe, e sei que se a família precisar eles dão apoio psicológico ou o que for necessário.</i>	- Sei que existe -Eles dão apoio psicológico
11	<i>Facultam vários apoios, como nunca solicitei, não tive necessidade não sei ao certo se estão bem estruturadas se são boas e se dão bom apoio</i>	- Facultam apoios - Não sei se são bem estruturadas
12	<i>Nenhuma, pois nunca as usei.</i>	- Nunca usei
13	<i>Não (...) opinião formada quanto a apreciação desta estrutura, pois nunca foi necessário solicitar apoio de qualquer natureza e por isso desconheço as suas potencialidades ou por outro lado as suas lacunas.</i>	- Nunca foi necessário - Desconheço capacidades/lacunas

Pela análise desta pergunta podemos concluir que todos os entrevistados conhecem a existência destas estruturas de apoio. No entanto, têm pouca consciencialização das suas potencialidades e limitações, e declaram nunca ter necessitado dessa estrutura. Cinco dos treze entrevistados reconhecem que o apoio fornecido é insuficiente, apenas dois consideram que as estruturas que existem são boas.

4.2.2 - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO III

O grupo III do guião da entrevista refere-se aos meios de comunicação existentes.

Questão nº1- Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar com a família?

Quadro 4.2.2.1 - Análise dos resultados da questão nº1 do grupo III

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Telefone a custo de chamada local como se estivesse em Lisboa (...) depois a Internet, é lenta a custos elevadíssimos para a Guarda o que faz com que as coisas não evoluam para uma banda larga (...)</i>	- Telefone fixo - Internet
02	<i>(...) telefone, fixo institucional e móvel o dos militares cada um tinha o seu embora nós também tivéssemos telefone por satélite caso fosse necessário em qualquer sitio era possível contactar com as famílias, depois a internet</i>	-Telefone fixo -Telemóvel particular - Internet -Telefone por Satélite
03	<i>(...) no 1º contingente. No final deste contingente, depois de montar a antena já se conseguia comunicar (...) o sistema é bastante razoável tirando a internet</i>	-Telefone - Internet
04	<i>Telefone (...) A preço de chamada local dentro de Lisboa mais caro se fosse fora de Lisboa, Internet fornecida pela GNR, vídeo-conferência para situações pontuais.</i>	- Telefone - Internet
05	<i>Telefone, internet</i>	-Telefone - Internet
06	<i>Telefone fixo (indicativo de Lisboa), telefone satélite, telemóvel, internet e correio normal.</i>	- Telefone fixo - Telefones por Satélite - Internet - Correio Normal
07	<i>Tínhamos uma linha de telefone fixo que apesar de ser paga, era a um preço insignificante (...) a vídeo-conferência (...) Existiam telefones particulares</i>	- Telefone fixo - Vídeo-conferência - Telemóvel particular
08	<i>Telefone e Internet</i>	-Telefone - Internet
09	<i>Internet, telefone, e o telemóvel pessoal.</i>	- Telefone fixo - Telemóvel - Internet
10	<i>Internet e telefone</i>	- Internet -Telefone
11	<i>Telefone fixo, telemóvel, Internet.</i>	-Telefone fixo - Telemóvel - Internet
12	<i>Internet, telefone, correio tradicional.</i>	- Internet - Telefone - Correio tradicional
13	<i>Telefone, telemóvel e internet</i>	-Telefone; - Telemóvel - Internet

Pela análise desta pergunta podemos concluir que todos os entrevistados tinham à disposição o telefone fixo e a Internet à excepção de um, uma vez que participou no primeiro contingente e ainda não existia Internet. Relativamente a outros tipos de meios de comunicação foi identificado por cinco dos entrevistados o telemóvel; o telefone por satélite foi identificado por dois; o correio tradicional foi identificado por dois dos entrevistados.

Questão nº2 - Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Quadro 4.2.2.2 - Análise dos resultados da questão nº2 do grupo III

E	Expressões Chave	IC
01	<i>(...) acho que são suficientes adequados, (...) o ideal seria ter internet de banda larga (...)</i>	Sim
02	<i>São (...) muitas das vezes o uso dos meus de comunicação não tem a ver com a disponibilidade dos meus ou até a rapidez mas com a vontade das pessoas usarem as comunicações, (...) estes meios chegam para aquilo que é necessário desde que as pessoas tenham disponibilidade para criando rotinas de contactos diários ou não por razões económicas, o que interessa é que as pessoas queiram comunicar daqui para lá, e eles estão sempre contactáveis estão no quartel (...)</i>	Sim
03	<i>Considero, actualmente estão a dar resposta, existe é as diferenças horárias (...) não digo que seja o ultimo grito mas neste momento é razoável, dá resposta eficaz às solicitações.</i>	Sim
04	<i>Institucionalmente julgo que não, julgo que a internet fornecida pela GNR não dá capacidade de resposta (...)</i>	Não
05	<i>Não, a internet não funciona em pleno ao que estamos habituados aqui, daí que é muito limitado. O telefone é o normal.</i>	Não
06	<i>Completamente.</i>	Sim
07	<i>Tinhas todos os meios possíveis. Não podias era utilizá-los sempre que querias. O serviço operacional tem prioridade, a diferença de fusos horários tem de ser tida em consideração.</i>	Sim
08	<i>Não</i>	Não
09	<i>Sim são, a velocidade da Internet por vezes não é a melhor mas consegue-se falar.</i>	Sim
10	<i>Seriam se a internet fosse melhor. Isso depois dificulta a comunicação.</i>	Não
11	<i>Sim são.</i>	Sim
12	<i>Em situação normal, penso que sim.</i>	Sim
13	<i>Considero que sim, nunca senti grandes dificuldades em comunicar com a minha família.</i>	Sim

Pela análise desta pergunta constata-se que nove dos treze entrevistados consideram que os meios de comunicação disponíveis são suficientes. Existindo apenas quatro que consideram os mesmo insuficientes, em grande parte, por causa da Internet não ter capacidade de resposta.

Questão nº3 - Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Quadro 4.2.2.3 - Análise dos resultados da questão nº3 do grupo III

Entrevistado	Meios de comunicação						
	Telefone fixo	Telemóvel particular	Skype	Correio electrónico	Redes Sociais	Correio tradicional	Fax
01	D	NU	NU	1/S	NU	NU	NU
02	-1/S	D	NU	D	NU	MR	NU
03	D	MR	NU	2/3 S	NU	NU	NU
04	NU	D	MR	1/S	NU	NU	NU
05	D	NU	MR	D	NU	NU	NU
06	D	2/3 S	MR	2/3 S	1/S	MR	NU
07	D	2/3S	NU	D	NU	MR	NU
08	2/3 S	D	2/3 S	1/S	NU	MR	NU
09	D	D	NU	1/S	2/3 S	NU	NU
10	1/S	2/3 S	2/3 S	D	NU	MR	NU
11	D	2/3 S	2/3 S	1/S	2/3 S	NU	NU
12	NU	2/3 S	D	D	NU	NU	NU
13	NU	D	2/3 S	- 1/S	MR	MR	NU

(CHAVE: **D** (Diariamente); **2/3 S** (Duas a três vezes por semana); **1/S** (uma vez por semana); **-1/S** (Menos de uma vez por semana); **MR** (Muito Raramente); **NU** (Não Utiliza))

Pela análise desta pergunta verificamos, à partida, que o FAX não foi utilizado pelos entrevistados. Logo a seguir ao FAX vem o correio tradicional como meio menos utilizado, apenas seis dos treze entrevistados o utilizaram mas, muito raramente. Relativamente às redes sociais dois dos entrevistados admitem ter utilizado cerca de duas ou três vezes por semana, um apenas utilizava uma vez por semana, nove dos entrevistados nunca utilizou e um apenas utilizava muito raramente. Relativamente ao *Skype* a situação é semelhante à das redes sociais uma vez que, cinco dos entrevistados nunca o utilizou, três utilizavam muito raramente, quatro entrevistados utilizavam cerca de duas a três vezes por semana, existindo apenas um que utilizava diariamente. Quanto ao telemóvel particular era utilizado, diariamente, por cinco dos entrevistados; duas a três vezes por semana, também por cinco dos entrevistados; apenas um dos entrevistados utilizava raramente e dois dos entrevistados nunca utilizavam. Os meios de comunicação mais utilizados são o telefone fixo e o correio electrónico. Relativamente ao correio electrónico este era utilizado, diariamente, por cinco dos entrevistados; duas a três vezes por semana, por dois dos entrevistados e era utilizado, menos de uma vez por semana, por um dos entrevistados. Por fim resta analisar o telefone, este meio era utilizado, diariamente, por sete dos entrevistados; duas a três vezes por semana por um entrevistado, uma vez por semana por

um entrevistado; menos de uma vez por semana por um entrevistado; não era utilizado por três dos entrevistados este meio de comunicação.

Questão nº4 - Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Quadro 4.2.2.4 - Análise dos resultados da questão nº4 do grupo III

Entrevistado	Razões de Preferência		
01	Correio electrónico	Telefone	
	Enviar fotografias	Prático, custos	
02	Telemóvel	Telemóvel serviço	Internet
	Prático	Serviço	Enviar fotografias e vídeo
03	Telefone	Correio electrónico	
	Barato, prático	Enviar fotografias	
04	Telemóvel		
	Custo acessível		
05	Telefone serviço	Correio electrónico	
	Prático	Prático, enviar fotografias	
06	Telefone	Telemóvel de serviço	Telemóvel particular
	Económico	Oportuno	Oportuno
07	Telefone Fixo		
	Seguro, voz sensação de proximidade		
08	Telemóvel particular	Telefone serviço	Skype
	Fiável, menos falhas	Barato	Ver família
09	Telefone	Telemóvel	
	Gratuito	Envio de sms	
10	Telemóvel	Skype	
	Barato, disponibilidade, controlo dos custos	Ver as pessoas	
11	Telefone fixo	Skype	
	Compatibilidade de horários	Contacto visual	
12	Skype	Correio electrónico	Telemóvel
	Interacção permitida	Enviar dados	Custos elevados
13	Telemóvel	Internet	Telefone
	Facilidade	Boa cobertura, preço	Sempre disponível

Pela análise desta pergunta verifica-se que o meio de comunicação mais utilizado era o telefone fixo sendo o preferido por nove dos entrevistados, pelo facto de se constituir como um meio prático, de custos acessíveis e pela compatibilidade de horários. O telemóvel particular, surge num segundo plano, é também referido como um meio prático e relativamente acessível. O correio electrónico surge também na preferência dos entrevistados, pois permite o envio de fotografias. Por esta razão de visualização da figura familiar, o *Skype* é um dos preferidos.

Questão nº5 - Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo:

Quadro 4.2.2.5 - Análise dos resultados da questão nº5 do grupo III

Entrevistado	Razões de uso menos frequente, ou não uso		
01	Não se aplica		
02	Correio tradicional		
	Demora muito		
03	Telemóvel		
	Caro		
04	Correio tradicional		
	Não senti necessidade		
05	Correio Normal	Redes Sociais	
	Não é prático	Transpõe o privado	
06	Fax	Correio Normal	Skype/redes
	Não é prático, inacessível	Fiabilidade	Dificuldades técnicas
07	Correio tradicional		
	Extravio de correspondência		
08	Correio tradicional		
	Demorado, fiabilidade		
09	Correio tradicional	Fax	
	Não é prático, demorado	Não é prático, inacessível	
10	Correio tradicional		
	Demorado		
11	Correio tradicional	Fax	
	Não foi necessário	Não foi necessário	
12	Redes Sociais	Fax	Correio Tradicional
	Não teve necessidade	Inacessibilidade	Morosidade na entrega
13	FAX	Facebook	Correio tradicional
	Não foi necessário	Apenas para fotografias	Demorado

Pela análise desta questão verificamos que, os meios de comunicação menos utilizados são: o correio tradicional, referido por nove dos entrevistados como moroso no percurso até ao destinatário e sujeito a extravios; o FAX não se utilizava muito porque não é um meio prático e acessível a todos; o telemóvel também foi referido, por um dos entrevistados, como sendo um meio de comunicação relativamente dispendioso.

Questão nº6 - Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

Quadro 4.2.2.6 - Análise dos resultados da questão nº 6 do grupo III

Entrevistado	Problemas técnicos na ligação por telefone	Problemas técnicos na ligação à Internet	Diferença de Fuso Horário	Custo das chamadas telefónicas	Custo de acesso à Internet	Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet	Privacidade nas condições de uso do telefone fixo	Outra
01	ND	DAC	DM	ND	ND	ND	ND	
02	ND	DM	DAC	DAC	DM	ND	DAC	
03	DAC	DM	DM	ND	ND	ND	DAC	
04	ND	DM	DM	DAC	DAC	ND	DAC	
05	DAC	DM	DAC	DAC	DAC	ND	DAC	
06	DM	DAC	DAC	ND	ND	ND	ND	
07	ND	ND	DM	ND	ND	ND	DM	
08	DM	DM	DAC	ND	DAC	ND	DAC	
09	ND	DM	DAC	ND	ND	ND	ND	
10	ND	DM	DAC	DAC	ND	ND	ND	
11	ND	DM	DAC	ND	ND	ND	ND	
12	DAC	DM	DAC	DAC	ND	ND	ND	
13	ND	DAC	DAC	DAC	ND	ND	DM	

(CHAVE: **DM** (Dificulta Muito); **DAC** (Dificulta Alguma Coisa); **ND** (Não Dificulta))

Da análise efectuada a esta pergunta é perceptível que o meio mais condicionador da comunicação é a Internet, devido a problemas de ligação e velocidade da mesma. Percebemos que, hoje em dia, os conhecimentos não constituem um bloqueio para uma efectiva utilização da internet como ferramenta de comunicação, neste parâmetro os entrevistados estão em sintonia. Verifica-se também que os problemas na ligação pelo telefone e o custo de acesso à internet não dificultam a comunicação. Percebe-se que a

questão da privacidade na utilização do telefone, a diferença de fuso horário e os custos das chamadas telefónicas são ainda limitadores da comunicação entre as partes.

Questão nº7 - Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Quadro 4.2.2.7 - Análise dos resultados da questão nº 7 do grupo III

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Eu acho que era a internet, claramente acho que é um elemento diferenciador, eventualmente haver um correio especial um acordo especial entre a Guarda e a entidade transportadora para com um preço uma tabela especial para o incentivo de envio de coisas entre Portugal – Timor.</i>	- Internet -Correio especial
02	<i>Aquelas que foram possíveis tentar melhorar foram detectadas o aumento da largura de banda percebemos por razões técnicas que não era possível, o telefone mais barato do que chamada local não se consegue a não ser alguém que não esteja na zona de Lisboa não consegue a chamada local (...), em termos mais-valias técnicas não vejo assim grandes formas de melhorar.</i>	- Nada
03	<i>Abertura de mais canais de internet possivelmente será a única coisa que se poderá fazer. É assim portáteis toda agente tem neste momento as comunicações da Guarda para internet são as possíveis para os canais que estão abertos não vale a pena por mais senão depois empastela aquilo tudo. Abrir a banda mais e criar mais pontos de internet que dêem resposta.</i>	- Internet
04	<i>O que se poderia melhorar era largura da banda da internet e os Horários de utilização em termos de telefone (...) está à distância de uma decisão de comando os horários de utilização de telefone, porque aqui na central não têm capacidade de dar resposta aos pedidos de chamadas de lá à noite</i>	- Internet - Alargar o horário para as chamadas
05	<i>(...) colocar meios capazes de proporcionar um acesso à internet idêntico ao que temos cá. . A Guarda deveria colocar um meio de internet mais capaz na missão. Hoje em dia pode parecer aqui um mero factor sem muito relevo mas em missão a falta de internet reflecte-se, tem um peso crucial na motivação dos militares.</i>	- Internet
06	<i>(nada a referir)</i>	- Nada
07	<i>De facto acho que a melhor medida seria a Guarda ter em consideração aquilo que vai ser apurado relativamente a estes trabalhos de investigação, sobretudo sobre as conclusões e as propostas que irás fazer.</i>	- Nada
08	<i>(nada a referir)</i>	- Nada
09	<i>A internet pode ser melhorada, de resto o telefone está razoável. A internet dá para ver a família pelo Skype e as vezes a velocidade não era a melhor, pelo Skype era muito difícil.</i>	- Internet
10	<i>Era mesmo só ter uma Internet mais rápida, acho que era fundamental. É complicado quando queremos vê-los a falar e não conseguimos.</i>	- Internet
11	<i>Principalmente na Internet. Melhorar a velocidade. Tínhamos vários problemas ia a baixo muitas vezes. O número de computadores também era um pouco limitado.</i>	- Internet
12	<i>Se fosse possível melhorar a velocidade da internet seria óptimo.</i>	- Internet
13	<i>Poderia ser melhorada a ligação por internet em uso do contingente, pois sabendo que a internet fornecida pela Timor Telecom ainda apresenta algumas dificuldades, poderia a GNR viabilizar internet mais com maior rapidez e capacidade.</i>	- Internet

Pela análise das sugestões apresentadas, verifica-se que o meio de comunicação que poderia melhorar é a internet. Eventualmente, aderir a uma Banda Larga de modo a que o acesso à mesma seja facilitado e acessível a todos os militares com computador portátil. Também foi proposto a criação de um correio mais acessível, um correio especial entre Portugal e Timor. Foi sugerido o alargamento do horário de chamadas, disponibilizado aos militares, para estabelecerem comunicação com as famílias em Portugal.

4.3 - CARACTERIZAÇÃO DAS ESPOSAS ENTREVISTADAS

Quadro 4.3.1 - Caracterização sociográfica dos entrevistados

Entrevistado	Profissão	Idade	Género	Habilitações literárias	Estado Civil	Relação de parentesco com o militar
01	Gestora de Contas	38	F	Licenciatura	Cas	Esposa
02	Gestão clínica	34	F	Bacharelato	Solt	Companheira

(CHAVE: M (Masculino); F (Feminino); Solt. (Solteiro); Cas (Casado); Div (Divorciado); S (Sim); N (Não); UF (União de Facto))

4.4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

De seguida procede-se à apresentação e análise dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas a familiares dos militares.

4.4.1 - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO II

Questão nº1 - Quando recebe a notícia de que o seu familiar vai participar numa missão qual é normalmente a sua reacção?

Quadro 4.4.1.1 - Análise dos resultados na questão nº1, do grupo II

E	Expressões Chaves	Ideias Centrais
01	<i>É sempre um choque, nunca se sabe o que poderá acontecer, quais os perigos. A ansiedade é grande....</i>	- Choque - Ansiedade
02	<i>É naturalmente uma reacção de tristeza</i>	- Tristeza

Pela análise desta questão verificamos que as reacções sentidas são: choque, a ansiedade e a tristeza.

Questão nº2 - Apoia a decisão ou procura demovê-lo a ir?

Quadro 4.4.1.2 – Análise dos resultados na questão 2, do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>A decisão é apoiada, pois uma pessoa só está feliz no seio da família se profissionalmente se sentir realizada</i>	- Apoia
02	<i>É sempre uma decisão apoiada</i>	- Apoia

Pela análise desta questão verifica-se que a decisão dos militares irem para missões é sempre apoiada.

Questão nº3 - Considera-se bem informado/a sobre quais são as funções desempenhadas pelo militar neste tipo de missão?

Quadro 4.4.1.3 – Análise dos resultados obtidos na questão nº 3, do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Sim, fui esclarecida.</i>	Sim
02	<i>Sim</i>	Sim

Pela análise desta questão verifica-se que as famílias consideram-se informadas quanto as funções desempenhadas pelos militares.

Questão nº4 - Na sua apreciação, quais são as principais implicações da ausência do seu “militar” para a vida familiar?

Quadro 4.4.1.4 – Análise dos resultados obtidos na questão nº4, do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Implicações são sempre várias, ao nível da educação dos filhos (...) Também ao nível e apoio, com uma criança pequena, as doenças são uma constante, as noites mal dormidas são muitas e não há partilha das tarefas.</i>	- Educação dos filhos - Partilhas das tarefas
02	<i>A instabilidade pessoal e emocional (...), na sua ausência têm de se gerir emoções de ambas as partes para a protecção individual e incentivo a levar um dia a dia com a maior naturalidade possível</i>	- Instabilidade emocional

Analisando esta questão verifica-se que as principais implicações da ausência dos militares reflectem-se na educação dos filhos, na partilha de tarefas e na estabilidade emocional.

Questão nº5 - Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Quadro 4.4.1.5 – Análise dos resultados obtidos na questão nº5, do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Não houve um pico de dificuldades</i>	- Nenhuma
02	<i>A fase inicial é a mais difícil de suportar até à etapa seguinte; a habituação.</i>	- Fase inicial

Pela análise desta questão verifica-se que, a fase inicial é complicada, na medida em que ainda não estão habituados a esta nova rotina, outra inquirida refere que não houve nenhum pico de dificuldades, não existindo portanto uma fase crítica.

Questão nº6 - Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Quadro 4.4.1.6 – Análise dos resultados obtidos na questão nº6, do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Na altura esse apoio estava muito incipiente, não era muito formal nem esclarecedor. No entanto, como me considero uma privilegiada ao nível dos contactos da GNR, sempre tive apoio e contactos por parte de algumas pessoas da instituição,</i>	- Não era muito esclarecedor - Tive apoio e contactos por parte de algumas pessoas
02	<i>Nunca achei necessário solicitar nenhum apoio, não posso fazer qualquer apreciação</i>	- Não achei necessário - Não posso fazer apreciação

Pela análise a esta pergunta verificamos que, para uma das inquiridas o apoio dado aos familiares não era muito esclarecedor, no entanto recebeu apoio de algumas pessoas; a outra inquirida refere que nunca sentiu necessidade de solicitar apoio e por isso não faz qualquer apreciação.

Questão nº7 - Já recebeu algum tipo de apoio quando o militar estava fora? Que tipo?

Quadro 4.4.1.7 – Análise dos resultados obtidos na questão nº 7, do grupo II

E	Expressões Chave	IC
01	<i>(...) Na chegada dos militares a Portugal tive o privilégio de o ir receber ao avião</i>	- No regresso
02	<i>Não</i>	- Não

Analisando esta pergunta verifica-se que, uma das inquiridas refere que recebeu apoio no regresso dos militares, a outra refere que nunca recebeu qualquer tipo de apoio.

4.4.2 – ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NO GRUPO III

Questão nº1 - Quais são os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Quadro 4.4.2.1 – Análise dos resultados obtidos na questão nº1, do grupo III

E	Expressões Chave	IC
01	<i>De início tínhamos o telefone, posteriormente e de forma racionada o e-mail</i>	- Telefone - Internet
02	<i>Telefone e internet</i>	- Telefone - Internet

Pela análise desta questão verifica-se que os meios de comunicação à disposição para comunicar eram o telefone e a Internet.

Questão nº2 - Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Quadro 4.4.2.2 – Análise dos resultados obtidos na questão nº2, do grupo III

E	Expressões Chave	IC
01	<i>Talvez, apesar de ter consciência que as infra-estruturas em teatros de guerra são difíceis, acredito que hoje o acesso à internet (...) além do telefone deve ser promovidos neste tipo de missões.</i>	- Talvez
02	<i>Sim</i>	-Sim

Pela análise desta pergunta verifica-se que, uma das inquiridas considera que os meios que tem à disposição são suficientes, outra refere que talvez sejam suficientes, mas acredita que o acesso à internet deve ser promovido.

Questão nº3 - Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Quadro 4.4.2.3 – Análise dos resultados obtidos na questão nº 3, do grupo III

Entrevistado	Meios de comunicação						
	Telefone fixo	Telemóvel particular	Skype	Correio electrónico	Redes Sociais	Correio tradicional	Fax
01	D	NU	NU	-1/S	NU	NU	NU
02	D	MR	MR	-1/S	MR	NU	NU

(CHAVE: **D** (Diariamente); **2/3 S** (Duas a três vezes por semana); **1/S** (uma vez por semana); **-1/S** (Menos de uma vez por semana); **MR** (Muito Raramente); **NU** (Não Utiliza))

Analisando as respostas a esta entrevista verifica-se que, o correio tradicional e o FAX não eram utilizados, e que o telefone fixo era diariamente utilizado. Relativamente ao telemóvel, Skype e Redes Sociais estes ou não foram utilizados, ou então apenas foram utilizados muito raramente. O correio electrónico era utilizado uma vez por semana por ambas as inquiridas.

Questão nº4 - Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Quadro 4.4.2.4 – Análise dos resultados obtidos na questão nº4, do grupo III

Entrevistado	Razões de Preferência		
	Telefone	Correio electrónico	
01	Ouvir a pessoa	Enviar documentos e comunicar gratuitamente	
02	Telefone fixo	Telemóvel Serviço	Correio electrónico
	Gratuito	Quando estava fora do quartel	Envio de informação

Pela análise desta questão verifica-se que o telefone fixo era o preferido, uma vez que permitia ouvir a outra pessoa e num dos casos era gratuito, uma vez que a inquirida possuía um plano de comunicações gratuito para a zona de residência. O correio electrónico também era muito utilizado uma vez que permitia o envio de fotografias e documentos sem qualquer custo. Recorriam ao telemóvel particular apenas quando o militar se encontrava fora do quartel.

Questão nº5 - Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo:

Quadro 4.4.2.5 – Análise dos resultados obtidos na questão nº5, do grupo III

Entrevistado	Razões de uso menos frequente, ou não uso		
01	Skype	Fax	Correio Tradicional
	Não havia proliferação na altura	Não era directo	extravio
02	FAX	Correio tradicional	Skype
	Preferia enviar por email	Dispendioso e demorado	A velocidade da internet era lenta

Pela análise desta questão verifica-se que o FAX não era utilizado pois não era um meio directo, sendo rapidamente trocado pelo correio electrónico. O *Skype* não era muito utilizado devido aos problemas da Internet. O correio tradicional não era utilizado pois era um meio dispendioso e por vezes o correio era extraviado.

Questão nº6 - Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

Quadro 4.4.2.6 – Análise dos resultados obtidos na questão nº6, do grupo III

Entrevistado	Problemas técnicos na ligação por telefone	Problemas técnicos na ligação à Internet	Diferença de Fuso Horário	Custo das chamadas telefónicas	Custo de acesso à Internet	Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet	Privacidade nas condições de uso do telefone fixo	Outra
01	ND	DM	ND	DAC	ND	ND	DM	
02	ND	DAC	DAC	DAC	ND	ND	ND	

(CHAVE: DM (Dificulta Muito); DAC (Dificulta Alguma Coisa); ND (Não Dificulta))

Pela análise desta questão verifica-se que, os custos de acesso à Internet e os conhecimentos par utilizar a mesma não dificultam a comunicação. O custo das chamadas telefónicas dificulta alguma coisa. Os problemas na ligação à Internet dificultava muito ou alguma coisa. A diferença de Fuso horário para uma inquirida dificultava alguma coisa, para a outra não dificultava em nada. Consta-se que os eventuais problemas na ligação por telefone não dificultam em nada a comunicação. Relativamente às condições de privacidade no uso do telefone verifica-se que, para uma inquirida é algo que dificulta muito a comunicação e para a outra não dificulta nada.

Questão nº7 - Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Quadro 4.4.2.7 – Análise dos resultados obtidos no grupo III

E	Expressões Chave	IC
01	<i>(Nada a referir)</i>	- Nada
02	<i>Internet banda larga</i>	- Internet

Pela análise desta questão verifica-se que, a Internet poderia ser melhorada, nomeadamente optarem por uma Internet de Banda larga. A outra inquirida não indicou nada que pudesse ser melhorado.

Questão nº8 - Para concluir, agradeço também que mencione eventuais apoios que gostaria de receber por parte da GNR durante os períodos em que o seu familiar se encontra ausente em missão no estrangeiro.

Quadro 4.4.2.8 – Análise dos resultados obtidos na questão nº8, do grupo III

E	Expressões Chave	IC
01	<i>O contacto mais directo por parte das altas chefias, talvez a criação de um “oficial de Ligação” aos familiares ou um gabinete de apoio. É inaceitável que tenham retirado aos familiares dos militares a assistência médica</i>	- “oficial de ligação” ou gabinete de apoio - Assistência médica
02	<i>Não acho necessário</i>	- Não acho necessário

Através da resposta a esta questão verificamos que uma das inquiridas sugere a existência de um oficial de ligação ou um gabinete de apoio para as famílias, outro dos apoios a melhorar é a assistência médica. A outra inquirida não referiu nenhum apoio que gostasse de ver melhorado.

CAPÍTULO 5 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Após a apresentação e análise dos resultados, será feita a verificação das hipóteses inicialmente formuladas. Neste capítulo procuraremos retirar as conclusões que permitam facultar os contributos mais objectivos e pertinentes para a resolução da problemática de estudo em conformidade com os objectivos do trabalho, previamente delineados.

Relembramos a hipóteses inicialmente colocadas.

H1- As dificuldades comunicacionais são sobretudo de ordem técnica (má qualidade das ligações, quebra constante do sinal, etc.);

H2- As diferenças de fuso horário entre Portugal e Timor limitam a possibilidade de contacto regular entre famílias e militares;

H3- Os custos inerentes, designadamente das chamadas telefónicas, limitam a frequência dos contactos,

H4- As funcionalidades e facilidades associadas ao telefone fazem com que seja o meio de comunicação mais vulgarizado e mais frequente;

H5- A Internet e os recursos comunicacionais que esta proporciona (correio electrónico, redes sociais, estilo *facebook* e outras) não adquirem grande presença na comunicação entre militares e família;

H6- As famílias não se sentem suficientemente informadas sobre as funções desempenhadas pelos militares destacados;

H7- O apoio dado a militares e respectiva família é escasso, só sendo possível obtê-lo em situações extremas;

H8- As famílias não solicitam o apoio da estrutura da *GNR*, mesmo em caso de necessidade.

5.1 - VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES INICIALMENTE FORMULADAS

Relativamente à **H1**, podemos verificar que é parcialmente válida se considerarmos como meio de comunicação a internet, já que se considerarmos o telefone esta hipótese não se verifica.

Relativamente à **H2**, podemos verificar que é válida, uma vez que exige alguma coordenação entre as partes.

Relativamente à **H3**, podemos verificar que não é válida, uma vez que o preço das chamadas é igual ao que se pratica em TN.

Relativamente à **H4**, podemos verificar que é válida, este é sem dúvida o meio mais utilizado para comunicar. Pela facilidade de acesso e pela qualidade na ligação.

Relativamente à **H5**, podemos verificar que é parcialmente válida, este tipo de funcionalidade não adquire grande presença devido ao facto de a Internet estar constantemente a falhar e ter pouca velocidade/capacidade.

Relativamente à **H6**, podemos verificar que a hipótese é inconclusiva, uma vez que apenas foram entrevistadas duas pessoas da família, não poderemos generalizar os resultados obtidos. No entanto as inquiridas consideram-se bem informadas sobre as tarefas desempenhadas pelos militares. Mas, importa reconhecer que nos estamos a basear apenas em duas entrevistas, o que é manifestamente insuficiente para verificar a hipótese.

Relativamente à **H7**, ela é sobretudo inconclusiva, pois embora os militares saibam que esta estrutura existe não sabem muito bem como é que funciona na realidade, não podendo identificar se os apoios são escassos ou não, os entrevistados nunca sentiram necessidade de recorrer a esta estrutura.

Relativamente à **H8**, podemos verificar que a hipótese é inconclusiva, pois de facto os familiares entrevistados não solicitam o apoio da *GNR*, mas também declaram nunca ter tido necessidade de o fazer. Além disso, como se referiu, dispomos apenas de dois testemunhos, o que impede elações com alguma solidez.

5.2 - REFLEXÕES FINAIS

Numa primeira abordagem ao tema, para avaliar a sua pertinência e interesse de estudo, verificou tratar-se de um tema pouco explorado em estudos académicos. Com o decorrer da investigação foi definida a orientação do estudo, delimitou-se o universo de análise, aos comandantes dos vários contingentes projectados para Timor, bem como se incluíram três Guardas e três Sargentos do 10º Contingente. Foram ainda realizadas entrevistas, nos casos possíveis, às esposas dos militares que foram destacados.

Com estas entrevistas pretende-se perceber a estrutura familiar, se apoia a participação neste tipo de missões e quais as implicações que elas podem ter no dia-a-dia. A parte fundamental das entrevistas visa perceber se os meios de comunicação disponíveis são suficientes para manter contactos regulares com a família ou se existe algo a melhorar. As entrevistas dividiram-se em três grupos de questões.

Relativamente ao primeiro grupo, representa a caracterização sociográfica dos entrevistados e a composição do seu agregado familiar. Através deste grupo percebe-se que a maioria dos entrevistados faz parte de uma família nuclear, digamos que família clássica, constituída por pais e filhos; apenas dois dos inquiridos são divorciados e vivem sozinhos, constituindo assim uma família unipessoal.

O segundo grupo tem o seu enfoque nas missões internacionais, especificamente na frequência da participação dos militares, na importância da família para a tomada de

decisão, nas implicações da ausência física dos militares e, por fim, é pedida uma apreciação sobre as estruturas de apoio existentes. Neste grupo verifica-se que a grande maioria dos inquiridos participou em duas missões Internacionais, existindo apenas dois entrevistados que participaram em apenas uma. Todos os entrevistados foram e continuam a ser voluntários para participar em missões internacionais. Os militares consideram que a família, normalmente, apoia e compreende a sua participação neste tipo de missões, e sente-se informada sobre as tarefas desempenhadas por eles. A vida familiar influenciou a decisão na maioria dos entrevistados, por diversas razões, a económica ou o consentimento e apoio por parte da família; em apenas dois entrevistados a família não influenciou a sua tomada de decisão. Embora compreendam e apoiem a participação dos militares, as familiares entrevistadas não deixam de referir que a partida lhes causa choque, tristeza e ansiedade.

A principal implicação da ausência dos militares reflecte-se na ausência de acompanhamento escolar aos filhos, numa sobrecarga de tarefas para as mulheres, no sentimento de solidão e saudade, na relação com o cônjuge; apenas um dos inquiridos refere que não há alterações aquando da sua ausência.

Verifica-se que não se destaca uma fase crítica de conciliação da vida familiar com a vida profissional durante a missão. As dificuldades não estão ligadas ao *timing* da missão mas a eventuais problemas que possam surgir durante a mesma; existindo períodos em que é mais difícil gerir essa situação, nomeadamente aniversários, Natal e Passagem de Ano. Relativamente às estruturas de apoio, verifica-se que todos os entrevistados sabem que existe, no entanto nunca sentiram necessidade de recorrer a elas. Dois dos entrevistados consideram que as estruturas de apoio são boas e funcionam bem, e cinco referem esses apoios como insuficientes. Uma das inquiridas refere que recebeu apoio em termos de contactos por parte de algumas pessoas da instituição.

No terceiro grupo são abordados os meios de comunicação, é este grupo que nos permite identificar qual o meio de comunicação mais utilizado e compreender as razões da sua utilização. Neste grupo também podemos verificar quais são os problemas mais frequentes no momento de estabelecer a comunicação.

Verifica-se que os militares têm à sua disposição os seguintes meios: Telefone, Internet, Telemóvel, Telefone por Satélite e Correio tradicional. A grande maioria dos entrevistados considera que os meios de comunicação disponíveis são suficientes, contudo quatro dos inquiridos dizem que os meios institucionais não são suficientes, indicando a fraca capacidade da Internet como principal problema. Verifica-se que o meio de comunicação mais utilizado é o telefone, uma vez que os custos de utilização são acessíveis e é de fácil utilização. Por outro lado o Fax é um meio que nunca foi utilizado devido ao facto de nem todos possuírem esta ferramenta e ser facilmente substituído pelo correio electrónico. Os entrevistados recorrem ao telemóvel essencialmente para a troca de SMS e por ser um meio

prático (portátil). O correio electrónico é também um meio muito utilizado, pois permite a troca fotografias e eventuais documentos. As redes sociais e o *Skype* não são muito utilizados devido aos problemas de ligação da Internet. Os inquiridos referem que se a Internet tivesse melhor qualidade estes seriam utilizados mais frequentemente, são meios de excelência uma vez que permitem a visualização em tempo real dos interlocutores.

O correio tradicional apenas foi utilizado muito raramente por alguns dos inquiridos. Verifica-se que este meio está cada vez mais em desuso pelo tempo que demora e por, neste caso em concreto, ser usualmente extraviado.

Verifica-se que o principal problema em comunicar prende-se com a Internet. São apontados como causas: a pouca velocidade e a capacidade da Internet, está constantemente a ir a baixo devido à fraca fluência de tráfego. O fuso horário também é apontado como sendo um dos problemas na comunicação, exigindo algum planeamento das rotinas diárias, quer de Portugal quer de Timor. A privacidade na utilização também constitui uma dificuldade em comunicar. Por outro lado os eventuais problemas em estabelecer contacto, através do telefone, não colocam dificuldades à comunicação com a família, são quase inexistentes. O custo das chamadas telefónicas pode ser entendido aqui como um condicionante à comunicação, contrariamente à da Internet que é um serviço gratuito. Contudo o preço pago pelas chamadas é igual ao praticado em Portugal, preço de chamada local para a zona de Lisboa, e preço de chamada nacional para fora da zona de Lisboa.

Foram apontadas como necessidades a melhorar, em termos de meios de comunicação, a velocidade e capacidade da Internet, para ser utilizada em aplicações como o *Skype* e outras redes sócias, eventualmente adquirir Internet de Banda Larga para que seja acessível a todos os militares com computador portátil.

Durante a análise das entrevistas não se verificou divergência nas respostas em função do posto, nem houve variação de respostas entre militares e familiares. As dificuldades sentidas quer por militares quer por familiares são as mesmas.

Relativamente à questão central inicialmente formulada. Quais são as dificuldades comunicacionais sentidas pelos militares e respectivas famílias no decorrer de uma missão? Essas dificuldades prendem-se com a fraca capacidade da Internet, e também com diferença de fuso horário. Quanto às questões derivadas: quais os meios de utilização mais utilizados? E porque? Que tipo de apoio disponibiliza a *GNR* às famílias dos militares destacados em missão? Verifica-se que os meios mais utilizados são o telefone e o correio electrónico, pelas razões acima mencionadas. Quanto ao apoio fornecido, a *GNR* tem à disposição CPIS, que tem por missão dar apoio psicológico a todos os militares da Guarda, no caso em concreto dos militares que vão para missão não existem procedimentos nem formas de actuação escritos. Os militares e famílias sabem que existe apoio caso o solicitem, mas não sabem que tipo de apoio é facultado.

Foi sugerida a criação de um correio especial entre Portugal e Timor, com uma tarifa especial e com maior fiabilidade, eliminando situações de extravio. De acordo com uma das entrevistadas, sugere-se a criação de um gabinete de apoio para os militares e para a respectiva família, eventualmente existir um *oficial de ligação*. Este gabinete estaria localizado na UI, teria a capacidade de dar resposta a todas as solicitações e promoveria o convívio entre as diversas famílias.

5.3 - LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO

Um estudo desta natureza alberga um conjunto de limitações que representam tomadas de decisão constantes para o seu autor.

A principal limitação deveu-se ao facto de ser um tema que nunca tinha sido abordado anteriormente, e daí não existir muita bibliografia para ser consultada. Por outro lado os procedimentos de apoio do CPIS para este tipo de situações, não se encontram explanados em documentos escritos. O número reduzido de entrevistas a familiares dos militares, não nos permitiu ter uma visão mais ampla, garantindo outra perspectiva sobre a temática explorada. O número de páginas estipulado para a elaboração desta Tese constitui por si uma limitação.

5.4 - INVESTIGAÇÕES FUTURAS

No futuro, pensamos que seria interessante realizar um estudo semelhante, mas transpondo-o para outra realidade, nomeadamente, verificar que implicações terá para a família a colocação de um militar em TN, longe do agregado familiar. Apesar do militar se encontrar em TN, não está com a família todos os dias e por vezes, nem todas as semanas. Esta é uma situação que se denota preocupante, tanto ao nível profissional como ao nível familiar.

A solução muitas vezes encontrada pelos militares é a deslocação do agregado, para a sua área profissional, o que, pode causar transtorno e pressões, ao nível pessoal, com incompatibilidades verificadas no binómio profissão/família. Seria importante aprofundar a vertente familiar, uma vez que neste trabalho foi uma das limitações verificadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

- ACADEMIA MILITAR, (2008). *Táctica da GNR I Operações Militares*, Lisboa, Academia Militar.
- AMARO, Fausto (2006). *Introdução à sociologia da Família*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- BRANCO, Carlos Martins (2010). “O que são Operações de Paz? Conceitos e Taxinomia” In MOREIRA, Adriano et al, *Portugal e as Operações de Paz. Uma visão Multidimensional*, Lisboa, Prefácio Fundação Mário Soares.
- BRETON, Philippe et al (1997). *A Explosão da Comunicação*, Lisboa, Editorial Binzâncio.
- CORREIA, Sónia Vladimira (2010). “A articulação família-trabalho em famílias monoparentais masculinas” in WALL, Karin et al, *A vida Familiar no masculino, negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, edição Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- CRUZ, Marco. F. (2010). “A Participação da Guarda Nacional Republicana em Operações de Paz.” in MOREIRA, Adriano et al, *Portugal e as Operações de Paz. Uma visão multidimensional*, Lisboa, Prefácio Fundação Mário Soares.
- FINURAS, Paulo (1999), *Gestão Internacional e Recursos Humanos*, Lisboa, Edições Silabo.
- FODDY, William (1996). *Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionário*, Oeiras, Celta Editora.
- GUERRA, Isabel Carvalho (2010). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdos. Sentidos e formas de uso*, Cascais, Principia Editora.
- LECLERC, Gerard (2000). *A Sociedade de Comunicação, uma abordagem sociológica e crítica*, Lisboa, Instituto PIAGET.
- WALL, Karin (2010). “A conciliação entre a vida profissional e a vida familiar em casais com filhos: perspectivas masculinas” in WALL, Karin et al, *A vida Familiar no masculino, negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, edição Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- WOLTON, Dominique (1999). *E depois da Internet? Para uma teoria crítica dos novos media*, Algés, Difel 82- Difusão editorial, SA.

REVISTAS:

- FERRAJÃO, Paulo (2010) “ A experiência em missões internacionais de paz: estudo do funcionamento mental e coesão grupal nos militares da GNR”, *Revista de Psicologia Militar*, Nº 19, pp. 181 a 199.

HERMENEGILDO, Reinaldo Saraiva (2010). “A segurança em Timor-Leste: Contributo da GNR”, *Proelium*, VI Série Nº 14, pp. 191 a 216.

HIRONAKA, Gisela Maria Fernandes Novaes (2001). “Família e casamento em evolução”, *Revista dos advogados – associação de advogados de São Paulo*, Nº 62, pp. 16 a 24.

MARTINS, José Carlos 45 tal (2008) “A Internet como factor de transformação social e das relações de poder”, *Proelium*, VI Série Nº9, pp. 135 a 158.

SURRADOR, António (2002). “ VIII. Stress e operações de Apoio à Paz: Contributos par um Projecto de Intervenção Psicossocial na Força Aérea”, *Revista de Psicologia Militar*, Nº 13, pp.145 a 173.

LEGISLAÇÃO:

LEI Nº 63/2007 de 06 de Novembro. Lei orgânica da GNR.

LEI Nº 9/2010 de 31 de Maio. Lei do casamento entre pessoas do mesmo género.

D. R. Nº 19/2008 de 27 de Novembro, Decreto Regulamentar da Lei Orgânica da GNR.

Despacho nº 4501/2010, do Exmo. Comandante Geral da Guarda, publicado em Diário da Republica, 2ªSerie nº51, 15 de Março de 2010.

WEBSITES:

INE (2003). *Família clássica*, disponível em http://metaweb.ine.pt/sim/CONCEITOS/Detail.aspx?cnc_cod=177&cnc_ini=24-05-1994, acedido em 06 de Junho de 2011

BRANCO, Carlos Martins (2010). *A participação de Portugal em Operações de Paz. Êxitos, problemas e desafios*, disponível em <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/media/ecadernos6/@cetera%20%20-%20Carlos%20Branco.pdf>, acedido em 25 de Maio de 2011

OUTROS:

ACADEMIA MILITAR, (2008). *Orientações para redacção de trabalho*, Lisboa, Academia Militar.

APÊNDICES

APÊNDICE A - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS MILITARES



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

Mestrado em Ciências Militares – Especialidade Segurança

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

ENTREVISTA NO ÂMBITO DO TRABALHO

“Missões Internacionais da *GNR* e as Implicações para as famílias dos militares”

ALUNO: Aspirante Aluno: Andreia Sofia Amaral Lopes

ORIENTADOR: Prof./Doutora Ana Romão

CO-ORIENTADOR: Capitão Pedro Nogueira

Lisboa, Junho de 2011

CARTA DE APRESENTAÇÃO

A entrevista que se segue insere-se na parte prática de um Trabalho de Investigação Aplicada, cujo tema é “As missões Internacionais da *GNR* e as implicações para as famílias”. Este trabalho visa à obtenção do grau de mestre no curso de ciências militares na especialidade de segurança.

Esta entrevista servirá de base de estudo da parte prática do referido trabalho. Esse trabalho tem como problema de investigação as dificuldades em comunicar, sentidas pelos militares destacados em Timor e pelas suas famílias. É indispensável perceber até que ponto os meios de comunicação disponíveis em Timor são eficientes. Verificando como a ausência de informação interfere no equilíbrio emocional dos militares.

Assim sendo, solicito a V. Ex.^a permissão para o entrevistar, de forma a contribuir significativamente para o enriquecimento deste trabalho. Caso V. Ex.^a assim o entenda, ser-lhe-á colocada à disposição a transcrição da entrevista bem como os dados resultantes da sua análise, antes da exposição pública do trabalho.

Obrigado pela sua colaboração

Atenciosamente

Andreia Sofia Amaral Lopes

Asp Inf^a

ENTREVISTA AOS MILITARES

TEMA: “Missões Internacionais da GNR e as implicações para as famílias dos militares”

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função:

Idade:

Género:

Habilitações literárias:

Estado Civil:

Composição do agregado familiar:

Cônjuge					
Filhos		Quantos?		Com que idades?	
Progenitores do próprio					
Progenitores do cônjuge					
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?
2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?
3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.
4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?
5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?
6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da *GNR* aos familiares dos militares em missões internacionais?

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?
2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?
3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço						
Telemóvel particular						
Skype						
Correio electrónico						
Redes Sociais (facebook, etc.)						
Correio tradicional						
Fax						

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1		
Meio 2		
Meio 3		

5. Peço-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1		
Meio 2		
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peço-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			
Problemas técnicos na ligação à Internet			
Diferença de fuso horário			
Custo das chamadas telefónicas			
Custo de acesso à Internet			
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo			

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Obrigado pela sua colaboração
 Andreia Lopes

APÊNDICE B - ENTREVISTA UM

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Comandante 1ª Companhia do GIOP*

Idade: *31*

Género: *Masculino*

Habilitações literárias: *Mestrado*

Estado Civil: *União de facto*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	N	Quantos?		Com que idades?	
Progenitores do próprio	N				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Três missões internacionais, 2006, 2009 e 2010, todas em Timor

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sempre voluntário naturalmente, sendo que para nós ser voluntário é estar aqui. No momento em que assumimos que queremos estar aqui, e porque estamos disponíveis para as missões sejam elas quais forem.

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Não, influenciou positivamente, mas também não influenciou negativamente, ou seja, não é por causa da minha vida familiar que eu vou para a missão mas também não há nada felizmente na minha vida familiar que me condicione a não ir para a missão, eu acho que é mais essa condição. Que influência é que a vida familiar pode ter, pode condicionar a não ir,

pode condicionar a ir só por motivos económicos não haveria outro condicionamento, no meu caso não, não houve nenhum condicionamento para não ir.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Compreende e apoia, faz parte. Portanto acho que no fundo é mais o compreende aceita. Do que apoia, apoia quer dizer, não é pá vai vai vai, não é assim epá tem que ser.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

As implicações há sempre o afastamento não é, e se a coisa não for bem gerida familiarmente, especialmente em casa na vida a dois as coisas depois não correm bem porque não é a mesma coisa. Na nossa ausência as coisas evoluem, quer dizer as rotinas mudam-se e a pessoa quando chega sente um bocadinho isso, não é! Há rotinas que se criam que são diferentes e a gente não está cá, e por tanto não é a mesma coisa. Não quero dizer com isto que a gente não goste de ir ou não gostasse de ir, mas também por um lado é um bocadinho as duas coisas tanto gosta de ir porque em termos de comando é uma realização enorme, mas também gostamos de ficar como não podemos estar nos dois lados, tem que haver aqui um equilíbrio. Na minha opinião o mais importante é as coisas serem decididas de uma forma consensual e as pessoas terem uma expectativa correcta daquilo que vai acontecer a curto prazo, portanto eu cheguei agora eu tenho as minhas expectativas em casa as expectativas são de que eu possa sair outra vez daqui a um ano e meio; portanto se eu tiver que sair amanhã naturalmente que isso é uma surpresa e não o adequado, a acontecer terá que ser uma coisa que de facto seja um motivo de força maior e aí as pessoas claros que compreendem, agora ser eu a decidir não vou já embora amanhã porque sim porque quero porque faço força se calhar não ia ser bem aceite como é obvio.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Não senti, eu acho que custa sempre o dia em que vamos embora, custa sempre, depois especialmente para comandantes para oficiais a rotina a responsabilidade é tão grande que as prioridades que estão permanentemente na nossa cabeça são outras. Torna-se difícil haver motivos de grande dificuldade a não ser que haja problemas familiares, como eu nunca tive, não posso dizer, não senti isso.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Nunca tive muito contacto com elas felizmente. Tive um militar que faleceu o pai portanto penso que funcionaram, o apoio psicológico à família para saber se era preciso alguma coisa se não é, mas não mais que isso.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Telefone a custo de chamada local como se estivesse em Lisboa, portanto os militares telefonam de Timor como se estivessem em Lisboa. E depois a Internet, a internet é lenta a custos elevadíssimos para a Guarda o que faz com que as coisas não evoluam para uma banda larga e muita dificuldade em comunicar especialmente com transmissão de imagem/vídeo há militares que o fazem especialmente quem tem crianças, eu nunca o fiz, não sinto necessidade, não tenho paciência para a lentidão da Internet, prefiro falar ao telefone, é isso que eu faço.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Eu acho que são suficientes adequados, eu acho que o ideal seria ter internet de banda larga como é óbvio, portanto era isso que todos nos gostaríamos e todos os comandantes que lá estão e eu também o senti têm pena de não conseguir melhorar mais. Agora é o possível. Mas considero que o vídeo é importante, essencialmente acho que é isso.

Ah já sei o que é que ia a dizer à pouco. Em termos de adaptação não sei se isto se encaixar em alguma pergunta ou não, mas eu acho que é importante; diz me a experiência que e cada vez mais acredito nisso é muito mais fácil para quem vai, para os militares do que para quem fica, porque quem vai, vai encontrar novas rotinas, novos desafios, dias preenchidos e quem fica continua com a mesma rotina com os mesmos horários, ter que levar os miúdos à escola, ter que buscar os miúdos da escola ter que fazer compras ter que pagar contas, ter isto e ter aquilo com uma diferença é que nós não estamos cá. Portanto toda a ajuda que agente dava deixa de existir, portanto acho que todos os dias para quem cá fica sente essa ausência, para nos que lá estamos não, acabar por ser seguramente mais difícil para quem fica.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					
Telemóvel particular						X
Skype						X
Correio electrónico			X			
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional						X
Fax						X

Sempre telefone de serviço por regra, o esquema que eu adoptei para redução de custos foi tenho telefone em casa que não pago para telefonar posso telefonar 24Hpor dia gratuito para telefones fixos e portanto quem me ligava era de cá sempre para Timor, não era eu que ligava para cá. Ficava a custos zero. Por exemplo eu dava um toque para cá e já sabiam que era para ligar para mim. Portanto sempre telefone oficial. Usava diariamente duas vezes por dia. Claro que o fuso horário exige ali alguma coordenação

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Não se aplica porque só utilizei um. Para mim não existe outra opção.

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telefone	Mais prático ouve se bem e sem custos
Meio 2	Email	Enviar fotografia
Meio 3		

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Não se aplica porque só utilizei um.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1		
Meio 2		
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet		X	
Diferença de fuso horário	X		
Custo das chamadas telefónicas			X
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo			X

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

Fuso horário por causa dos ritmos diferentes, quando a pessoa já está em ritmo de descanso estão cá em ritmo acelerado de trabalho, quando a pessoa está em ritmo acelerado de trabalho de manhã estão aqui a quebrar, ou seja ânimos diferentes, porque depois se tu por acaso falhas um telefonema porque quem está cá a trabalhar e depois tu vais te deitar e

depois já não falas porque depois o horário já não é compatível. Depois no outro dia de manhã não podes ligar porque tiveste que ir mais cedo para uma operação ou outra coisa qualquer, assim já nem falas-te à noite nem falas-te de manhã já só vais voltar a falar à noite. Existe um período para se fazer as chamadas que normalmente tem sido suficiente, quando é que ele não é suficiente no Natal e Ano Novo e aí nós por norma o comandante pede para nesses dias não haver limite é 24h por dia. Tem haver só com a questão de gestão do serviço aqui da central. Mas é uma situação que às vezes geram algum mau estar.

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Eu acho que era a internet, claramente acho que é um elemento diferenciador, eventualmente haver um correio especial um acordo especial entre a Guarda e a entidade transportadora para com um preço uma tabela especial para o incentivo de envio de coisas entre Portugal – Timor, Timor – Portugal. Acho que fazia todo o sentido e acho que era um apoio que os nossos militares e as famílias iam sentir. São estratégias de comando, são coisas pequenas que podem fazer muita diferença, às vezes não pelo volume pelo impacto que têm directamente mas pelo significado que tem. Acho que é importante

APÊNDICE C - ENTREVISTA DOIS

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *2º comandante do GIOP*

Idade: *40*

Género: *Masculino*

Habilitações literárias: *Licenciatura*

Estado Civil: *Casado*

Composição do agregado familiar: *3*

Cônjuge	S				
Filhos	S	Quantos?	1	Com que idades?	6
Progenitores do próprio	N				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Se considerares como missão regra geral de seis meses fiz três, uma em 2001 na UNTAET nas Nações Unidas, outra em 2006 onde fui comandante de contingente na UNMIT e outra em 2009 na EUROGENFOR na Bósnia Herzegovina.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sempre

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Ora bem influencia no sentido de que a decisão que eu tomei de voluntariedade foi falei primeiro com a minha esposa na altura ainda não tinha o filho mas expus a situação e foi com o "agrement" dela, não quer dizer que se calhar se não houvesse filho não teria ido, mas no meu caso concreto foi como o consentimento dela. Ela percebe a necessidade de voluntariedade para este tipo de serviço pela rotatividade que exige, no meu caso específico

foi pelo facto de estar a comandar a companhia e tive mesmo que avançar até para dar o exemplo aos restantes militares.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

De certa forma já respondi que sim. Incondicionalmente.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

Bom é a partilha das responsabilidades ou seja essencialmente a partir do momento em que tive o filho em 2004, e a segunda missão foi em 2006 e portanto cada vez que havia um problema com o filho desde do ponto de vista médico (saúde) seja para ir buscar mais cedo à escola, responsabilidades que normalmente são partilhadas neste caso em concreto com a minha esposa ou com ela ou a com a minha sogra ou a minha mãe, teriam que repartilhar digamos assim a responsabilidade. Normalmente ela perguntava me a mim tens disponibilidade para leva-lo ao médico ou para ir buscá-lo mais cedo portanto neste aspecto, ela passou a ter 100% da responsabilidade.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Não tive regra geral grandes dificuldades nesse ponto mas também tem a ver com a minha personalidade com o meu estado de espírito a partir do momento em que fui voluntário estive sempre disponível para a missão e para ajudar em casa se fosse possível, não é, especialmente no caso das Bósnia porque era possível vir no próprio dia. No caso de Timor já nem tanto. Até te posso dar um exemplo que surgiu com militares meus. Mas não foi tanto pelo timing da missão ou as dificuldades com os militares, mas tinha às vezes a ver com um problema pontual que necessita-se da minha presença em Portugal e que eu não estava, este problema se colocava ou no início, meio ou no fim da missão e eu não pudesse vir, então aí tinha reflexos, quer da parte dela que se sentia desapoiada quer da minha parte que me sentia de alguma forma impotente para poder ajudar na resolução das coisas, não tem tanto a ver com o timing no meu caso concreto mas com o problema em si específico. No caso dos militares do meu contingente que eu comandeie então aí a fase final por já haver expectativas de final da missão era quando os militares começavam a ter mais sinais de ansiedade e portanto aí foi quando regra geral existiam mais problemas.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Ora bem, existe e sempre existiu uma estrutura de apoio mas que não é suficiente, com responsabilidade dos dois lados portanto das próprias famílias que só recorriam às estruturas de apoio quando disso tinham necessidade quando por vezes até para problemas mais pequenos podiam recorrer de forma mais assídua. E da própria parte da GNR também não sentiu necessidade de se aproximar das famílias a não ser quando havia problemas em concreto. Um problema qualquer de um militar em que diziam olha atenção que aconteceu isto assim está tudo bem ele está bem fisicamente, só nestas fases é que se processava um relacionamento tudo o resto era de alguma forma descentralizado nos próprios militares que eles sim coordenavam com as famílias, se as famílias sentissem um problema então encaminhavam a um militar e o militar através da estrutura de comando: olhe a minha mãe tem este problema ou assim ou assim, e podíamos resolver, que eu tenha conhecimento não foi se calhar pelos dedos de uma mão o número de vezes que foi necessário dar apoio aos familiares. Mas a estrutura existe há um gabinete de psicologia centralizado a partir de determinada altura não foi sempre assim no gabinete de psicologia da GNR e eles próprios tratam do reencaminhamento das famílias para as eventuais necessidades que tenham.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Ora bem de um modo geral e sem ser muito discriminatório em termos de meios telefone, fixo institucional e móvel o dos militares cada um tinha o seu embora nós também tivéssemos GPS e telefone por satélite caso fosse necessário em qualquer sitio era possível contactar com as famílias, depois a internet e aqui tenho que acrescentar para além do que as Nações Unidas em Timor, a própria NU impunha restrições de comunicação nomeadamente não usar imagens porque ocupavam muita banda, era só escrito e nós com a nossa antena que temos em Timor conseguíamos falar portanto é privada é da unidade e os militares conseguiam telefonar não só ao preço de uma chamada local portanto é como se a pessoa estive aqui a telefonar se eu telefona-se do quartel não se pagava nada, se telefona-se fora era o preço de uma chamada local, portanto isto trás mais-valias em termos de comunicações e era possível fazê-lo claro que depois os militares tinham que ser de alguma forma... era quase tipo uma escala consoante a disponibilidade dos meios, havia

quatro linhas, conforme iam ficando livres eles iam utilizando. A internet com mais-valia relativamente aos restantes elementos das NU e outras forças internacionais, mais ninguém tinha isto e que permitia o vídeo e comunicações via internet o telefone fixo e móvel; fixo o institucional e móvel o dos militares ou o GPS caso fosse necessário, por exemplo quando saíamos para as montanhas a unidade estava contactável apesar de haver o rádio interno por qualquer razão acontecia uma acidente mesmo conseguindo contactar com Díli pegávamos no telefone por satélite e ia contactar com Portugal, portanto neste aspecto estavam salvaguardadas as comunicações.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

São, e vou explicar porque; porque houve duas ou três situações pelo menos que eu me recorde em que eram os próprios familiares de Portugal que telefonavam para amigos camaradas dos militares que lá estavam para dizer que não recebiam notícias deles há algum tempo, portanto muitas das vezes o uso dos meus de comunicação não tem a ver com a disponibilidade dos meus ou até a rapidez mas com a vontade das pessoas usarem as comunicações, portanto nos comunicamos se quisermos num processo de comunicação tem que haver um receptor e um emissor o que acontece é que especialmente na parte de Portugal pedir para os militares de lá entrarem em contacto com os de cá, o que aconteceu foi isso. Ou seja estes meios chegam para aquilo que é necessário desde que as pessoas tenham disponibilidade para criando rotinas de contactos diários ou não por razões económicas, o que interessa é que as pessoas queiram comunicar daqui para lá, e eles estão sempre contactáveis estão no quartel ou de lá de quem está em missão para cá para os familiares.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço				X		
Telemóvel particular	X					

Skype						X
Correio electrónico	X					
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional					X	
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telemóvel particular	Para a família, prático
Meio 2	Telemóvel de serviço	Para serviço
Meio 3	Internet	Enviar fotografias e video

5. Peço-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Carta	Demora não era para comunicar era mais pelo simbolismo
Meio 2		
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peço-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet	X		
Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas		X	
Custo de acesso à Internet	X		
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo		X	

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Aquelas que foram possíveis tentar melhorar foram detectadas o aumento da largura de banda percebemos por razões técnicas que não era possível, o telefone mais barato do que chamada local não se consegue a não ser alguém que não esteja na zona de Lisboa não consegue a chamada local; mas hoje em dia com os tarifários que existe inclusive o telefone fixo vem conjuntamente com os pacotes da "meo" da "zon" e companhias limitada é muito mais fácil ter telefone fixo nem que o adquira especificamente só para a missão, os militares que vão regularmente às missões acabam por aderir a esse tipo de comunicação, em termos mais-valias técnicas não vejo assim grandes formas de melhorar. Tivemos também vídeo-conferência chegamos a fazer algumas inicialmente mas depois perdeu-se um pouco fruto do isolamento dos próprios militares que querem ter o próprio computador portátil querem ser eles a gerir esse controlo sem ter que estar a marcar a hora com outros militares, perdeu-se um pouco até porque as pessoas tinham que vir aqui a Lisboa. Agora aquele aspecto que me parece mais importante é a mentalização quer de um lado quer do outro da intenção de comunicar esse é que é o aspecto que a meu ver, tem mais reflexos na

comunicação não tantos os meios em si porque depois as pessoas acabam por se adaptar mesmo o militar que diga eu estou aqui para poupar dinheiro eu quero levar dinheiro para Portugal tenho interesse nisso, se eu tomar a opção de comunicar pouco para poupar é importante que a família também tenha essa noção e esteja de acordo. Para que quando seja necessário comunicar por qualquer razão que o façam, para que não seja a ausência de comunicação de forma convicta a interferir no relacionamento das duas pessoas, portanto o que interessa a meu ver é mais a intenção de comunicar do que propriamente os meios, os meios por vezes servem como desculpa. Por que sempre que tive necessidade de comunicar com os meu familiares fi-lo sabendo que isso teria os seus custos. E da parte dos meu familiares a mesma coisa. Os militares lá, é fácil, pois estão sempre contactáveis o contrário muitas vezes é que já é mais complicado ou levam o telemóvel e muitas vezes as pessoas recorreram ao telemóvel pois se eu ligar para o telemóvel ou a pessoa atende ou fica registada a chamada e portanto há-de responder. Se houver ausência de comunicação aí sim terá reflexos não é tanto o meio.

APÊNDICE D - ENTREVISTA TRÊS

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Comandante do GIOP*

Idade: *42*

Género: *Masculino*

Habilitações literárias: *Mestrado*

Estado Civil: *Casado*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	S	Quantos?	2	Com que idades?	7 e 3
Progenitores do próprio	N				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Em duas directamente as outras como comandante.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Fui sempre voluntário.

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Sim, há sempre que conjugar certos interesses seja o dos filhos da mulher e os nossos. Se a nossa família está preparada e sabe que nós temos que dar resposta há alturas da vida em que isso não é possível e já tive uma vez que adiar pelo menos uma missão porque a minha mulher estava grávida e ia ter o miúdo durante o período em que estava mesmo para partir e preferi adiar um contingente e ir no contingente a seguir. Mas influência sempre temos que pesar duas coisas temos que organizar a vida verificar como é que a nossa mulher fica cá com os filhos, quer dizer se nós tivermos os pais perto e os sogros perto

estão sempre ali prontos a dar uma ajuda, no meu caso não estão todos longe só estamos cá os quatro e se não organizarmos as coisas não é possível.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim sem dúvida. Essas contingências são só de organização da vida do quotidiano cá, para nós não andamos lá muito preocupados com aquilo que se está a passar cá. Tirando algum problema que surja inopinado as coisas estão ali a andar normalmente, só nesse campo é que há necessidade de fazermos um planeamento diferente. Depende se somos casados e temos essa responsabilidade ou não.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

As implicações podem ser positivas ou negativas, porque nós também se a família está muito dependente de nós em todos os aspectos isso também é mau porque a nossa vida só por si independentemente de termos missões ou não temos que sair com frequência do nosso espaço familiar e das respostas necessárias do dia-a-dia se eu for para o Porto ou para o Algarve ou para qualquer parte de Portugal não vou deixar a minha família na mesma dependência que estando fora, só com a diferença é que posso mais rápido chegar a ela. Mas as implicações podem ser positivas ou negativa a quebra da rotina também é importante para a nossa própria família aprender a dar respostas, eu acho que é importante. Agora não é isso com frequência não podemos fazer-lo, podemos fazer uma gestão.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Só senti uma coisa aqui porque a própria missão foi num período bastante sensível apanhou o Natal E a passagem de Ano, para já era o primeiro Natal com o meu filho e são sempre factos que nos trazem algum desânimo e depois nós como comandantes não podemos estar a demonstrar este desânimo e então temos que criar várias maneiras de motivar os outros com a nossa desmotivação. Mas são períodos bastante difíceis. Isto das missões também depende dos períodos que se está a passar dos problemas que acontecem cá e dos problemas que acontecem lá, mas principalmente os dois primeiro o período e os problemas que acontecem cá, nos sentimos alguma impotência quando estamos lá perante um problema menor lá criamos um problema grande porque se estivéssemos cá resolvíamos aquilo na passada e lá temos bastantes dificuldades em resolver.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Em acho que as estruturas de apoios têm sido boas porquê, nós criámos uma comissão de apoio às famílias essa comissão de apoio já funcionou com mais efectividade se assim se pode dizer, porque na altura do Iraque dado também o período crítico que foi a nossa passagem, na noite anterior ao embarque aconteceu o atentado e o facto de nós já lá deveríamos de estar foi muito complicado. Na altura eu fazia parte desta comissão, fui nomeado pelo segundo comandante geral e foi muito difícil gerir a saída deles, e dado esta aproximação e também porque se passou o Natal e a passagem de Ano lá houve necessidade de fazermos muitas actividade cá de reunimos várias vezes a família de contactarmos com eles, de contactar sempre que havia um filho que fazia anos mandar um postal enfim tivemos muito mais efectividade neste contacto. Actualmente não se verifica isso só se verifica quando há necessidade o militar lá tem um problema qualquer cá seja em que âmbito for reage em função da resolução desse problema seja um filho que está no hospital seja a mulher que está a precisar de apoio o que for necessário daqui damos a resposta que achamos que é necessária naquele momento seja o padre seja o assistente social seja o psicólogo, nós vamos fazendo essa reacção. E eu penso que as estruturas são boas. Porque se tu fizeres um trabalho muito efectivo os nossos militares também podem pensar que nós andamos aqui com segundas intenções temos que fazer ali um balanço e equilibrar muito bem a balança. Se for necessário apertar mais um bocadinho porque a ameaça aumentou ou porque estar a surgir problemas com mais frequência nós vamos reduzir a malha, portanto vamos abrindo a malha vamos fazendo esta flexibilidade que também é importante.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ULTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Em 2002 em Timor não tínhamos no 1º contingente. No final deste contingente, depois de montar a antena já se conseguia. Eu penso que o sistema é bastante razoável tirando a internet se tiver muito tráfego acaba por ficar congestionada. Mas é quase impossível nós resolvermos esse problema quer dizer 140 indivíduos se resolverem falar todos ao mesmo tempo não é fácil de gerir esse problema.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Considero, não vejo porque não actualmente estão a dar resposta, existe é as diferenças horárias. Depois vai implicar que naturalmente quando eles se levantam lá aqui seja de noite e depois estão num período até às duas da tarde em que não podem telefonar para cá e quando nós nos atrasamos um bocadinho a chamar para lá se for a partir das seis da tarde já apanhamos o período deles estarem a descansar. Tirando isso eu penso que é razoável não digo que seja o ultimo grito mas neste momento é razoável e dá resposta eficaz a todas as solicitações.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					
Telemóvel particular					X	
Skype						X
Correio electrónico		X				
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional						X
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telefone	Mais barato e prático
Meio 2	Correio electrónico	Para enviar/receber fotografias
Meio 3		

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Telemóvel	Em Timor era muito caro
Meio 2		
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone		X	
Problemas técnicos na ligação à Internet	X		
Diferença de fuso horário	X		
Custo das chamadas telefónicas			X
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo		X	

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

As grandes dificuldades era quando saíamos do quartel, tínhamos muitas dificuldades em todo o tipo de comunicações não era só no telefone para a família era todo o tipo de comunicações. Nós por exemplo em Timor muitas das vezes nas missões que fizemos fora de Díli tivemos que levar um repetido móvel um carro com repetidor móvel nós fazíamos encontros de famílias junto à fronteira de "Batugadequi" em que de um lado estão os indonésios e do outro lado estamos nós e nós construimos um acampamento onde fazíamos

encontro de famílias, daquelas famílias que tinham se refugiado na parte Indonésia vinham se encontrar com as famílias que estavam em Timor-Leste então juntavam se naquele campo e nós tínhamos que fazer segurança ao campo todo e para termos comunicações tínhamos que levar o tal repetidor montá-lo em determinado sitio depois havia ali muita guerra electrónica pelos próprios Indonésios e pelos Australianos que limitavam as comunicações aos Indonésios e nós tínhamos muitas dificuldades em comunicar. Levávamos um telefone satélite que tínhamos que o direccionar mas quando havia necessidade eram eficazes, por vezes tínhamos que nos deslocar um bocadinho mais para a esquerda ou mais para a direita ou mais para trás mas conseguíamos sempre comunicar com eles.

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Abertura de mais canais de internet possivelmente será a única coisa que se poderá fazer. É assim portáteis toda agente tem neste momento as comunicações da Guarda para internet são as possíveis para os canais que estão abertos não vale a pena por mais senão depois empastela aquilo tudo. Abrir a banda mais e criar mais pontos de internet que dêem resposta será a única coisa que neste momento possamos fazer. Penso que a GNR está bem em termos de comunicações tentamos sempre evoluir um bocadinho para utilizar as câmaras o SKYPE para isso precisamos de uma banda mais larga.

APÊNDICE E - ENTREVISTA QUATRO

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Comandante da 3ª Companhia do GIOP*

Idade: 35

Género: *Masculino*

Habilitações literárias: *Licenciatura*

Estado Civil: *Divorciado*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	N				
Filhos	N	Quantos?	1	Com que idades?	7
Progenitores do próprio	N				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Em três.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sim

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Sim, claro. Tem que haver um suporte familiar grande para se ir para missões, se não houver vamos ter uma pressão extra para a missão, não quer dizer que não se faça, a maior parte dos militares fazem-no. Se não houver um suporte familiar seja a nível parental, a nível do cônjuge, seja a nível dos filhos é muito mais complicado.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Diria que compreende, não faz nada para o contrariar mas se pudessem escolher eu não iria para missões.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

Podem se considerar vários planos, há o plano efectivo emocional onde existe de apoio ao cônjuge. Ao nível de filhos estes precisam da presença do pai e da mãe para crescerem para serem educados e depois existe o nível dos pais, os pais têm sempre a falta dos filhos. A família obviamente em geral a mulher no caso dos casados em especial são extremamente sobrecarregadas com a ida para a missão e os filhos também, nota-se imenso a instabilidade emocional.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

As fases mais complicadas são quando as pessoas que estão cá começam a acusar a nossa ausência, acusar no sentido de começam a ficar destabilizados emocionalmente ou começam a fraquejar no sentido de (...) precisam do nosso apoio e não têm. Essa é uma perspectiva. A outra perspectiva é quando nós lá estamos com saudades ou estamos mais vulneráveis emocionalmente e obviamente que gostaríamos de ter os nossos suportes emocionais, a nossa família, os nossos pais, a nossa mulher os nossos amigos por perto. O momento em concreto depende muito de pessoa para pessoa.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Isso é uma pergunta complicada. Não sou a pessoa indicada para te responder porque nunca senti necessidade dessa estrutura de apoio. Existe uma estrutura de apoio que julgo estar muito dependente da pessoa que está a frente dessa estrutura, ou seja, isto quer dizer que não há doutrina não há procedimentos escritos não há alertas, está muito dependente do factor humano. Se a pessoa do outro lado do telefone recebe o militar a dizer que precisa de desta ajuda ou daquela ajuda ficar sensível a isso e de facto se esforçar para auxiliar o militar eu julgo que a coisa tem funcionado bem, fruto do bom profissionalismo dos militares que estão do lado de cá.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ULTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Telefone, como em Território Nacional. A preço de chamada local dentro de Lisboa mais caro se fosse fora de Lisboa. Tínhamos Internet fornecida pela GNR, vídeo-conferência caso fosse necessário em situações pontuais. Depois havia a internet local e havia os telemóveis suportados individualmente pelos militares.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Institucionalmente julgo que não, julgo que a internet fornecida pela GNR não dá capacidade de resposta aos meios que hoje existem aos dispor das pessoas, e que as pessoas estão habituadas a ter. A internet está completamente generalizada, as pessoas passam horas na internet e estão habituadas a ter internet e estão habituadas a comunicar pela internet, e a internet que nós utilizamos neste momento em missões é a mesma que utilizamos no Iraque em 2003 e se não me engano é a mesma que utilizámos em Timor em 2000, ou seja é uma internet com muito pouca capacidade. Lembro me que no Iraque não tínhamos mais nenhuma internet disponível sem ser a da GNR e tinha que haver uma gestão criteriosa dos tempos de utilização dos horários de utilização para dar mais ou menos para todos e não era fácil. Agora em Timor com verbas do sub-agrupamento tem-se Internet local de fornecedor local e a maior parte dos militares utiliza o seu telemóvel por ser acessível, principalmente para o envio de mensagens escritas, mesmo o telefonar desde que não seja para passar horas ao telefone é acessível, não difere muito da utilização aqui de um telemóvel.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço						X
Telemóvel particular	X					
Skype					X	

Correio electrónico			X			
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional						X
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telemóvel	Custo acessível
Meio 2		
Meio 3		

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Correio normal	Não sentia necessidade
Meio 2		
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet	X		
Diferença de fuso horário	X		
Custo das chamadas telefónicas		X	
Custo de acesso à Internet (*)		X	

Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo		X	

(*) No quartel não se pagava a internet, fora era caro.

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

Como já disse tinha que ser bastante racionado tanto o telefone como a internet, tinha que haver horas específicas de utilização por pelotão, dentro do pelotão por militar. Tinha que haver horas específicas tendo em conta o fuso horário por causa da gestão de chamadas dos militares que estão na secção de transmissões. No natal e no Ano Novo era mais difícil gerir isso. Em Timor há muita variedade de comunicação, muitos iam ao mercado local pagavam uma mensalidade através da rede Wireless e utilizavam os portáteis.

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

O que se poderia melhorar era largura da banda da internet e os Horários de utilização em termos de telefone porque há aqui um entrave muito grande que tem haver apenas com a prática institucional e que ainda não houve nenhum comandante que altere isso, está à distância de uma decisão de comando os horários de utilização de telefone, porque aqui na central não têm capacidade de dar resposta aos pedidos de chamadas de lá à noite e então existe um horário para se telefonar para aqui e isso é mau. Obviamente situações de urgência as chamadas têm que ser passadas mas a situação normal diária isso não acontece e muitas vezes não dá para conciliar com a vida pessoal, sendo um factor que obriga que os militares comprem telemóveis gastem dinheiro do seu próprio bolso arranjam redes de internet mais rápida, e com a tecnologia que hoje em dia está disponível acho que já não se justifica acho que facilmente se podia mudar era alargar o horário para a realização das chamadas reforçando os meios humanos da central se necessário. Alterar a largura da banda para esta ser acessível através de Wireless podendo cada militar utilizar o seu próprio computador.

APÊNDICE F - ENTREVISTA CINCO

3. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Comandante da 4ª Companhia do GIOP*

Idade: 38

Género: *Masculino*

Habilitações literárias: *Licenciatura*

Estado Civil: *Casado*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	S	Quantos?	2	Com que idades?	7 e 8
Progenitores do próprio	N				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Uma em Timor, onde fui comandante do 9º contingente.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sim

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Influenciaram, porque por muito boas razões e aspirações profissionais que tenhamos a vida familiar é um peso crucial numa decisão de ir para uma missão, e quando se tem duas filhas com oito e sete anos neste caso e muito ligadas a mim é complicado custou-me tomar essa decisão mas ponderei entre os prós e os contras e decidi ir para a missão, mas influencia bastante.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Compreende, não apoia. E muito menos a minhas filhas, as minhas filhas não compreendem nem apoiam.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

Desde logo no acompanhamento afectivo, também essa questão é crucial então quando estamos próximos dos filhos como é o meu caso preocupo me muito com as minhas filhas. Depois outro aspecto é no acompanhamento escolar, tem os seus reflexos a minha mulher é espectacular faz de tudo um pouco para colmatar a minha ausência mas reflecte-se sempre, eu quando estou fora também já estive em Itália já estive a tirar uns cursos fora e quando estou fora trás reflexos negativos para elas.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Olha eu apanhei o aniversário da minha filha mais nova. Eu por sorte não apanhei o período de Natal nem o período da Pascoa, o período de Natal considero era um período mais crítico face à nossa cultura e ainda não tive essa experiência. Passei em missão foi o aniversário da minha filha mais nova e recordo me que houve ali uns dias que ela ligava-me e na percebia porque é que eu não estava e eu então procurava psicologicamente dizer-lhe filha estou aqui a uns dias e tal, mas foi complicada e foi um simples aniversário.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Pouco, nenhuns, escassos, vagos sem reflexo, não existe, não conheço, não tive. Se existe não tive por mim não passaram. Considero uma grande lacuna da Guarda mais propriamente desta Unidade é assim a Guarda, nós temos algumas possibilidades de estabelecer contacto via telefone, temos a internet chamadas por telefone são a preços como se fossem chamadas locais aqui, mas tirando isso mas também pensamos o que é que poderia ser mais, olha confesso não pensei sobre o assunto mas tirando isso não conheço outro tipo de apoios. E considero que poderia se explorar mais essa área porque temos militares e índices elevados de problemas consequentes das missões.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Telefone, internet

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Não, a internet não funciona em pleno ao que estamos habituados aqui, daí que é muito limitado. O telefone é o normal.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					
Telemóvel particular						X
Skype					X	
Correio electrónico	X					
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional						X
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telefone de serviço	prático
Meio 2	Correio electrónico	Para o envio de fotografias e porque é prático
Meio 3		

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Correio normal	Não é prático
Meio 2	Redes sociais	Possibilita o transpor o privado
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone		X	
Problemas técnicos na ligação à Internet	X		
Diferença de fuso horário (*)		X	
Custo das chamadas telefónicas		X	
Custo de acesso à Internet		X	
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo		X	

(*) por causa das filhas

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Eu considero que a Guarda poderia conceber possibilidades de acesso à internet em missão, colocar meios capazes de proporcionar um acesso à internet idêntico ao que temos cá. Se assim fosse não tenho dúvidas que alguns problemas seriam minimizados depois fruto da precariedade da internet os militares têm que adquirir pelos seus próprios meios as pens a preços exorbitantes e daí que nem todos os militares podiam adquirir essas pens e depois limitavam-se ao uso do telemóvel de vez em quando, daí que fruto disso começam a surgir os problemas. A Guarda deveria colocar um meio de internet mais capaz na missão. Hoje em dia pode parecer aqui um mero factor sem muito relevo mas em missão a falta de internet reflecte-se, tem um peso crucial na motivação dos militares.

Quando a internet deixava de funcionar era um problema, havendo internet ter a possibilidade de se verem uns aos outros estabelecerem esta proximidade é fundamental. Em teatros a Guarda deveria ter meios mais capazes.

APÊNDICE G - ENTREVISTA SEIS

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Adjunto do Gabinete do Comandante Geral*

Idade: *37*

Gênero: *Masculino*

Habilitações literárias: *Pós-graduação*

Estado Civil: *Divorciado*

Composição do agregado familiar: *1*

Cônjuge					
Filhos		Quantos?		Com que idades?	
Progenitores do próprio					
Progenitores do cônjuge					
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Três missões de operações de apoio à paz e um cargo internacional de apoio a uma missão internacional.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sempre.

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

A minha decisão de participar em cada missão, mereceu sempre a aprovação da minha família. Não participei nalgumas missões por não ter esse apoio.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim. É fundamental que assim seja.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

A ausência de apoio nos problemas que surgem no dia-a-dia, principalmente em situações de doença e morte. Perturbações no desenvolvimento dos projectos em comum.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Sempre que existe um problema grave na família e falta muito tempo para o período de férias ou final da missão

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Adequada e eficaz.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Telefone fixo (indicativo de Lisboa), telefone satélite, telemóvel, internet e correio normal.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Completamente.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					
Telemóvel particular		X				
Skype					X	
Correio electrónico		X				
Redes Sociais (facebook, etc.)			X			
Correio tradicional					X	
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	telefone	económico
Meio 2	Telemóvel de serviço	Oportuno
Meio 3	Telemóvel particular	Oportuno

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	FAX	Não é prático, inacessível
Meio 2	Correio normal	Fiabilidade
Meio 3	SKYPE/REDES	Dificuldades técnicas

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peço-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone	X		
Problemas técnicos na ligação à Internet		X	
Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas			X
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo			X

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

APÊNDICE H - ENTREVISTA SETE

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *IESM, docente responsável por duas cadeiras: Operações e Informações das Forças de Segurança, e ciências criminais.*

Idade: 41

Gênero: *Masculino*

Habilitações literárias: *Licenciatura AM, licenciatura em Direito, pós graduação em RI, pós graduação em Direito e Segurança, Mestre em Direito e Segurança.*

Estado Civil: *Casado*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	S	Quantos?	1	Com que idades?	8
Progenitores do próprio					
Progenitores do cônjuge					
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Particpei em missões com Força constituída. Em 2000 na missão UNTAET Timor Leste, na qualidade de comandante de pelotão da Rapid Response Unit; e em 2004 no teatro de operações do Iraque, aquando da missão Iraq Freedom, na qualidade de comandante de Contingente.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sim

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Em todas as missões em que participou ouvi e tive sempre em consideração a opinião da minha mulher. A restante família, também, foi informada e esclarecida.

Aquando na missão no Iraque tinha a minha filha um ano. Com filhos este tipo de assuntos tem de ser mais discutido.

Por um lado, temos a parte profissional e por outro lado temos a parte familiar. Nenhum Homem ou Mulher é alguém sem família. Diria mesmo que é uma “norma” do Direito Natural. Estes assuntos têm que ser debatidos no seio da família, embora reconheça que isso trás sempre repercussões nos âmbito das relações familiares. Tem de existir uma permanente compreensão de todas as partes envolvidas.

Nós nas missões internacionais habituamo-los a viver sozinhos (...) desvinculas-te um pouco da vida familiar e depois quando regressas, às vezes, no processo de decisão e na vida comum não temos em consideração a opinião do outro ou dos outros. Não é por mal, é normal que aconteça.

Na vida em sociedade e na partilha do lar todos os dias temos de tomar decisões. Após o regresso das missões esqueces-te, às vezes, de envolver no processo de decisão a pessoa que está a viver contigo. Mesmo que sejamos solteiros, julgo que o procedimento é igual perante os pais, namorada ou namorado. É quase um processo de aprendizagem de novo.

A maturidade e experiência de vida leva-me a afirmar que as missões internacionais trazem sempre repercussões na vida familiar. Por vezes, estas são muito graves. Devia ser realizado um estudo quanto à percentagem de divórcios, em que o afastamento do cônjuge, em serviço no estrangeiro, é a principal causa.

Pessoalmente, uma das coisas que mais me custou e que ainda me lembro, foi quando cheguei do Iraque a minha filha com um ano e meio, não me ter reconhecido. Tenho a imagem gravada na memória.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim, compreende e apoia na íntegra.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

Para quem tem filhos, naturalmente, as implicações são ao nível da educação das crianças.

Ao nível dos cônjuges ao nos afastarmos quer se queira quer não, acaba sempre por se esfriar um pouco as relações (...); há quem diga o contrário que reforça. Compreendo, mas não partilho da ideia.

Existem mais desvantagens do que vantagens, não encontro vantagens nenhuma em haver uma separação entre cônjuges ou pessoas que vivem juntas.

Já quanto às crianças acho que o afastamento de um dos progenitores é muito mau. Trás repercussões graves, pois quando o militar que está no exterior regressa ao ambiente familiar a criança apoia-se mais naquela pessoa que a acompanhou em alguns momentos

da vida. As crianças não percebem o afastamento do pai ou da mãe e tornam-se às vezes um pouco rebeldes. Eu falava com militares que tinham filhos mais velhos (oito, nove anos) e o que notaram após terem regressado das missões foi que os filhos se tornaram um pouco rebeldes.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

As missões foram diferentes, uma no âmbito das UN. A missão cumprida em Timor Leste foi sobretudo no âmbito da assistência humanitária. O grau de ameaça, apesar de ser considerável, não era elevado. Os maiores problemas centraram-se na necessidade de estabelecer a ordem pública e impor a autoridade. (...) A ameaça era real, era a primeira participação da Guarda em missões internacionais como força constituída e a população portuguesa estava sensível ao assunto, bem como as respectivas famílias dos militares. A preocupação existia no seio das famílias em relação aos seus familiares em missão, mas como os problemas não foram significativos e como a proficiência operacional foi uma realidade, não houve grande dificuldade em gerir à distância o sentimento das famílias.

A outra missão, cumprida no Iraque teve um grau de ameaça muito elevado. Durante a missão houve vários ataques armados e resultaram feridos graves (...) No segundo contingente a tensão aumentou, fomos obrigados a fazer patrulhamento em viaturas blindadas, as nossas forças frequentemente eram flageladas e aí a pressão e a preocupação por parte das famílias é muito maior. Por outro lado, é impossível não dar a conhecer os factos, porque os media apresentam-nos ao mundo.

Em Timor Leste tínhamos a possibilidade de ligar para as famílias através de telemóveis de operadoras Australianas, já no final da missão. A guarda disponibilizou linhas de comunicação. A dificuldade reside em gerir a necessidade de cento e tal militares querem ligar às famílias, quase em simultâneo. Sobretudo aquando das ocorrências operacionais em que pretendem ligar para tranquilizarem as famílias. Têm de existir regras, quase para tudo. Nada é insignificante. Mesmo os comandantes têm e devem cumprir as regras. Eu, na qualidade de comandante não podia passar horas ao telefone com a minha família sabendo que havia um militar que só podia estar três ou quatro minutos a falar com a família, porque entretanto já estava outro na fila de espera.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Em Timor houve a ideia de criar equipas para darem um apoio social. Nem sempre os resultados são os melhores, mas o que conta é a intenção. Cada caso é um caso. Julgo que as equipas tiveram sucesso em alguns casos.

Há pessoas que aceitam bem a intervenção das equipas e outras que não.

No Iraque fruto do General Cunha Lopes, o apoio social foi dinamizado. O nosso General sempre se preocupou e tentou fomentar esse apoio social dentro daquilo que era possível.

O comando da guarda nunca esqueceu a importância daquele apoio e sempre deu prioridade aos assuntos relacionados com o mesmo. Desde os pormenores, como sejam as linhas telefónicas, capacidade de memória para os computadores estarem ligados à Internet, etc., etc. Tudo foi tido em consideração.

O apoio religioso no Iraque foi fundamental. O nosso capelão que foi ao Teatro de Operações desempenhou um papel crucial.

Os momentos de tensão para além de aumentarmos o espírito de corpo, serviram para perceber que os militares da guarda, só por si, são uma família.

A Guarda tem desenvolvido alguma doutrina que não tem sido plasmada em documentos escritos. Nesta área a Instituição teve iniciativa que tem sido reaproveitada pelos Ramos das Forças Armadas.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Em Timor, tínhamos uma linha de telefone fixo que apesar de ser paga, era a um preço insignificante. Tentou-se implementar, pela primeira vez, a vídeo-conferência sendo que no Natal conseguiu-se estabelecer contacto. Existiam telefones particulares também.

Posteriormente, e no Iraque já houve a possibilidade de estabelecer contacto através da Internet. Neste Teatro de Operações, também tínhamos linhas fixas de telefone. Para situações de emergência tínhamos o telefone satélite

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Tinhas todos os meios possíveis para contactar as famílias. Não podias era utilizá-los sempre que querias. O serviço operacional tem prioridade e a diferença de fusos horários tem de ser tida em consideração.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					
Telemóvel particular		X				
Skype						X
Correio electrónico	X*					
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional					X	
Fax						X

* No Iraque

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telefone fixo	Era o mais seguro, ouvir a voz cria a sensação de proximidade
Meio 2	Correio electrónico	é impessoal
Meio 3		

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Carta	Por vezes acontecia o extravio de correspondência
Meio 2		
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet			X
Diferença de fuso horário	X		
Custo das chamadas telefónicas			X
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet *			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo	X		

* *Gratuito*

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

De facto acho que a melhor medida seria a Guarda ter em consideração aquilo que vai ser apurado relativamente a estes trabalhos de investigação, sobretudo sobre as conclusões e as propostas que irás fazer.

Devia de haver alguém na Guarda que lê-se e reflectisse sobre aquilo que se vai apurar. Enfim, ouvir vários comandantes e vários militares. Boa sorte e parabéns pela escolha do tema.

APÊNDICE I - ENTREVISTA OITO

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Chefe Centro de Comunicações e operador de transmissões*

Idade: *40*

Género: *Masculino*

Habilitações literárias: *12º*

Estado Civil: *Casado*

Composição do agregado familiar: *3*

Cônjuge					
Filhos		Quantos?	1	Com que idades?	8
Progenitores do próprio					
Progenitores do cônjuge					
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Em 2 (duas)

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sim

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

O aspecto salarial e o actual ambiente socioeconómico português.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

Quando se tem filhos menores, as implicações podem ser negativas, visto uma criança não ter a sensibilidade de compreensão de certo tipo de assuntos, como é a ausência de um dos progenitores por um longo período de tempo.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

No Natal e aniversários

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Não posso tecer qualquer comentário, uma vez que nunca tive de recorrer a essas estruturas, mas também posso aferir que da parte dessas estruturas nunca houve qualquer iniciativa para com os familiares dos militares da Instituição.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Telefone e Internet

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Não

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço		X				

Telemóvel particular	X					
Skype		X				
Correio electrónico			X			
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional					X	
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telemóvel particular	<i>Mais fiável e com menos quebras de ligação</i>
Meio 2	Telefone de serviço	<i>Mais barato</i>
Meio 3	Skype	<i>Ver e ser visto pela família</i>

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Redes sociais	<i>Não utilizo</i>
Meio 2	fax	<i>Não utilizo</i>
Meio 3	Correio tradicional	<i>Demoras na entrega de correspondência e encomendas. Estas ultimas por vezes surgem danificadas, abertas ou incompletas.</i>

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone	X		

Problemas técnicos na ligação à Internet	X		
Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas			X
Custo de acesso à Internet		X	
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo		X	

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

APÊNDICE J - ENTREVISTA NOVE

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Guarda no pelotão de Ordem Pública*

Idade: 28

Gênero: *Masculino*

Habilitações literárias: 9º

Estado Civil: *Solteiro*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	N	Quantos?		Com que idades?	
Progenitores do próprio	N				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Duas em Timor

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sim

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Não, não influenciou. Foi uma opção minha, pela realização pessoal e depois também pelo dinheiro.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

É mais as saudades,

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Nos momentos festivos é sempre mais complicado, sabemos que essas pessoas gostavam que estivéssemos presente e não estamos.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Sei que existe mas nunca precisei.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Internet, telefone, e o telemóvel pessoal.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Sim são, a velocidade da Internet por vezes não é a melhor mas consegue-se falar.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					

Telemóvel particular	X					
Skype						X
Correio electrónico			X			
Redes Sociais (facebook, etc.)		X				
Correio tradicional						X
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	telefone	Gratuito de Portugal para Timor por causa da ZON, as chamadas Nacionais não se pagava
Meio 2	telemóvel	Prático envio de sms
Meio 3		

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Correio tradicional	Não era prático e demora muito tempo
Meio 2	FAX	Só na secretaria é tem e também não é prático
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à	X		

Internet			
Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas			X
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo			X

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

A internet pode ser melhorada, de resto o telefone está razoável. A internet dá para ver a família pelo Skype e as vezes a velocidade não era a melhor, pelo Skype era muito difícil.

APÊNDICE K - ENTREVISTA DEZ

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Elemento de Ordem Pública*

Idade: 28

Gênero: *Feminino*

Habilitações literárias: 12º

Estado Civil: *Solteira*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	N	Quantos?		Com que idades?	
Progenitores do próprio	S				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Uma em Timor

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sim

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Influência sempre, porque a nível monetário fica se com mais capacidade para as contas. Depois também conta a minha mãe, também pensei nisso.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

Acho que não há muitas alterações, porque o meu namorado é militar e também foi, se eu fosse casada e com filhos era mais complicado. As mães ficam sempre preocupadas com os filhos.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

O Natal é sempre mais complicado, passámos lá o Natal e a passagem de Ano. E foi uma fase em que estávamos a um mês de estar a meio da missão. A fase do meio acho que é mais complicada.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

As estruturas de apoio só existem se as famílias também as pedirem. Sei que existe, e sei que se a família precisar eles dão apoio psicológico ou o que for necessário.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Internet e telefone

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Seriam se a internet fosse melhor. A internet é muito má lá. Isso depois dificulta a comunicação.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
----------------------	----------------------	------------------------------	--------------------	---------------------------------	-----------------	-------------

Telefone de serviço			X			
Telemóvel particular		X				
Skype		X				
Correio electrónico	X					
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional					X	
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	<i>Telemóvel</i>	<i>Sempre disponível, saía mais barato de telemóvel para telemóvel, controlava mais os custos</i>
Meio 2	<i>Skype</i>	<i>Dava para ver as pessoas</i>
Meio 3		

5. Peço-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	<i>Correio tradicional</i>	<i>Demorava muito</i>
Meio 2		
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peço-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet	X		
Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas		X	
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo *			X

* *As militares femininas têm a sorte de ter um telefone perto do quarto, era um sítio mais reservado.*

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Era mesmo só ter uma Internet mais rápida, acho que era fundamental. É complicado quando queremos vê-los a falar e não conseguimos.

APÊNDICE L - ENTREVISTA ONZE

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Elemento de Ordem Pública*

Idade: 28

Gênero: *Masculino*

Habilitações literárias: 9º

Estado Civil: *Solteiro*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	S	Quantos?	1	Com que idades?	18 meses
Progenitores do próprio					
Progenitores do cônjuge					
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Duas em Timor, em 2009 e 2010.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sempre

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Influência no apoio em que dão, dão opinião de qual é a melhor altura ou não.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim, sem dúvida

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

No acompanhamento do crescimento da minha filha. De resto penso que tenho todo o apoio da minha família cá.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Acho que não tive assim nenhum período crítico, correi tudo com normalidade. Ficamos mais receptivos na altura do Natal, foi a primeira vez que passei o natal fora. É um período mais sensível.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Facultam vários apoios, como nunca solicitei não tive necessidade não sei ao certo se estão bem estruturadas se são boas e se dão bom apoio. Mas penso que sim eles colocam tudo ao dispor dos militares.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Telefone fixo, telemóvel, Internet.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Sim são.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					
Telemóvel particular		X				

Skype		X				
Correio electrónico			X			
Redes Sociais (facebook, etc.)		X				
Correio tradicional						X
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telefone fixo	Era compatível com os horários de cá
Meio 2	Skype	Ter contacto visual coma filha.
Meio 3		

5. Peço-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Correio tradicional	Não foi necessário
Meio 2	Fax	Não tive documentação para receber ou enviar
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peço-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet	X		

Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas			X
Custo de acesso à Internet *			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo			X

* No quartel era grátis.

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Principalmente na Internet. Melhorar a velocidade. Tínhamos vários problemas ia a baixo muitas vezes. O número de computadores também era um pouco limitado.

APÊNDICE M - ENTREVISTA DOZE

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: Instrutor

Idade: 33

Género: masculino

Habilitações literárias: 12º ano

Estado Civil: Casado

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	S	Quantos?	1	Com que idades?	16 meses
Progenitores do próprio	N				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros					

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Duas.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sim.

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Sim, na medida em que foi a necessidade de concretizar alguns projectos.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

A solidão eventualmente criada pelo vazio físico e a necessidade de apoio a vários níveis.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

No decorrer da primeira missão, quando se começou a especular quanto á data de regresso e eu com casamento marcado, tive de o adiar em prol da incerteza.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Nenhuma, pois nunca as usei.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ULTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Internet, telefone, correio tradicional.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Em situação normal, penso que sim.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço						X
Telemóvel particular		X				
Skype	X					
Correio electrónico	X					
Redes Sociais (facebook, etc.)						X

Correio tradicional						X
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	skype	A interação permitida.
Meio 2	Correio electrónico	A quantidade e a periodicidade com que se pode enviar dados.
Meio 3	Telemóvel	O custo das chamadas é elevado.

5. Peço-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Redes sociais	na altura não estava registado e também não achei necessidade de o fazer.
Meio 2	fax	Impossibilidade da outra parte ter acesso a essa via.
Meio 3	Correio tradicional	Pela morosidade na entrega do mesmo.

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peço-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone		X	
Problemas técnicos na ligação à Internet	X		
Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas		X	
Custo de acesso à Internet			X

Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo			X

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

Ocupar o tempo livre com algo positivo, pois muitas vezes o pessoal começa a entrar em paranóia, porque não consegue ocupar o tempo livre convenientemente, o que por sua vez leva a terem pensamentos desviantes por assim dizer...

7. Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Se fosse possível melhorar a velocidade da internet seria ótimo.

APÊNDICE N - ENTREVISTA TREZE

I. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A)

Função: *Cmdt Secção, 1º Sarg – GIOE*

Idade: *35 anos*

Género: *Masculino*

Habilitações literárias: *11 ano*

Estado Civil: *União de facto*

Composição do agregado familiar:

Cônjuge	S				
Filhos	S	Quantos?	1	Com que idades?	14 Meses
Progenitores do próprio	N				
Progenitores do cônjuge	N				
Outros	N				

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Em quantas missões internacionais participou até ao momento?

Duas missões em Timor Leste 8º Contingente e 10º Contingente.

2. Nas missões em que participou, foi sempre voluntário(a)?

Sim

3. As circunstâncias da sua vida familiar influenciaram a sua decisão de participar em missões internacionais? Por favor diga em que aspectos a sua vida familiar influenciou essa decisão.

Influenciaram a minha decisão de modo positivo pois tendo todo o apoio por parte da minha família, a missão é encarada com maior suporte emocional o que ajuda a ausência dos seis meses em missão.

4. Diria que a sua família compreende e apoia a sua participação em missões internacionais?

Sim, tenho recebido todo o apoio por parte da minha família.

5. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da sua ausência para a vida familiar?

A minha ausência impossibilita o acompanhamento no crescimento da minha filha e o apoio directo na resolução de algumas dificuldades que ocorrem durante o período de missão.

6. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em conciliar gerir a distância face à família?

Não posso dizer que tenha sentido dificuldade em gerir a distância, mas no entanto o ultimo mês de missão é aquele em que posso ter sentido mais saudades e necessidade de voltar a estar perto da minha família.

7. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Não tenho qualquer tipo de opinião formada quanto a apreciação desta estrutura, pois nunca foi necessário solicitar apoio de qualquer natureza e por isso desconheço as suas capacidades ou potencialidades ou por outro lado as suas lacunas.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (MESMO QUE TENHA ESTADO EM VÁRIAS MISSÕES, NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES CONSIDERE APENAS A SUA ÚLTIMA MISSÃO EM TIMOR)

1. Na unidade em que esteve inserido, quais eram os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar a sua família?

Telefone, telemóvel e internet.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Considero que sim, pois nunca senti verdadeiramente grandes dificuldades em comunicar com a minha família.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com a sua família?

Telemóvel e internet

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
----------------------	----------------------	------------------------------	--------------------	---------------------------------	-----------------	-------------

Telefone de serviço						X
Telemóvel particular	X					
Skype		X				
Correio electrónico				X		
Redes Sociais (facebook, etc.)					X	
Correio tradicional					X	
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telemóvel	Facilidade, permanentemente contactável
Meio 2	internet	Boa cobertura, preço e facilidade
Meio 3	Telefone	Sempre disponível a usar

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Fax	Não ser necessário e por ser fácil digitalizar documentos e enviar por email
Meio 2	facebook	Usado apenas para mostrar fotos dos locais e das localidades
Meio 3	Carta	Por levar quase um mes a chegar ao destino

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
--	-----------------	------------------------	---------------

Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet		X	
Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas		X	
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo	X		

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

- Para finalizar, agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Em minha opinião poderia ser melhorada a ligação por internet em uso do contingente, pois sabendo que a internet fornecida pela Timor Telecom ainda apresenta algumas dificuldades, poderia a GNR viabilizar internet mais com maior rapidez e capacidade.

APÊNDICE O - GUIÃO DA ENTREVISTA ÀS FAMÍLIAS



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

Mestrado em Ciências Militares – Especialidade Segurança

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

ENTREVISTA NO ÂMBITO DO TRABALHO

“Missões Internacionais da *GNR* e as Implicações para as famílias dos militares”

ALUNO: Aspirante Aluno: Andreia Sofia Amaral Lopes

ORIENTADOR: Prof./Doutora Ana Romão

CO-ORIENTADOR: Capitão Pedro Nogueira

Lisboa, Junho de 2011

CARTA DE APRESENTAÇÃO

A entrevista que se segue insere-se na parte prática de um Trabalho de Investigação Aplicada, cujo tema é “As missões Internacionais da *GNR* e as implicações para as famílias”. Este trabalho visa a obtenção do grau de mestre no curso de ciências militares, na especialidade de segurança.

Esta entrevista servirá de base de estudo da parte prática do referido trabalho. Esse trabalho tem como problema de investigação as dificuldades em comunicar, sentidas pelos militares destacados em Timor e pelas suas famílias. É indispensável perceber até que ponto os meios de comunicação disponíveis em Timor são suficientes e adequados para manter os contactos entre os militares destacados e as respectivas famílias.

Assim sendo, solicito a V. Ex.^a permissão para o/a entrevistar, de forma a contribuir significativamente para o enriquecimento deste trabalho. Caso V. Ex.^a assim o entenda, ser-lhe-á colocada à disposição a transcrição da entrevista bem como os dados resultantes da sua análise, antes da exposição pública do trabalho.

Obrigado pela sua colaboração

Atenciosamente

Andreia Sofia Amaral Lopes

Asp Inf^a

ENTREVISTA AOS FAMILIARES

TEMA: “*Missões Internacionais da GNR e as implicações para as famílias dos militares*”

I. CARACTERIZAÇÃO SÓCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A).

Idade:

Género:

Habilitações literárias:

Profissão:

Estado Civil:

Relação de parentesco com o militar:

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Quando recebe a notícia de que o seu familiar vai participar numa missão qual é normalmente a sua reacção?
2. Apoiar a decisão ou procura demovê-lo a ir?
3. Considera-se bem informado/a sobre quais são as funções desempenhadas pelo militar neste tipo de missão?
4. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da ausência do seu “militar” para a vida familiar?
5. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em gerir a ausência do seu familiar?
6. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?
7. Já recebeu algum tipo de apoio quando o militar estava fora? De que tipo?

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES, CONSIDERE A ÚLTIMA MISSÃO EM QUE O SEU MILITAR PARTICIPOU).

1. Quais são os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar o seu familiar?
2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?
3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com o seu familiar?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço						
Telemóvel particular						
Skype						
Correio electrónico						
Redes Sociais (facebook, etc.)						
Correio tradicional						
Fax						

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1		
Meio 2		
Meio 3		

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1		
Meio 2		
Meio 3		

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			
Problemas técnicos na ligação à Internet			
Diferença de fuso horário			
Custo das chamadas telefónicas			
Custo de acesso à Internet			
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo			

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.
8. Para concluir, agradeço também que mencione eventuais apoios que gostaria de receber por parte da *GNR* durante os períodos em que o seu familiar se encontra ausente em missão no estrangeiro.

Obrigado pela sua colaboração
Asp Andreia Lopes

APENDICE P- ENTREVISTA UM À FAMÍLIA

I. CARACTERIZAÇÃO SÓCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A).

Idade: 38

Género: *Feminino*

Habilitações literárias: *Licenciatura em Ciências da Comunicação*

Profissão: *Gestora de Conta em empresa de Tecnologias de Informação*

Estado Civil: *Casada*

Relação de parentesco com o militar: *Esposa*

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Quando recebe a notícia de que o seu familiar vai participar numa missão qual é normalmente a sua reacção?

Obviamente que nunca é uma notícia agradável para quem cá fica. O conceito de família, ainda é a união, pelo que ter o mesmo lar e partilhar alegrias e tristezas dentro desse lar é o lema. Assim, é sempre um choque, nunca se sabe o que poderá acontecer, quais os perigos. A ansiedade é grande....

2. Apoia a decisão ou procura demovê-lo a ir?

A decisão é apoiada, pois uma pessoa só está feliz no seio da família se profissionalmente se sentir realizada. E ter uma missão internacional neste tipo de funções é, com certeza, um desejo de qualquer militar.

3. Considera-se bem informado/a sobre quais são as funções desempenhadas pelo militar neste tipo de missão?

Sim, fui esclarecida.

4. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da ausência do seu “militar” para a vida familiar?

Implicações são sempre várias, ao nível da educação dos filhos. No caso em concreto, com uma criança com 1 ano de idade que começou a andar e o pai não estava presente, começou a dizer as primeiras palavras e o pai não estava presente. Também ao nível e apoio, com uma criança pequena, as doenças são uma constante, as noites mal dormidas são muitas e não há partilha das tarefas. Também não é uma tarefa fácil.

5. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em gerir a ausência do seu familiar?

Não houve um pico de dificuldades, felizmente o resto da família e os verdadeiros amigos estavam lá. A missão do Iraque pelos perigos associados e incidentes, não foi fácil de suportar.

6. Que apreciação faz das estruturas de apoio da GNR aos familiares dos militares em missões internacionais?

Acredito que hoje, passado mais de 8 anos, muita coisa tenha mudado. Na altura esse apoio estava muito incipiente, não era muito formal nem esclarecedor. No entanto, como me considero uma privilegiada ao nível dos contactos da GNR, sempre tive apoio e contactos por parte de algumas pessoas da instituição, nomeadamente a Ajudante de Campo da altura (Tenente Cláudia Santos) e alguns camaradas de curso de meu marido. O General Cunha Lopes, segundo Comandante, foi quem mais deu a cara.

7. Já recebeu algum tipo de apoio quando o militar estava fora? De que tipo?

A Tenente Cláudia Santos, na altura promoveu um encontro com o General Mourato Nunes, na altura General Comandante da GNR. Também de louvar que na chegada dos militares a Portugal tive o privilégio de o ir receber ao avião.

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES, CONSIDERE A ÚLTIMA MISSÃO EM QUE O SEU MILITAR PARTICIPOU).

1. Quais são os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar o seu familiar?

De início tínhamos o telefone, posteriormente e de forma racionada o e-mail.

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Talvez, apesar de ter consciência que as infra-estruturas em teatros de guerra são difíceis, acredito que hoje o acesso à internet e respectivamente redes sociais, skype e e-mail, além do telefone devem ser promovidos neste tipo de missões.

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com o seu familiar?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					
Telemóvel particular						X
Skype						X
Correio electrónico				X		
Redes Sociais (facebook, etc.)						X
Correio tradicional						X
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telefone	Ouvir a pessoa
Meio 2	mail	Para enviar documentos e comunicar gratuitamente
Meio 3	-	-

5. Peça-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Skype	Não havia a proliferação na altura
Meio 2	Fax	Não era directo
Meio 3	Correio tradicional	Não fazia muito sentido. Podia haver extravio

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peça-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet	X		
Diferença de fuso horário			X
Custo das chamadas telefónicas		X	
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X
Privacidade nas condições de uso do telefone fixo	X		

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

É importante um apoio por parte das altas chefias. Os medos, as dúvidas e o apoio incondicional por parte da instituição é fundamental, além das bases familiares e dos amigos,

8. Para concluir, agradeço também que mencione eventuais apoios que gostaria de receber por parte da GNR durante os períodos em que o seu familiar se encontra ausente em missão no estrangeiro.

O contacto mais directo por parte das altas chefias, talvez a criação de um “oficial de Ligação” aos familiares ou um gabinete de apoio.

É inaceitável que tenham retirado aos familiares dos militares a assistência médica. O nosso poder político deveria ser responsabilizado.

APÊNDICE Q - ENTREVISTA DOIS À FAMÍLIA

I. CARACTERIZAÇÃO SÓCIOGRÁFICA DO ENTREVISTADO (A).

Idade: 34

Género: *Feminino*

Habilitações literárias: *Bacharelato em Engenharia Química*

Profissão: *Gestão Clínica*

Estado Civil: *Solteira*

Relação de parentesco com o militar: *Companheira*

II. EMPENHO EM MISSÕES INTERNACIONAIS E RELACIONAMENTO FAMILIAR

1. Quando recebe a notícia de que o seu familiar vai participar numa missão qual é normalmente a sua reacção?

É naturalmente uma reacção de tristeza

2. Apoiar a decisão ou procura demovê-lo a ir?

É sempre uma decisão apoiada

3. Considera-se bem informado/a sobre quais são as funções desempenhadas pelo militar neste tipo de missão?

Sim

4. Na sua apreciação, quais são as principais implicações da ausência do seu "militar" para a vida familiar?

A instabilidade pessoal e emocional. A presença do companheiro no seio familiar representa segurança, estabilidade e apoio emocional, na sua ausência têm de se gerir emoções de ambas as partes para a protecção individual e incentivo a levar um dia a dia com a maior naturalidade possível na sua ausência.

5. Em que fase da missão sentiu mais dificuldades em gerir a ausência do seu familiar?

A fase inicial é a mais difícil de suportar até à etapa seguinte; a habituação.

6. Que apreciação faz das estruturas de apoio da *GNR* aos familiares dos militares em missões internacionais?

Nunca achei necessário solicitar nenhum apoio, não posso fazer qualquer apreciação.

7. Já recebeu algum tipo de apoio quando o militar estava fora? De que tipo?

Não

III. MEIOS E DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO ENTRE MILITARES DESTACADOS E FAMÍLIA (NA RESPOSTA AS SEGUINTEs QUESTÕES, CONSIDERE A ÚLTIMA MISSÃO EM QUE O SEU MILITAR PARTICIPOU).

1. Quais são os meios de comunicação que tinha à sua disposição para contactar o seu familiar?

Telefone e internet

2. Os meios que mencionou, são a seu ver suficientes e adequados à manutenção de contactos regulares entre militares e família?

Sim

3. Que meios de comunicação usou mais frequentemente para contactar com o seu familiar?

Meios de comunicação	Diariamente ou quase	Duas a três vezes por semana	Uma vez por semana	Menos do que uma vez por semana	Muito raramente	Não utiliza
Telefone de serviço	X					
Telemóvel particular					X	
Skype					X	
Correio electrónico				X		
Redes Sociais (facebook, etc.)					X	
Correio tradicional						X
Fax						X

4. Pensando nos três meios de comunicação que usou mais frequentemente, por favor diga para cada um deles a razão dessa preferência:

Meios	Identifique	Razões de preferência
Meio 1	Telefone fixo	Gratuito
Meio 2	Telemóvel serviço	Só quando esta fora do quartel
Meio 3	e-mail	Envio de informação

5. Peço-lhe agora que faça o mesmo exercício, mas desta vez para os três meios de comunicação usados menos frequentemente ou não usados de todo.

Meios	Identifique	Razões de uso menos frequente ou não uso
Meio 1	Fax	O que se enviaria por fax é feito por e-mail
Meio 2	Correio Tradicional	É dispendioso e demora demasiado tempo
Meio 3	Skype	É muito lenta a velocidade da internet.

6. Pensando agora nas dificuldades que podem ocorrer na comunicação entre militares e família peço-lhe que indique que grau de dificuldade associa aos seguintes factores:

	Dificulta muito	Dificulta alguma coisa	Não dificulta
Problemas técnicos na ligação por telefone			X
Problemas técnicos na ligação à Internet		X	
Diferença de fuso horário		X	
Custo das chamadas telefónicas		X	
Custo de acesso à Internet			X
Conhecimentos necessários para tirar partido da Internet			X

Privacidade nas condições de uso do telefone fixo			X
---	--	--	---

Se considerar pertinente, por favor indique outro tipo de dificuldades:

7. Agradeço que mencione sugestões/propostas que eventualmente possam contribuir para melhorar as necessidades de comunicação entre militares destacados em missões e as respectivas famílias.

Internet banda larga

8. Para concluir, agradeço também que mencione eventuais apoios que gostaria de receber por parte da GNR durante os períodos em que o seu familiar se encontra ausente em missão no estrangeiro.

Não acho necessário

ANEXOS

ANEXO A- MISSÕES REALIZADAS

Quadro A.1 - Missões de Polícia Civil

Organização	País	Operação	Ano
UEO	Roménia	DANÚBIO	1995
ONU	Angola	UNAVEM	1995-1996
		MONUA	1997-1999
	Timor	UNTAET	2000
		UNMISSET	2002-2003
		ONUTIL	2003-2006
	Libéria	UNMIL	2004-2005
	Haiti	MINUSTAH	2004-2005
	Costa do Marfim	UNOCI	2004-2005
	Republica Dominicana do Congo	MONUC	2003
OSCE	Macedónia	SKOPJE	2002-2003
UE	Republica Dominicana do Congo	KINSHASA	2005-2006
	Macedónia	PRÓXIMA	2005
	Faixa de Gaza	RAFAH	2005-2007
	Bósnia Herzegovina	EUPM	2007-2008
	Palestina	EUCOPPS	2007-2008
	Kosovo	EULUX	2008-2009

Fonte: CRUZ, (2010: 322).

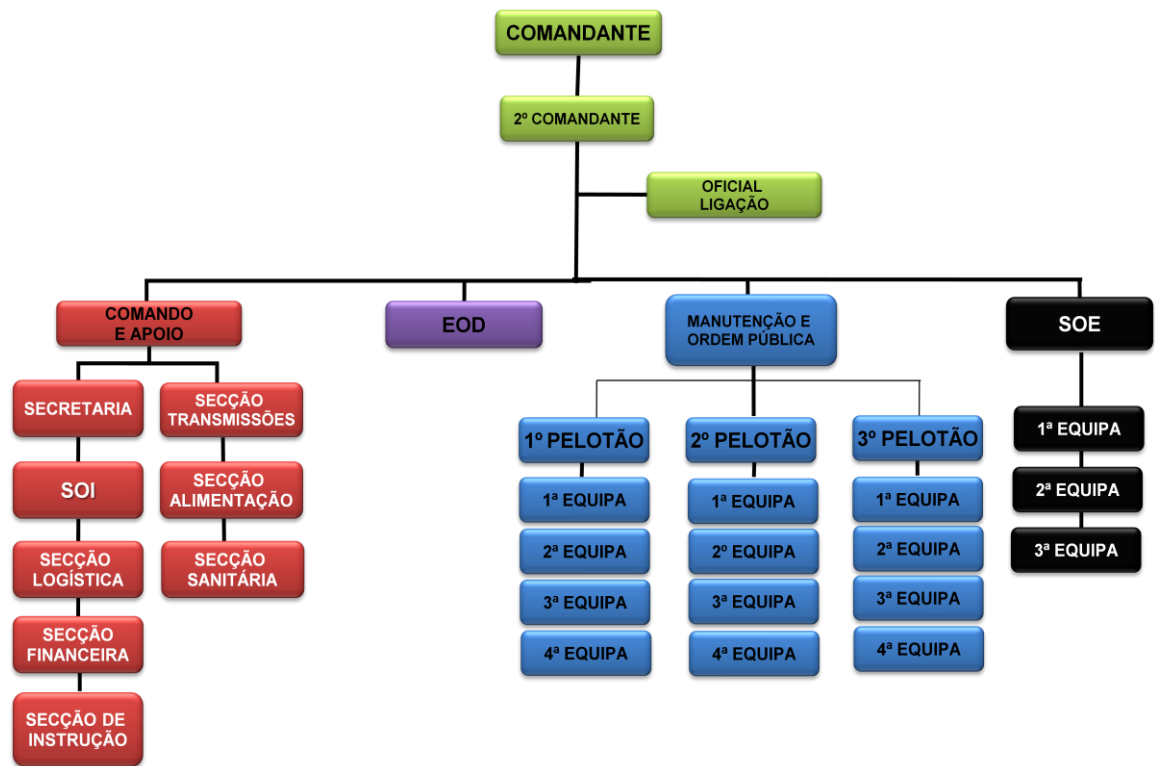
QUADRO A.2 - Missões SPU

Organização	País	Operação	Ano
ONU	Timor-Leste	UNTAET	2000-2002
Coligação <i>Ad hoc</i>	Iraque	Antiga Babilónia	2003-2005
Acordo Bilateral ONU	Timor-Leste	LAFAEK	2006
		UNMIT	Em Curso
UE	Bósnia Herzegovina	Missão Althea	Em Curso

Fonte: CRUZ, (2010: 340).

ANEXO B - ORGANOGRAMA DO SUBAGRUPAMENTO BRAVO

Figura B.1 – Organograma do SubAgrupamento Bravo



Fonte: UI, 2011

ANEXO C – EFECTIVO DO 10º CONTINGENTE

QUADRO C.1 - Total de efectivo do 10º Contingente

Oficiais	Sargentos	Guardas	Total
7	17	116	140

Fonte: UI, 2011

QUADRO C.2 – Especialidades do 10º Contingente

Transmissões		Serviço de Material	Sessão Sanitária	Administração Militar
Manutenção	Explorador/operador	0/0/2	0/1/0	0/1/1
0/1/1 ¹⁰	0/1/3			

Fonte: UI, 2011

¹⁰ O primeiro algarismo refere-se a Oficiais, o segundo a Sargentos e o terceiro a Guardas

ANEXO D – MEIOS DE COMUNICAÇÃO DISPONÍVEIS EM TIMOR

QUADRO D.1 – Telefones

Equipamento	Marca/Modelo	Quant.	S/N	Observações
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		INOP Portugal
Telefone	Shiro	1		Oficina Radio
Telefone	Shiro	1		Oficina Radio
Telefone	Shiro	1		Arrecadação
Telefone	Shiro	1		Obras
Telefone	Shiro	1		Oficina Auto
Telefone	Shiro	1		Casa da Guarda
Telefone	Shiro	1		EOD
Telefone	Shiro	1		Caserna Feminina
Telefone	Shiro	1		Quiosque Telefone
Telefone	Shiro	1		Quiosque Telefone
Telefone	Shiro	1		Quiosque Telefone
Telefone	Shiro	1		Quiosque Telefone
Telefone	Shiro	1		Quiosque Telefone
Telefone	Shiro	1		Quiosque Telefone
Telefone	Shiro	1		Casa da Agua
Telefone	Shiro	1		Atendimento
Telefone	Shiro	1		Debaixo das Escadas
Telefone	Shiro	1		Sala de Reuniões
Telefone	Shiro	1		Central
Telefone	Shiro	1		Central
Telefone	Shiro	1		Quarto CMDT Pel
Telefone	Shiro	1		Quarto CMDT
Telefone	Shiro	1		Quarto Sarg
Telefone	Shiro	1		Secretaria
Telefone	Shiro	1		Secretaria
Telefone	Shiro	1		Secretaria
Telefone	Shiro	1		Secretaria
Telefone	Shiro	1		Secretaria
Telefone	Shiro	1		Gab. CMDT Pel
Telefone	Shiro	1		Gab. CMDT Pel
Telefone	Shiro	1		Corredor 1º Piso
Telefone	Shiro	1		Corredor 1º Piso
Telefone	EleCom	1		INOP Portugal

RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	MOTOROLA GP360	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	MOTOROLA GP360	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	MOTOROLA GP360	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	MOTOROLA GP360	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	MOTOROLA GP360	UN
RÁDIOS PORTÁTEIS	ICOM IC_F51	UN

Fonte: Secção de Transmissões da UI, 2011

QUADRO D.3 – Rádios Móveis

EQUIPAMENTO	MODELO
RÁDIOS MÓVEIS	KYODO
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1610
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	MOTOROLA GM380
RÁDIOS MÓVEIS	KENWOOD TK – 7189
RÁDIOS MÓVEIS	KENWOOD TK – 7189
RÁDIOS MÓVEIS	KENWOOD TK – 7189
RÁDIOS MÓVEIS	KENWOOD TK – 7189

RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	QMAC HF – 90
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	ICOM IC_F1810
RÁDIOS MÓVEIS	KENWOOD TK – 7180
RÁDIOS MÓVEIS	KENWOOD TK – 7180
RÁDIOS MÓVEIS	KENWOOD TK – 7180
RÁDIOS MÓVEIS	KENWOOD TK – 7180

Fonte: Secção de Transmissões da UI, 2011

QUADRO D.4 – Telemóveis de serviço

EQUIPAMENTO	MODELO
TELEMOVÉIS	NOKIA 6230i
TELEMOVÉIS	NOKIA 6230i
TELEMOVÉIS	NOKIA 6230i
TELEMOVÉIS	NOKIA 6020
TELEMOVÉIS	NOKIA 6020
TELEMOVÉIS	NOKIA 6020
TELEMOVÉIS	NOKIA 6020
TELEMOVÉIS	NOKIA 6020
TELEMOVÉIS	NOKIA 1600
TELEMOVÉIS	NOKIA 1600
TELEMOVÉIS	NOKIA 1600
TELEMOVÉIS	NOKIA 2630
TELEMOVÉIS	NOKIA 2630
TELEMOVÉIS	NOKIA 2630
TELEMOVÉIS	NOKIA 1600
TELEMOVÉIS	NOKIA 6233

Fonte: Secção de Transmissões da UI, 2011

QUADRO D.5 - Computadores

EQUIPAMENTO	MODELO	QUANT	OBSERVAÇÕES
PC Desktop	DC 7600	1	Quiosque01
PC Desktop	DC 7600	1	Quiosque02
PC Desktop	DC 7600	1	Quiosque03
PC Desktop	DC 7600	1	Quiosque04
PC Desktop	DC 7600	1	Quiosque05
PC Desktop	DC 7600	1	Quiosque06
PC Desktop	DC 7600	1	Quiosque07
PC Desktop	DC 7600	1	Quiosque08
PC Desktop	D 530 C	1	Arrecadação
PC Desktop	DC 7600	1	Central
PC Desktop	DC 7600	1	Secretaria
PC Desktop	DC 7600	1	Secretaria
PC Desktop	DC 7600	1	Secretaria
PC Desktop	DC 7600	1	Secretaria
PC Desktop	DC 7600	1	Secretaria
PC Desktop	DC 7600	1	Secretaria
PC Desktop	DC 7600	1	CMDT
PC Desktop	DC 7600	1	Gab. CMDT Pel.
PC Desktop	D 530 C	1	Sargentos
PC Desktop	DC 7600	1	Sargentos
PC Portátil	IBM ThinkPad	1	Instrução
PC Portátil	IBM ThinkPad	1	Arrecadação
PC Portátil	HP Compaq NX 9010	1	Oficina Rádio
PC Portátil	HP Compaq NX 9010	1	Oficina Rádio
PC Portátil	IBM ThinkPad	1	SOI
PC Portátil	Fujitsu	1	Oficina Rádio
PC Portátil	ACER Travelmate 2410	1	Oficina Rádio
PC Portátil	Toshiba PSA80E	1	Central
PC Portátil	HP Compaq NX5000	1	Central
PC Portátil	Fujitsu	1	Central
PC Portátil	Fujitsu	1	Secretaria
PC Portátil	Fujitsu	1	Secretaria
PC Portátil	Toshiba Tecra A9	1	CMDT
PC Portátil	HP Compaq NX 9010	1	Gab. CMDT Pel.
PC Portátil	IBM ThinkPad	1	Gab. CMDT Pel.
PC Portátil	IBM ThinkPad	1	Gab. CMDT Pel.
PC Portátil	IBM ThinkPad	1	Gab. CMDT Pel.
PC Portátil	IBM ThinkPad	1	Gab. CMDT Pel.

Fonte: Secção de Transmissões da UI, 2011

ANEXO E - CHAMADAS REALIZADAS PELO 10º CONTINGENTE

QUADRO E.1 - Custo de chamadas telefónicas do 10º Contingente

SECCÕES / SUBUUNN	FUNÇÃO / LOCAL	EXTENSÃO	CONSUMOS/GASTOS - 2010		
			OUT	NOV	DEZ
10º Contingente	Sub-Agrupamento BRAVO (Timor)	77777	389,712	823,805	705,842
SECCÕES / SUBUUNN	CONSUMOS/GASTOS - 2011				TOTAL
	Jan-11	Fev-11	Mar-11	Abr-11	
10º Contingente	627,403	53,796	56,858	44,897	2702,313

Fonte: Secção de Transmissões da UI, 2011.

QUADRO E.2 - Total de Chamadas e nº de impulsos realizados

TOTAL		
CHAMADAS	IMPLUSOS	PREÇO
1.813	67.040	3.700,608 € ¹¹

Fonte: Sessão de Transmissões da UI, 2011

¹¹ Os valores não são iguais no Quadro E.1 e no Quadro E.2 uma vez que no período de transição de contingentes (mês de Outubro) existe um período em que se sobrepõem as comunicações de dois contingentes; o que está de saída e o que acabou de chegar.

ANEXO F – HORÁRIO DAS CHAMADAS TELEFÓNICAS



GUARDA NACIONAL REPUBLICANA UNIDADE DE INTERVENÇÃO SOIRP

EXMº SENHOR

SECÇÃO DE RECURSOS HUMANOS
SECÇÃO DE RECURSOS LOGÍSTICOS E FINANCEIROS
SECÇÃO DE FORMAÇÃO E TREINO
SECÇÃO DE JUSTIÇA
CHEFE DE GABINETE DO EXMº CMDT
SECRETARIA DA UNIDADE

EXMº SENHOR CMDT

2.º CMDT
GIPS
GIOP
GIOE
GIC
CCS
CHES

Sec. TSE

Pº 300.20.01

VERBETE Nº 474

Lisboa, Santa Bárbara, 14MAR11


ASSUNTO: HORÁRIO DAS CHAMADAS TELEFÓNICAS PARA O SUBAGR BRAVO

1. Na sequência do seu despacho de 14MAR11, encarrega-me o Exmo Major-General comandante da Unidade de informar que os horários em vigor, a partir da presente data, para as chamadas telefónicas que impliquem a intervenção da Central Telefónica do quartel de Santa Bárbara, são os seguintes:

Entre as 15H00 e as 10H00 (horas de Timor), o que corresponde ao período entre as 06H00 e as 01H00 na hora de Portugal (no caso de se verificarem nove horas de diferença entre Portugal e Timor);

Entre as 14H00 e as 09H00 (horas de Timor), o que corresponde ao período entre as 06H00 e as 01H00 na hora de Portugal (no caso de se verificarem oito horas de diferença entre Portugal e Timor).

2. Nas chamadas que não implicam a ligação à Central Telefónica de Santa Bárbara, como são exemplo as que se efectuam a partir da rede fixa nacional, poderá o supra-referido horário ser alargado de acordo com a determinação do comandante do Subagrupamento e tendo em consideração as regras de funcionamento da Central Telefónica do aquartelamento em Timor.

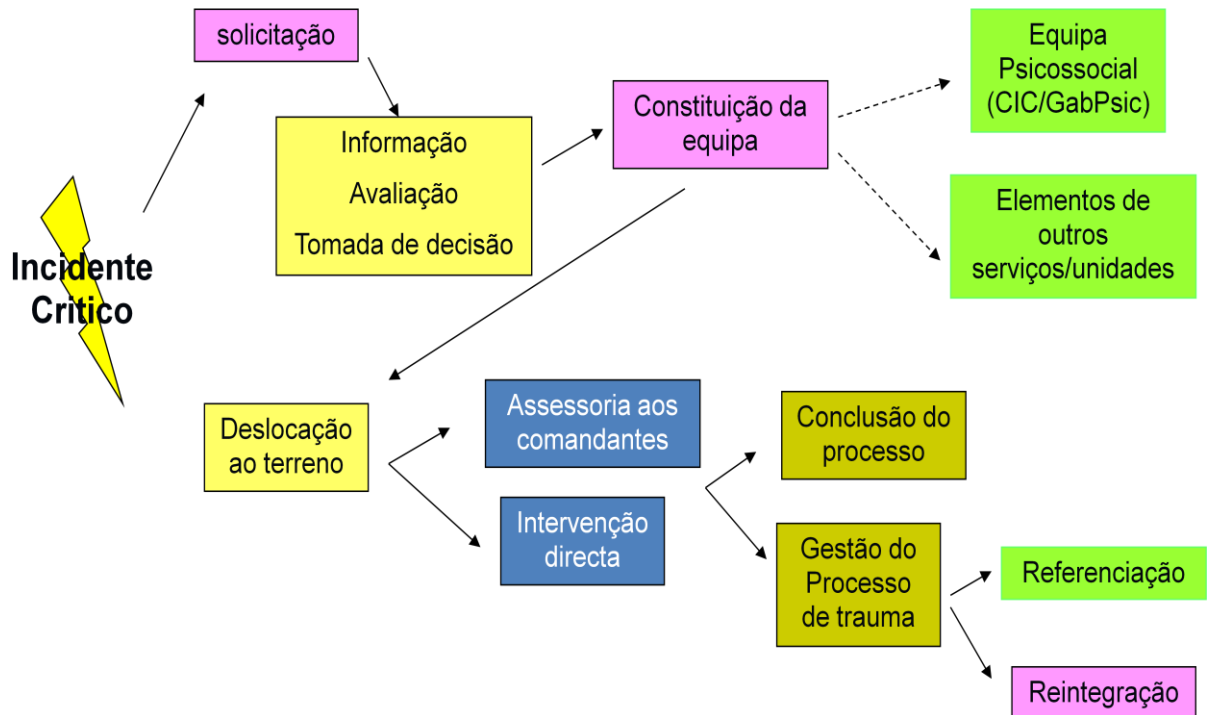
O CHEFE DA UNIDADE

PEDRO RIBEIRO DUARTE
TCOR INF

Rua Jacinta Marto nº 5 1169-091 Lisboa • Tel: 213589186 • Fax: 213589189 • E-mail: ui.soir@gnr.pt • Nº Fiscal: 600008878

Fonte: UI, 2011.

ANEXO G - MODELO PSICOSSOCIAL DA GNR

Figuras F.1: Modelo psicossocial da GNR



Fonte: CPIS, 2011.